



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ADRIANA LEDEZMA BLANCHART

SUBJETIVIDADES ENGENDRADAS: configurações sexo-afetivas de
mulheres heterossexuais, urbanas, de classe média do Brasil

Recife

2022

ADRIANA LEDEZMA BLANCHART

SUBJETIVIDADES ENGENDRADAS: configurações sexo-afetivas de
mulheres heterossexuais, urbanas, de classe média do Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Antropologia da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestra em Antropologia.
Área de concentração: Antropologia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiana Maizza

Recife

2022

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

- B639s Blanchart, Adriana Ledezma.
 Subjetividades engendradas : configurações sexo-afetivas de mulheres heterossexuais, urbanas, de classe média do Brasil. / Adriana Ledezma Blanchart. – 2022.
 135 f. : 30 cm.
- Orientadora : Prof^a. Dr^a. Fabiana Maizza.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2022.
 Inclui referências.
1. Antropologia. 2. Identidade de gênero. 3. Heterossexualidade. 4. Feminismo. 5. Subjetividade. I. Maizza, Fabiana (Orientadora). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2023-025)

ADRIANA LEDEZMA BLANCHART

SUBJETIVIDADES ENGENDRADAS: configurações sexo-afetivas de
mulheres heterossexuais, urbanas, de classe média do Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Antropologia da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito para a
obtenção do título de Mestra em Antropologia.
Área de concentração: Antropologia

Aprovada em: 08/11/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Fabiana Maizza (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof^a. Dr^a. Ana Cláudia Rodrigues da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof^a. Dr^a. Valeria Mendonça de Macedo (Examinador Externo)
Universidade Federal da São Paulo - UNIFESP

AGRADECIMENTOS

Meu imenso agradecimento às mulheres que muito carinhosamente concordaram em partilhar momentos importantes das suas vidas comigo para esta dissertação.

À minha orientadora, Fabiana Maizza, pelo percurso instigante e enriquecedor por outros andares antropológicos; pela amizade e o apoio ao longo deste sinuoso processo.

Aos professores do PPGA, pela afetuosa receptividade. Em especial a Prof. Hugo Menezes, Prof^a. Ana Cláudia Rodrigues e Prof. Alex Vailati. Pela sua entrega e compromisso com os processos de construção do conhecimento.

Ao Prof. Parry Scott, que aceitou generosamente revisar meu projeto e sugeriu-me referências valiosas.

A toda a turma de mestrado e doutorado do PPGA-UFPE de 2019. Compartilhar os nossos projetos e as nossas reflexões têm sido muito importantes para mim. Cada um de vocês fez com que o deslocamento geográfico e cultural a uma terra desconhecida fosse uma experiência inimaginável de aprendizado coletivo.

Ao ‘bloco mexicano’. Lizet Rivera, *mi comis*, e Ferdinando A. Armenta Iruretagoyena, *compita*. Pelas risadas e momentos compartilhados em Recife. Muito feliz de tê-los cruzado no meu caminho.

À Thayane Fernandes, pelas loucas e alegres coreografias com as que transita e ilumina a cidade.

À Beatriz Helena Muñoz, *panita*. Pelas intermináveis conversas sobre a vida e o feminismo através dos longos anos de nossa carinhosa amizade.

As minhas irmãs, Claudia e Nuri. Pelos encontros e desencontros. Meus amores da vida. As levou sempre no peito.

À minha mãe, Maria Elena Blanchart, pelo amor e o cuidado sem igual. Mãe, mil vezes tenho sonhado as palavras certas para te expressar tudo o que você é na minha vida. Elas nunca parecem fazer justiça a intensidade e beleza de seu ser, e ao amor inefável que tenho por você. Continuarei procurando as palavras, por agora quero só te dizer: *¡Gracias por tanto!*

Ao meu pai, pelo seu amor e alegria contagiante pela dança. *¡Que siga la rumba siempre!*

À Enaide Vidal Pires por me compartilhar amorosamente suas poesias e histórias.

À Nadja Alencar, Henrique Pinho e Rebeca Alencar pelo grande carinho e acolhimento. À Nadja pelas conversas, às risadas e às cervejas. À Henrique pelas suas comidas deliciosas. À Rebeca pela sua especial doçura.

À Lucas. Pelos silêncios que habitamos em qualquer lugar, que são casa. Este projeto não seria possível sem você. É só tu sabes quando isso é verdade. Te amo no profundo.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo explorar as relações de gênero e as vivências sexo-afetivas de mulheres heterossexuais, brancas e de classe média do Brasil. Os conceitos de gênero e sexualidade são considerados desde uma perspectiva feminista. Essas categorias representam pilares centrais nas conceitualizações da subordinação das mulheres no Ocidente. Sua premissa fundamental é que tanto o gênero quanto a sexualidade são configurações históricas específicas constituídas nos marcos culturais das sociedades em que elas se desenvolvem. Os trabalhos de Butler e De Lauretis reformularam estas premissas procurando superar uma noção fixa da identidade. Suas formulações enfatizam o caráter dinâmico da subjetividade engendrada, considerando-a um processo contínuo entre a dimensão discursiva e a dimensão prática dos sujeitos sociais. Nesse sentido, as narrativas feministas são também consideradas como parte dos discursos, configurando a categoria “mulher” na atualidade. Partindo desses pressupostos, a pesquisa adentra o universo de 6 mulheres brasileiras. Por meio de suas narrativas, aprofunda-se na interação entre as experiências de gênero e sexualidade e como tais experiências são significadas. O trabalho revisita as transformações resultantes da revolução sexual e de como essas mudanças culturais são vivenciadas pelas mulheres hoje em dia. A partir dessa exploração, é possível constatar que as vivências de gênero e sexualidade são negociações complexas, dinâmicas e constantes, nas quais, por vezes, as normas são reiteradas ou deslocadas e ressignificadas, sem que isso tenha necessariamente efeitos de transformação. Explorando os relatos, podemos reconsiderar que, hoje em dia, para uma certa classe média branca brasileira, é “normal” que as mulheres: alternem períodos de sexo heterossexual fora do relacionamento e sexo heterossexual em relações monogâmicas baseadas exclusivamente no amor e/ou no prazer; que casem-se por amor; que tenham relações sexuais, no matrimônio, baseadas no princípio do prazer (e não na reprodução); que a reprodução seja uma possibilidade dependendo de fatores como equidade em tarefas domésticas e estabilidade econômica; que a insatisfação sexual seja motivo de separação, e que essas características sejam procuradas constantemente em novos relacionamentos.

Palavras-chave: gênero; sexualidade; feminismo; subjetividade.

ABSTRACT

This paper aims to explore the gender relations and sex-affective experiences of heterosexual, white, middle-class women in Brazil. The concepts of gender and sexuality are considered from a feminist perspective. These categories represent central pillars in conceptualizations of women's subordination in the West. Their fundamental premise is that both gender and sexuality are specific historical configurations constituted within the cultural frameworks of the societies in which they develop. The works of Butler and De Lauretis have reformulated these premises by seeking to overcome a fixed notion of identity. Their formulations emphasize the dynamic character of engendered subjectivity, considering it to be a continuous process between the discursive and the practical dimensions of social subjects. In this sense, feminist narratives are also considered as part of the discourses, configuring the category "woman" today. Based on these assumptions, the research enters the universe of 6 Brazilian women. Through their narratives, it delves into the interaction between the experiences of gender and sexuality and how these experiences are signified. The work revisits the transformations resulting from the sexual revolution and how these cultural changes are experienced by women today. From this exploration, it is possible to see that experiences of gender and sexuality are complex, dynamic, and constant negotiations in which norms are sometimes reiterated or displaced and re-signified, without necessarily having transformative effects. Exploring their tales, we can reconsider that today, for the white Brazilian middle class, it is "normal" that women: alternate periods of heterosexual sex outside a relationship and heterosexual sex in monogamous relationships based exclusively on love and/or pleasure; that they marry for love; that they have sexual relations, in marriage, based on the principle of pleasure (and not on reproduction); that reproduction is a possibility depending on factors such as equity in domestic chores and economic stability; that sexual dissatisfaction is a reason for separation, and that these characteristics are constantly sought in new relationships.

Keywords: gender; sexuality; feminism; subjectivity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	INSERÇÃO E PARTICULARIDADES DO CAMPO.....	12
2	GÊNERO E SEXUALIDADE NA SEGUNDA ONDA	16
2.1	O PESSOAL É POLITICO: OS FUNDAMENTOS POLÍTICO-CULTURAIS DA SEGUNDA ONDA.....	18
2.2	O DEBATE DAS GUERRAS DO SEXO.....	26
3	AS DIFERENTES VERSÕES DA MULHER BRASILEIRA EM QUESTÃO	35
3.1	INFÂNCIA.....	35
3.2	ADOLESCÊNCIA E PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS SEXO-AFETIVAS.....	40
3.3	SEGUNDA PARTE.....	47
3.3.1	Insatisfação Sexual	47
3.3.2	Ciúmes	51
3.3.3	Prazer Sexual	53
3.3.4	Sentimentos românticos	57
3.3.5	Paqueras	60
3.3.6	Monogamia/ não-monogamia	62
3.3.7	Casamento.....	65
3.3.8	Pornografia.....	69
3.3.9	Gravidez e maternidade.....	71
3.3.10	Masturbação	75
3.3.11	Vida de Solteira	77
3.3.12	Desejo por mulheres/sentimentos por mulheres.....	80
3.3.13	Consentimento.....	81
4	DISTINTAS INTERPRETAÇÕES FEMINISTAS.....	83
4.1	A CONSOLIDAÇÃO DE GÊNERO.....	83
4.2	A DIVISÃO CULTURAL DA CATEGORIA MULHER- HETEROSSEXUAL.....	90
4.3	A PERSPECTIVA RADICAL: A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL	99
5	AS CONTRIBUIÇÕES DA TERCEIRA ONDA	105
5.1	A TEORIA QUEER.....	106

5.2	A AGÊNCIA DAS ENTREVISTADAS.....	109
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
	REFERÊNCIAS.....	132

1 INTRODUÇÃO

No meu percurso acadêmico, o argumento de que a divisão entre sociologia e antropologia faz parte de uma tradição institucional que consolidava e reificava a Alteridade, a emblemática divisão entre “Nós” e “Eles”, era bastante prevalente. Eu fiz a minha graduação em antropologia em uma universidade canadense, mais especificamente em Montreal, Quebec. Um dos cursos que mais me marcou foi o ministrado pela professora Mariella Pandolfi tratando dos *nouveaux terrains*, sobretudo a antropologia das instituições, revisando trabalhos dela mesma em colaboração com Vincent Crapanzano (2008), Marc Abélès (1993) e Didier Fassin (2011).

Contudo, o departamento de antropologia da Universidade de Montreal não tinha nenhum curso tratando especificamente de gênero, outro dos meus principais interesses. Foi então que, aproveitando o programa de intercâmbio entre universidades no Quebec, me inscrevi em dois cursos do departamento de antropologia da Universidade Concordia: “Gênero e sociedade” e “A construção social da sexualidade”. Foi na confluência das reflexões geradas principalmente entre esses cursos que meu objeto de estudo e o meu marco teórico para a presente pesquisa se definiram. Por um lado, as *mises en question* sobre a interdependência entre o exotismo e o objeto de estudo especificamente antropológico me instigaram a questionar sobre a possibilidade e a pertinência do olhar antropológico sobre nossas próprias sociedades. Por outro lado, a literatura feminista, na qual se apoiava em grande medida a bibliografia dos cursos na Universidade de Concordia, me fizeram entender o político por fora do marco das instituições.

A ideia de morar e estudar em Brasil, especificamente em Recife, PE., foi resultado de projetos pessoais. Achando que a realidade brasileira compartilhava muitas características com a mexicana, considerei que desenvolver a pesquisa no país, me possibilitava mobilizar as minhas inquietações, tal como elas tinham tomado forma estudando no estrangeiro. O livro do antropólogo americano Richard Parker, “Bodies, pleasures, and passions: Sexual culture in contemporary Brazil”, constituiu a minha principal referência para o aprofundamento do tecido cultural brasileiro.

O seu trabalho confirmou, em alguma medida, as impressões que eu tinha sobre as similaridades entre a sociedade brasileira e a mexicana, sobretudo no que diz da prevalência da religião católica nos delineamentos das condutas sexuais e a forte hierarquização entre os gêneros.

Me interessei então em pesquisar como eram vivenciadas as transformações culturais da revolução sexual, na realidade brasileira. Foi somente morando em Recife, que compreendi que a divisão histórica da mulher no ocidente, exportada sob a empresa colonial nas américas, tinha

caraterísticas muito particulares articuladas à questão da categorização racial no país. Esse aspecto não sobressaía na pesquisa de Parker, onde aparentemente o gênero era o elemento central na estruturação da sexualidade no Brasil.

Nesse sentido, minha pesquisa se articulou ao redor da exploração das configurações culturais das relações de gênero e as vivências sexo-afetivas de mulheres, heterossexuais, brancas, de classe média do Brasil. O objetivo foi realizar uma exploração da norma, enquanto posição discursiva hegemônica. Assim, as teorizações feministas mobilizadas operam não só como ferramentas privilegiadas que dão conta das particularidades culturais do Ocidente, mas também como narrativas, influenciando essas mesmas configurações culturais. De fato, a revolução sexual no ocidente realiza um deslocamento da categorização histórica da mulher a partir de sua conduta sexual, caracterizada por Paglia como uma dicotomia entre: “Mary, the Holy Mother, and Mary Magdalene, the whore” (PAGLIA, 1994, p. 58 apud HUNGERFORD, 2016, p. 33).

Por outro lado, minha dissertação se nutriu do longo e, por vezes equívoco, diálogo que se teceu entre minha orientadora, Fabiana Maizza, e eu. Sua perspectiva sobre o fazer antropológico se encontrava, desde o início, em posição diametralmente oposta à minha, sendo ela etnóloga amazonista. Contudo, esse incômodo a partir do qual se firmou nosso diálogo mostrou-se especialmente enriquecedor e frutífero para meu entendimento do olhar antropológico.

Os textos lidos na sua disciplina foram cruciais para não deixar de restituir as teorizações feministas na pesquisa, enfatizando suas contribuições antropológicas. Os trabalhos de antropólogos como David Schneider (1998) e Marilyn Strathern (1995) constituíram outras ferramentas para o exercício de tornar o familiar estranho.

Em particular, o trabalho de Schneider (1998) proporcionou o modelo analítico de retomar em reiteradas ocasiões o que temos por conhecido, ou que nos é completamente familiar, para descentrá-lo e desmontá-lo nos seus elementos constitutivos. Dessa forma, ao longo da dissertação retomamos as narrativas feitas pelas entrevistadas mais de uma vez, para enxergá-las a partir de outras perspectivas.

Assim, a presente dissertação é uma exploração que, no marco da tradição feminista da segunda onda do ocidente, se pergunta “o que é se mulher?”, levando até às últimas consequências esse questionamento a partir dos desdobramentos que a terceira onda do feminismo coloca. Nesse estudo, entendo esse questionamento como central para desvendar a matriz cultural de ocidente sob

a qual se institui a categoria de indivíduo em duas ordens mutuamente excludentes dependendo das suas características anatômicas.

Em nossas sociedades atuais, a sexualidade feminina é muitas vezes um lugar de controle e de relações díspares entre parceiros, assim como também de prazer e autoconhecimento. Essas tensões, no centro de nossas experiências mais íntimas, são conformadas por processos culturais mais amplos. Contudo, estas transformações não são definitivas, elas se encontram o tempo todo em disputa. O objetivo desta pesquisa é explorar como esses processos refletem-se na vida concreta das mulheres que aceitaram participar do estudo. Como as mulheres vivem essas tensões, como estão constituídas suas experiências de gênero e sexualidade enquanto indivíduos do gênero feminino? Quais são as suas expectativas, as suas necessidades, e os seus desejos? Dentro de quais dinâmicas culturais é configurada a sua identidade de sexo-gênero e quais são suas implicações nas relações sexo-afetivas por elas empreendidas?

1.1 INSERÇÃO E PARTICULARIDADES DO CAMPO

Na qualificação, me foi sugerido propor às minhas colegas universitárias que participassem como as mulheres das quais o estudo tratava, numa tentativa de resolver a especificidade do recorte da pesquisa e, sobretudo, a questão do contato, dado o fato de eu ser relativamente nova na cidade. Embora me parecesse uma proposta facilitadora da viabilidade da pesquisa, fiquei preocupada com a possibilidade de desenvolver um grau de intimidade apropriado para levar a cabo proveitosamente as entrevistas. Dada a natureza altamente pessoal das questões planejadas, me parecia que realizar as entrevistas com pessoas desconhecidas favoreceria uma maior abertura.

Em uma situação na qual a pandemia de Covid-19 começava a se abrandar, decidi finalmente estender o convite para três mulheres do meu âmbito universitário, que aceitaram generosamente. Assim, duas das participantes foram escolhidas dessa forma. Decidiu-se não incluir a terceira participante, apesar de ter concluído as entrevistas, por ela não se identificar como branca, elemento crucial do meu recorte. Estabeleci o contato com outra participante de maneira informal e sem conhecê-la previamente. Ela é uma amiga de amigos. Na ocasião de uma reunião, tivemos a oportunidade de conversar sobre o meu projeto, o que gerou seu interesse em participar da pesquisa.

Mais duas participantes foram contatadas de forma aleatória depois que eu participei de uma atividade on-line sobre masturbação e ejaculação feminina.

Em maio de 2021, eu fiz um curso sobre feminismo lésbico e suas interseccionalidades. Ao final do curso, o grupo de WhatsApp que tinha se criado como meio de interação ficou ativo. Uma das participantes compartilhou um convite para uma oficina virtual em que ela mostrava técnicas de masturbação para ejacular. Eu quis participar da atividade por interesse pessoal e, só depois de terminada a sessão pensei que se tratava de um bom meio para encontrar potenciais participantes da pesquisa, já que as mulheres presentes de certa forma tinham disposição e abertura para tratar das suas experiências sexuais.

Um outro grupo de WhatsApp foi criado para a oficina e, por meio dele, me apresentei enquanto pesquisadora e expliquei brevemente meu projeto. No total, 6 mulheres se interessaram em participar, das quais só duas se encaixavam exatamente no perfil de mulheres heterossexuais, brancas e de classe média. Cabe mencionar que as categorias em questão foram concebidas como parte de sua autoidentificação. A pesquisa trata principalmente das dimensões normativas e como as mulheres as vivenciam em suas experiências. Como tal, a sua subjetividade foi o critério privilegiado para a sua participação. Realizei o contato com a última participante por meio da indicação de uma das mulheres com as quais fiz contato depois da atividade online. Essa participante convidou duas colegas de trabalho, o que me possibilitou travar contato com uma delas.

As minhas preocupações iniciais a respeito dos possíveis constrangimentos de realizar as entrevistas com mulheres que conhecia se dissiparam logo depois das primeiras entrevistas. Tanto as mulheres que eu conhecia, quanto as que não, se sentiram muito a vontade de confiar a mim suas vivências sexo-afetivas. Nesse sentido, as entrevistas semiestruturadas foram essenciais para deixar as mulheres falarem abertamente das experiências consideradas importantes para elas. Em contrapartida, às linhas diretrizes das entrevistas foram concebidas diligentemente para que as mulheres não se sentissem julgadas em momento nenhum. Sem dúvida, acredito que o fato de eu pertencer a seu universo cultural facilitou o grau de intimidade procurado para a pesquisa.

As questões da necessidade de um distanciamento do objeto de estudo por parte do pesquisador têm sido recorrentes nos debates antropológicos. Acredito que esse distanciamento é de fato necessário, porém, considero que se trata mais de um distanciamento possível de ser construído por meio do exercício analítico das realidades consideradas. O desafio é o de tornar o

famoso “regard éloigné” da disciplina para nossas próprias sociedades. No meu campo, as similitudes entre pesquisadora e entrevistadas se traduziram num posicionamento privilegiado para acessar as situações que me interessavam explorar. Porém, retomando a frase que Irène Bellier utilizou para descrever sua passagem de campos “exóticos” a campos da sociedade francesa, “à l’issue du terrain et à l’image du rêve de Verlaine (1866), “elle n’est ni tout à fait la même ni tout à fait une autre” (BELLIER, 2002, p. 13). Com efeito, diante das mulheres que aceitaram participar, eu também não era nem verdadeiramente “outra”, nem verdadeiramente uma “igual”.

Sendo assim, a reconstituição literária das vivências das mulheres que aceitaram participar flerta com a ideia do retrato de uma única mulher, nas suas distintas versões. Eu, enquanto escritora do texto, mulher heterossexual, branca, de classe média, da mesma faixa etária, figurou também como uma das possíveis versões dessa única mulher, embora não explicitamente. Certamente, a conceitualização da pesquisa e a sua estruturação delatam minhas preocupações como sujeito pertencendo a essa categoria social. Todavia, a minha alteridade, assentada na posição de pesquisadora e estrangeira, é reforçada pela minha ilusória ausência através dos relatos. Deste modo, as particularidades da sociedade brasileira são aprendidas desde as experiências das mulheres que aceitaram articulá-las para mim.

A esse respeito, um grande esforço foi feito para apresentar as suas histórias ‘tal qual’ me foram relatadas. Contudo, como todo texto antropológico, a inevitável fragmentação e simplificação de suas vidas é o resultado de como eu me vi refletida nessas histórias e de como eu as apresento. Do que eu, pesquisadora, feminista, mulher heterossexual, branca, de classe média, considero relevante para fazer o retrato dessa mulher de muitas faces. Com esse objetivo, imaginei e tentei compor uma construção textual onde a minha narração se entrelaçassem com as falas das mulheres entrevistadas.

A dissertação está organizada em quatro capítulos e um último apartado apontando para alguns aspectos complementários a ser considerados.

O primeiro capítulo apresenta os pressupostos principais das conceptualizações de gênero e sexualidade no feminismo da segunda onda (principalmente na sua vertente estado-unidense). Discorre sobre como a sexualidade e o gênero tem sido entendidos em ocidente, é o lugar que estes ocupam na sua organização social. As intervenções políticas e narrativas que o feminismo elabora diante dessa configuração cultural, nos dirigem a traves das contradições inerentes à noção de indivíduo da modernidade. Essas contradições se cristalizam de forma afiada no debate sobre a

sexualidade feminina travado pôr as feministas estadunidenses na década dos 80, as “Sex Wars”. As considerações elaboradas desde então continuam tendo repercussões até o dia de hoje, como será evidenciado no capítulo subsequente. Desse modo, o primeiro capítulo senta as bases sobre as quais serão consideradas as vivências das participantes.

O segundo capítulo consiste na exploração das distintas versões da mulher brasileira específica com a qual estamos tratando. Ele está dividido em duas partes: a primeira apresenta um retrato da sua infância e da sua adolescência. A segunda, organiza as suas vivências a partir de eixos temáticos que refletem as questões sobressalientes das discussões feministas.

No terceiro capítulo, as ressonâncias dos debates feministas que serviram de fundo para acompanhar as experiências das mulheres, são explicitamente mobilizadas para interpretá-las. A partir de posições liberais da sexualidade- tal qual foram produzidas no Brasil- e de posições radicais, explora-se como, depois de 70 anos, as implicações da revolução sexual nas sociedades urbanas são experienciadas nas constelações sexo-afetivas concretas das participantes no Brasil.

O quarto capítulo situa as ferramentas teóricas das análises queer dentro da progressão dos debates feministas e enfatiza como as suas contribuições operam potenciais continuidades e rupturas nos marcos interpretativos principais da segunda onda. E de que formas a sua utilização visibiliza outros aspetos de suas vivências. A proposta que se delineia a partir desse trajeto é a de sublinhar o caráter simultâneo de subordinação e privilégio das identidades femininas normativas.

2 GÊNERO E SEXUALIDADE NA SEGUNDA ONDA

O objetivo deste primeiro capítulo é explicitar as bases culturais do feminismo no Ocidente e os principais argumentos que se cristalizaram como consequência desse embasamento onto-epistemológico nas chamadas “Guerras do sexo” no feminismo estadunidense. Na década dos anos 1980, o feminismo norte americano se polarizou ao redor de duas leituras opostas do que teria significado a revolução sexual para a mulher¹ no Ocidente. As “Sex Wars” mobilizaram grande parte das feministas com mais visibilidade daquela época em dois bandos: as assim chamadas feministas radicais e as feministas pró-sexo.

Jessica Joy Cameron, feminista canadense, considera que, sobretudo dentro da academia, os argumentos das feministas pró-sexo tiveram mais peso e dominaram as abordagens feministas sobre gênero e sexualidade posteriores aos anos 90 (CAMERON, 2018). Há também dissertações, como a de Nichole Hungerford (2016), cujas elaborações dizem respeito àquelas posturas que consideram que o debate nunca foi resolvido. Nesse sentido, o seu trabalho propõe uma terceira postura, um tipo de síntese dos impasses teóricos colocados pelo debate. O argumento apresentado por Lynn Comella no seu artigo “Revisiting the Feminist Sex Wars”, publicado em 2015, segue a mesma linha. Nessa publicação, ela argumenta que o debate segue sendo pertinente para o pensamento feminista, embasando sua reflexão a partir das controvérsias que emergiram na sociedade euro-americana, dentro e fora do feminismo, a partir do filme “Cinquenta Tons de Cinza”.

Porém, sem dúvida alguma, o abandono predominante por parte das feministas e/ou acadêmicas no que tange à essa discussão ocorreu principalmente como resultado das críticas que o feminismo negro, os feminismos das mulheres de cor e, e em geral as feministas do Sul Global, articularam diante das posturas que definiram os fundamentos do debate. Os limites incontestáveis das perspectivas expostas estavam contidos na origem mesma do que foi o feminismo da segunda onda. A universalização das experiências de mulheres brancas, universitárias e de classe média representaram, nesse sentido, a força e o limite iminente desse momento na história do feminismo ocidental.

¹ Especificamente, a mulher branca. Esta questão será abordada posteriormente no texto.

A impossibilidade da categoria “Mulher”, como proposta pelas feministas brancas, de fazer referência ao leque variado de realidades de opressão vivenciada por todas as mulheres excluídas dessa realidade social deslegitimaram, em grande medida, as suas teorias universalistas da opressão, as suas reivindicações libertadoras (também universalistas) e sobretudo a hegemonia das suas problemáticas específicas.

A chamada terceira onda do feminismo se viu na obrigação de reconhecer a pluralidade de opressões e experiências das mulheres, assim como a perpetuação de opressões e privilégios que as feministas brancas reproduziram nas suas práticas e narrativas. Dessa maneira, a terceira onda se caracteriza pelas multiplicidades de vozes e atores envolvidos desigualmente no regime capitalista global. A proposta de apresentar aqui uma discussão especificamente norte-americana dos anos 80, o debate das guerras do sexo, está, paradoxalmente, orientada por essas críticas. De acordo com feministas do Sul Global, como Maria Lugones (2008) e a filósofa nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (1997), o "gênero" é uma categoria fundamentalmente colonial.

Oyèwùmí escreve:

The idea of modernity evokes the development of capitalism and industrialization, as well as the establishment of nation states and the growth of regional disparities in the World system. The period has witnessed a host of social and cultural transformations. Significantly, gender and racial categories emerged during this epoch as two fundamental axes along which people were exploited and societies stratified... A hallmark of the modern era is the expansion of Europe and the establishment of Euro/American cultural hegemony throughout the world. (OYEWUMI, 2002, p.1).

Nesse sentido, considero que as narrativas do feminismo ocidental têm sido um ator fundamental para as transformações e definições que a categoria “mulher” vem sofrendo historicamente e fazem parte da hegemonia cultural mundial a qual Oyèwùmí se refere. Ainda que, como apontado anteriormente, a categoria de “mulher – tal qual apresentado pelas feministas da segunda onda –, tenha sofrido críticas decisivas, as conceitualizações feministas da mulher têm influenciado profundamente as práticas culturais associadas à modernidade e proliferam incessantemente através a hegemonia discursiva ocidental.

Mais do que defender acriticamente a pertinência do debate em si, meu propósito é o de analisar em que termos esse debate foi feito e quais são as consequências que ele tem nas delimitações da feminilidade atual de mulheres em uma sociedade como a brasileira. De políticas públicas às instâncias governamentais internacionais, passando pelas ONGs e chegando aos meios

de entretenimento contemporâneo (filmes, música etc.), as pautas feministas da segunda onda estão, direta ou indiretamente, presentes no dia a dia das mulheres nas sociedades contemporâneas.

Para o feminismo da segunda onda, o lema de que “o pessoal é político” representou o pilar fundamental da articulação política. Centrais para essa reivindicação foram as suas reflexões e debates sobre gênero e sexualidade como fontes estruturais de opressão. Com essa “palavra de ordem”, as feministas conseguiram teorizar sobre a situação de subordinação e marginalização da mulher na estruturação das relações sociais no Ocidente. Com isso, elas questionaram os pilares fundantes da divisão entre o público e o privado, que relegava a mulher fora do âmbito político, âmbito destinado exclusivamente aos homens.

2.1 O PESSOAL É POLÍTICO: OS FUNDAMENTOS POLÍTICO-CULTURAIS DA SEGUNDA ONDA

A divisão dos âmbitos público/privado no Ocidente se encontra no interior de outras divisões ontológicas de Ocidente. A divisão Natureza/Cultura atuou, por muito tempo, como principal legitimação política de uma das contradições inerentes do projeto liberal. O pensamento liberal do século XVI estabeleceu uma doutrina política que postula os princípios de individualidade, igualdade e liberdade. Os sujeitos políticos do liberalismo foram concebidos como livres e iguais para decidir racionalmente as formas de governos que melhor representassem esses princípios inalienáveis. A divisão público/privado se erigia como um limite a esses princípios. À diferença das instâncias políticas públicas, o âmbito privado foi concebido como obedecendo a outros tipos de hierarquias, como aquela referente à divisão dos sexos. A diferença de superioridade/inferioridade entre homem e mulher eram consideradas como sendo o resultado de características biológicas distintas.

Como apontam Rogan e Budgeon: “The exercise of male power over women in the latter instance was commonly understood to arise out of nature and as such was fundamentally different from the forms of power which governed the public sphere.” (ROGAN e BUDGEON 2018, p. 3)

A esse respeito, Gatens aponta que nessa operação a mulher tornou-se Natureza:

Woman, in fact, never makes the transition from the mythical ‘state of nature’ to the body politic. ...She is necessary to the functioning of cultural life, she is the very ground which

makes cultural life possible, yet she is not part of it. This division between nature and culture, between the reproduction of mere biological life as against the production and regulation of social life, is reflected in the distinction between the private and the public spheres, the family and the state. (GATENS, 1996 apud ROGAN e BUDGEON 2018, p. 51).

Assim, o estatuto de sujeito de livre-arbítrio, capaz de transcender os limites da natureza, que dão origem à civilização, a suas leis e instituições, foi reservado exclusivamente aos homens (ALCOFF, 1995 apud ROGAN e BUDGEON, 2018, p. 3). O célebre ensaio de Simone De Beauvoir, publicado em 1949, “Le deuxième sexe”, é reconhecido na história do feminismo como sendo um texto paradigmático em relação ao questionamento da condição de mulher como destino inevitável, inscrito nas leis da natureza. De cunho filosófico, o ensaio de Beauvoir examina uma extensa quantidade de tratados sobre a mulher – míticos, literários, econômicos etc. Ela desvela através desses discursos uma metafísica na qual a mulher é sempre reduzida aos imperativos da biologia. Ela é, assim, excluída das dinâmicas históricas e cambiantes da cultura, apresentada definitivamente como imutável: “o eterno feminino” (DE OLIVEIRA, 2012, p. 47).

Baseando-se nos preceitos existencialistas, Beauvoir proclama a sua frase icônica: “[n]inguém nasce mulher, torna-se mulher (DE BEAUVOIR, 1975, p. 13 apud DE OLIVEIRA, 2012, p. 46). Com esta afirmação, Beauvoir argumenta que a subalternização da mulher é resultado de processos históricos-sociais, e não biológicos. Refletindo sobre a dialética elaborada por Hegel na sua construção da relação do Senhor e do Escravo, Beauvoir postula que é a partir da construção da Mulher como o Outro que o Homem se constitui como Sujeito. É exatamente nessa dialética, implicando entidades antagônicas e assimétricas, que a Mulher é aprisionada no âmbito da Natureza por oposição ao âmbito da Cultura. O ensaio de Beauvoir se situa num projeto abertamente político, uma vez que seu objetivo é de rejeitar o destino determinista no qual a Mulher tem sido colocada na sua correlação social com a Natureza. Para Beauvoir, “a natureza condena a mulher a uma manutenção animal da vida biológica e impede-a de se engajar no trabalho verdadeiramente criativo, humano e transcendental de produzir cultura” (DE BEAUVOIR, 2001, p. 77 apud DE OLIVEIRA, 2012, p. 47).

Por outra parte, o debate feminista norte americano contou com os trabalhos da antropóloga Margaret Mead, como referências que enfatizaram o papel da cultura nas construções das características do homem e da mulher em detrimento da biologia. Duas obras de Mead foram fundamentais para essas discussões: “Coming of Age in Samoa”, publicado em 1928, e “Sex and Temperament in Three Primitive Societies”, de 1935. “Coming of Age in Samoa” procura

responder à pergunta: será que o que consideramos natural não é apenas resultado das convenções culturais da adolescência na América? (NEWMAN, 1996). Mead chega à conclusão de que o estresse característico da experiência de meninas ao longo da adolescência é resultado direto das restrições morais que a sociedade americana impõe às mulheres diante de um contexto em transformação no qual uma grande diversidade de práticas sexuais prolifera. (NEWMAN, 1996).

Posteriormente, Mead se debruça especificamente sobre a influência cultural entre o que era considerado natural das diferenças sexuais na humanidade. Numa abordagem comparatista, Mead fez etnografia em três sociedades diferentes: os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli. A diversidade nas manifestações sexuais que a antropóloga encontra entre elas é a prova irrefutável, segundo Mead, de que os elementos considerados determinantes biológicos entre homens e mulheres na sociedade euro-americana são, de fato, “criações culturais” (MEAD, 1963, p. 280-281, apud NEWMAN, 1996, p. 243). Os trabalhos de Mead foram pioneiros em muitos sentidos e suas teorias tiveram grande influência na sociedade americana, tanto na conceitualização do cultural quanto nas correntes liberais de transformação da sociedade. Particularmente, as suas contribuições foram decisivas para articular críticas contundentes às desigualdades ocidentais entre homens e mulheres, redefinindo as fronteiras entre Natureza e Cultura.

Contudo, como argumenta Louise M. Newman, a influência de Margaret Mead na historiografia do movimento feminista é amplamente minimizada. As interpretações que Betty Friedan realizou dos postulados da sua obra, foram decisivos na omissão da contribuição da antropóloga para as teorizações feministas. (NEWMAN, 1996).

Para entender a crítica à Mead por parte de Friedan, é preciso levar em conta o contexto a partir do qual ela escreve. Como mostra Newman, em seu livro “*The Feminine Mystique*”, Friedan escreve: “Mead's writings, infused with Freudian ideas, glorif[ied] the mysterious miracle of femininity, which a woman realizes simply by being female.” (NEWMAN, 1996, p. 270). Friedan faz principalmente alusão a um texto de Mead publicado no mesmo ano que “*Le deuxième sexe*”, de Simone de Beauvoir (1949).

Esse texto foi lido e criticado por várias feministas como sendo profundamente essencialista (SARDENBERG, 1999). Apesar de ser publicado mais de uma década depois de “*Sex and Temperament in Three Primitive Societies*”, o texto “*Male and Female. A study of the sexes in a changing world*” contém proposições que vão de encontro ao apresentado no seu trabalho comparativo anterior. Nele, Mead não só não leva às últimas consequências a radicalidade do

defendido em 1935, mas também volta atrás em muitos aspectos a fim de corrigir o que ela via como má interpretação do seu trabalho.

Ainda mais importante para esse distanciamento teórico-político era a hegemonia das interpretações da teoria freudiana nos Estados Unidos desde os anos 1940 com as quais a Mead estabelecia um diálogo crucial para o desenvolvimento da vertente de “Cultura e Personalidade”, que caracterizou o seu trabalho.

As teorias de Freud foram responsáveis por uma mudança paradigmática na forma de conceber a sexualidade em Ocidente, e nos Estados Unidos: elas desempenharam um papel fundamental na transição entre as expressividades da sexualidade e o espaço público da era vitoriana e as sociedades euro-americanas do início do século XX. Como salienta Jane Gerhard, um dos motivos pelos quais a questão da sexualidade foi relevante nas pautas políticas do feminismo da segunda onda se deveu, em grande medida, ao fato de que a sexualidade estava sendo articulada de novas maneiras à noção de indivíduo na virada do século (GERHARD, 2001). As renegociações das fronteiras do espaço público e privado, decorrentes das transformações urbanas, a experiência da guerra e, sobretudo, as lutas feministas da primeira onda, ocorreram em paralelo a uma reescritura do natural e da diferença entre homem e mulher, que, em última instância, estavam ancorados na sexualidade (GERHARD, 2001).

As teorias de Freud sobre o inconsciente e a infância como bases da psique e da identidade individual foram amplamente reconhecidas e passaram a ser uma influência maior em distintos círculos intelectuais. O pai da psicanálise teorizou a respeito dos efeitos da civilização sobre os imperativos biológicos do ser humano. Segundo ele, a tensão existente entre Natureza/Cultura deveria ser em certa medida reconciliada para que ela não causasse efeitos nocivos na estabilidade mental dos indivíduos. Uma cultura que reprimisse demais os imperativos naturais do homem teria como resultado indivíduos profundamente adoecidos. Mesmo que as regras morais sejam fundamentais para a vida civilizada, Freud concluiu que as tensões existentes no inconsciente entre os imperativos morais (o Ego) e o prazer sexual (o Id) produziam as distintas manifestações de paralisias e nevralgias próprias da moral vitoriana.

Freud reescreveu o mito da origem da civilização ocidental baseado nas teorias humanistas do contrato social e no conhecimento antropológico da época. Como Magali Milene Silva sintetiza:

Em *Totem e tabu* (1913/1996e), Freud formulou, através do mito do assassinato do pai da horda primitiva, a necessidade de restrições à sexualidade e à agressividade como inerentes à cultura. A horda primitiva era formada por um chefe (“pai”) que tinha acesso a todas as

fêmeas e que expulsava do grupo aquele membro que o desafiasse, guardando para si sexualidade e agressividade irrestritas. Certo dia, os “irmãos” (membros do clã) se reuniram e se voltaram contra o “pai”, o assassinaram e o devoraram. Nesse ato, foi possível expressar o ódio pelas restrições que lhe eram impostas, e também o amor, buscando identificar-se com o poder do “pai” ao incorporar sua carne. Após o assassinato, o sentimento foi igualmente ambíguo: satisfação e culpa. O clã teve de enfrentar um novo problema a respeito da organização do grupo, pois nenhum “irmão” poderia ocupar o lugar do “pai”, sob pena de ter o mesmo destino. O sistema totêmico surge como uma alternativa que institui as mesmas proibições da horda primitiva de forma simbólica. O totem estabelece basicamente duas regras: não matar o animal totêmico e não ter relações sexuais com as mulheres do mesmo clã (proibição do incesto), regulando assim a agressividade e a sexualidade. A regulação totêmica ao mesmo tempo em que preserva a formação do clã, fornecendo regras para a vida conjunta, conduz ao afastamento do clã, promovendo o encontro sexual com membros de outro clã (SILVA, 2012, p. 57-58).

Nessa reelaboração mítica, a sociedade humana é fundada no sentimento de culpa do grupo. Segundo os postulados de Freud, o estado natural seria associado a ideia de prazer sem restrição. Além disso, existiria uma vinculação original entre prazer e violência. Desse modo:

Coloca-se para qualquer projeto de cultura a delicada tarefa de regular e modelar a satisfação, oferecendo satisfações substitutivas no lugar daquelas a que constitutivamente os homens renunciaram.” “...o pai da horda primitiva é uma construção dos membros do grupo humano, que têm necessidade de supor a existência, mesmo que mítica, do gozo pleno.” (SILVA, 2012, p. 58)

As teorizações de Freud sobre a sexualidade humana incluíram a mulher nas regulações entre os impulsos biológicos e o papel das normas morais. A mudança radical de supor um impulso sexual inato da mulher foi definitivo para uma redefinição das noções do feminino e da feminilidade. Se as teorias sobre predisposição libidinal feminina, equiparável à masculina, significaram para muitos intelectuais e feministas, como Floyd Dell, Crystal Eastman, e Emma Goldman (GERHARD, 2001, p. 20), um potencial revolucionário para reimaginar as conformações familiares, não foi esse o papel que as interpretações psicanalíticas desempenharam no contexto estadunidense (GERHARD, 2001). Se a libido feminina se viu a partir das teorias freudianas inscrita na ordem da Natureza, essa “naturalidade” será redefinida no discurso psicanalítico americano com o objetivo de delinear expressões saudáveis da feminilidade em acordo com a natureza procriadora feminina.

As diversas teorias emergentes entre os anos 30 e 40 equipararam as noções de feminilidade como resultado direto de uma condição natural do sexo feminino. No discurso psicanalítico:

Experts who outlined the parameters of the “normal” woman bolstered their assertions through theories about the “true” nature of female sexuality. [...] For many experts, female sexuality served as the raw material from which a natural and healthy femininity was derived “(GERHARD, 2001, p. 13-14).

As implicações misóginas na obra de Freud, foram enfatizadas e articuladas nos esforços explicitamente antifeministas desses anos, que buscaram conter as mudanças radicais que tinham se expressado nas manifestações sexuais que rejeitavam os imperativos culturais sobre o papel da mulher e sua sexualidade.

Nesta operação, os autores conseguiram articular um vínculo indissociável entre sexualidade e feminilidade. O clitóris foi investido simbolicamente como uma fixação infantil. As mulheres que não conseguiam superar a sua etapa de uma sexualidade baseada no prazer clitoriano eram mulheres que não renunciavam à errônea identificação masculina. Pelo contrário, as mulheres que direcionaram a sua libido exclusivamente ao orgasmo vaginal, alcançavam uma sexualidade em sintonia com as funções de reprodução, funções essas concebidas como o ponto culminante do corpo sexuado da mulher (GERHARD, 2001).

Assim, as mulheres que rejeitavam, consciente ou inconscientemente, uma sexualidade receptiva e passiva – e, como consequência, os seus instintos maternos – eram diagnosticadas como sofrendo do transtorno de frigidez. Como sublinha Jane Gerhard:

For the authors, clitoral sexuality embodied women's refusal to accept their feminine roles. [...] It represented the chaos of women behaving like men, of women overpowering men, and of women rejecting their passive and maternal destinies (GERHARD, 2001, p. 41).

A autoridade da teoria freudiana americana se difundiu tanto no discurso midiático da época, por meio de diagnósticos médicos e terapias para tratar e corrigir a frigidez das mulheres, quanto em proposições de políticas públicas. Foi diante dessa hegemonia, predominante nos discursos do conhecimento americano, que as primeiras figuras feministas da segunda onda se sentiram interpeladas a se engajar intelectualmente, o que as levou a proporem uma revisão radical feminista. Betty Friedan, Kate Millet e Shulamith Firestone se posicionaram contra os ideais de feminilidade que persistiam na sociedade americana dos anos 1960, tendo suas raízes nas teorias psicanalíticas do pós-guerra (GERHARD, 2001).

Com a sua obra, “The Feminine Mystique”, publicada em 1963, Betty Friedan desenvolveu uma descrição detalhada do estatuto da construção social da feminilidade tal como problematizado por Simone de Beauvoir em 1949. Porém, a análise de Friedan girou ao redor do que ela veio a considerar um *malaise* presente diretamente na vida das mulheres do seu entorno social. Para ela, “a mística feminina” era responsável pela negação à mulher do estatuto de uma cidadania efetiva, além de representar um conjunto de associações culturais responsáveis diretamente pela

subordinação da mulher. O problema da opressão era assim deslocado do âmbito institucional e legal para o campo da subjetividade, a partir das vivências das mulheres (GERHARD, 2001; PERONA, 2014).

A concretização da mística feminina eram os efeitos das projeções do ideal feminino freudiano, internalizadas nas escolhas das mulheres, que tinha como consequência direta um apagamento da sua humanidade. A sexualidade foi, de acordo com Friedan, a única fronteira estendida à mulher para fora do âmbito materno e doméstico. Porém, ela serviu ao mesmo tempo como distração do âmbito verdadeiramente político de sua participação na sociedade (PERONA, 2014). Com a obsessão na sexualidade feminina, o problema da perda da identidade da mulher prescrita em seu papel social foi invisibilizado e despolitizado. Friedan escreveu: “the sexual frontier has been forced to expand perhaps beyond the limits of possibility, to fill the time available, to fill the vacuum created by denial of larger goals and purposes for American women.” (FRIEDAN, 1963 p. 299 apud GERHARD, 2001, p. 88)

Contudo, a crítica de Friedan manteve a divisão entre política e sexualidade, argumentando que a última tem sido utilizada para aprisionar a mulher e excluí-la da esfera pública, na qual ela estava presente só em termos sexuais (GERHARD, 2001). Em 1969, Kate Millet publica o seu trabalho “Sexual Politics”. Se Betty Friedan conseguiu nomear o problema com o qual as mulheres brancas dos subúrbios se debatiam, Kate Millet conseguiu efetuar uma crítica contundente da divisão público/privado propondo a noção do patriarcado (GARCIA, 1994)

Kate Millet fez também uma apropriação crítica das descrições da vida familiar e a sua estratificação interna nas narrativas hegemônicas dos estudos freudianos. Porém, à diferença da obra de Friedan, Millet não concebia unicamente que o cânone psicanalítico postulava mensagens prejudiciais para as mulheres, que as afastavam da sua necessidade de realização e desenvolvimento humano. Millet radicaliza este argumento ao sugerir que as relações dentro da família são equiparáveis com uma situação de “colonização interior” (Millet, 1969). Assim, na sua obra, as relações de gênero aparecem explicitamente como uma situação de poder e, consequentemente, como uma forma direta de dominação política (GERHARD, 2001).

A justaposição entre sexualidade e feminilidade na teoria freudiana aponta para Millet um *locus* privilegiado da consolidação do poder. É um pilar fundacional a partir do qual se organiza toda a sociedade, além de atravessar todos os domínios culturais. A significação política da sexualidade reside no fato que é a partir dela que se define a divisão entre o público e o privado.

Influenciada pelas teorias marxistas, mas invertendo a sua lógica, Millet argumentou que as relações de opressão derivam da subjetividade individual da mesma forma, ou talvez ainda mais efetivamente, que da superestrutura. Millet postula que o sistema de opressão das mulheres pelos homens, o patriarcado, se consolida a partir da elaboração da diferença sexual e a sua constante reprodução via subjetividades femininas e masculinas (GARCIA, 1994). Da mesma forma, Shulamith Firestone, acadêmica como Millet, propôs uma leitura alternativa do complexo de Édipo. Ao invés de sinalizar as teorias freudianas como contrarrevolucionárias em relação às primeiras mudanças sexuais do século, Firestone frisou a importância da descrição psicanalítica como um mapeamento preciso do funcionamento da lei patriarcal (AMORÓS, 2005).

As três obras mencionadas até aqui foram paradigmáticas na transformação das lutas feministas legitimando as razões pelas quais o pessoal é político. Mais do que Friedan e Firestone, a formulação de Millet da sexualidade como *locus* central na organização das relações de gênero da sociedade americana mostrou ser muito produtiva para a teorização e o movimento feminista. Por décadas, o conceito de patriarcado colaborou para o fomento de uma extensa produção de análises que analisavam a opressão à mulher. A sexualidade e o gênero, como categorias culturais e política, pilares do patriarcado, foram exploradas a partir de distintos argumentos e consequências na vida das mulheres.

A obsessão com a sexualidade e a feminilidade presente em todos os estratos da sociedade, desde doutores, psicólogos, sexólogos, professores, até a mídia, a publicidade e o entretenimento, se refletia nos trabalhos citados. Friedan, Millet e Firestone se somaram às preocupações que muitas mulheres brancas sentiam nos discursos celebrativos da liberação sexual. As feministas começaram a questionar as paradoxais similitudes entre os discursos psicanalistas da normalidade da sexualidade da mulher e as expectativas da mulher liberada sexualmente. Ficava claro que uma característica problemática que ambos registros narrativos compartilhavam era a flagrante ausência da agência e autonomia das mulheres na definição de sua feminilidade e da sua sexualidade (GERHARD, 2001). Infundindo valores de autonomia e autodeterminação na própria sexualidade e no conhecimento do corpo por fora dos discursos de especialistas homens, o prazer sexual provocou uma ampla reflexão onde distintos posicionamentos feministas se deram a tarefa de delinear a sua importância para a abolição do patriarcado. Porém, a diversidade de pontos de vista sobre o orgasmo e sexualidade feminina coexistentes dentro do movimento geraram uma série de divisões que se cristalizam mais tarde na polarização das “Sex Wars”.

2.2 O DEBATE DAS GUERRAS DO SEXO

A partir do final da década de 1970, o que tinha sido um conjunto de debates frutíferos e inovadores sobre a natureza política da subjetividade, a sexualidade e o prazer sexual, se apresentou cada vez mais como uma polarização rígida que entendia a sexualidade feminina dentro do patriarcado como inerentemente perigosa e opressora por um lado, e, por outro lado, como emancipadora e subversiva em si mesma. Como resume Hungerford:

Libertarian feminists regard consensual sexual behavior as potentially empowering for females, generally arguing that the sexual revolution has allowed women to transcend the role of passive sexual object and assume the roles of sexual initiators and subjects previously reserved for men. By contrast, radical feminists hold that, due to the overarching societal power structures of heterosexuality, the circumstances under which female sexual agents can engage in sex acts without succumbing to the patriarchal sexual paradigm are severely limited and, in fact, greater participation in heterosexual sex will only exacerbate sexual objectification and subordination of women (HUNGERFOD, 2013, p. 1)

Para entender como se deu esta progressão, é importante ter em conta os múltiplos desdobramentos que a revolução sexual teve, não só no feminismo, mas também na cultura popular e a publicidade. É sobretudo, qual foi a evolução dos posicionamentos radicais a este respeito, numa época onde culturalmente a sexualidade feminina tinha sido em grande medida reconhecida socialmente. No início dos grupos de consciência² das mulheres, apesar das divergências e as distintas posturas, as feministas estavam de acordo em uma coisa: uma sexualidade feminista estaria baseada na autodeterminação e no direito ao prazer feminino. Ao longo desse contínuo debate, o que era considerado uma sexualidade feminista deixou de representar um consenso claro e passou a ser fonte de afrontamentos entre bandos feministas que diziam ter a verdade sobre uma legítima sexualidade feminista.

De acordo com Anne Ferguson (1982), em um primeiro momento do movimento feminista, as energias e as estratégias políticas se concentraram na reivindicação do prazer sexual a partir da defesa do direito à pílula anticonceptiva e da proteção legal contra as consequências da gravidez não desejada – isto é, o direito ao aborto. Como discutido anteriormente, essas foram reações diretas em relação à vinculação entre orgasmo vaginal-sexualidade não patológica-maternidade das

² Os grupos de consciência foram reuniões onde as feministas discutiam sobre as experiências consideradas privadas e íntimas como sexo, relações familiares, gravidez, aborto, etc. Foi uma prática política central para o movimento de liberação da mulher nos Estados Unidos.

enunciações psicanalíticas. A dissociação de prazer sexual-reprodução mudou profundamente o relacionamento das mulheres com as suas práticas sexuais e seu desejo e a escolha de engravidar ou não, que no último dos casos, o direito ao aborto reformulava como a escolha das mulheres de ser mãe ou não.

Nos anos 70, o feminismo radical lésbico redefiniu o lesbianismo como uma escolha política e uma prática decisiva contra o patriarcado. O papel do clitóris para o prazer sexual feminino foi investido com o simbolismo de uma não dependência fálica e como prova da coerção social heterossexual (FERGUSON, 1982). Essas ressignificações foram também uma resposta à definição do lesbianismo do dogma psicanalítico. Mas, num terceiro momento, tal como identificado por Ferguson, um outro elemento começou a mobilizar os esforços feministas. Nos grupos de consciência, as mulheres começaram a se deparar cada vez mais com histórias de humilhação, violência sexual e violência conjugal. Isso provocou um giro importante nas teorizações que começaram a se debruçar especificamente sobre os casos de violência e coerção física nos relacionamentos sexo-afetivos entre homens e mulheres.

Da mesma forma que as feministas sentiram a necessidade de se organizar ante a desvalorização e marginalização da participação feminina por parte dos companheiros homens do movimento *new left* nos anos 60, essa necessidade surgiu no campo dos relacionamentos sexo-afetivos, dado que, muitas vezes, esses mesmos homens perpetuavam violências sexistas. As mulheres começaram a compartilhar essas experiências em público, falando abertamente nos espaços de intimidade que tinham construído, agora reivindicados como políticos. Como salienta Lynn Comella, partindo do fundamento da construção social do gênero, as feministas se perguntaram: de onde os homens estavam aprendendo esses comportamentos violentos? Quais eram os processos de socialização por trás das violências perpetuadas? Uma primeira resposta a esse questionamento foi encontrada na proliferação de imagens sexualmente explícitas na mídia e no espaço público (COMELLA, 2015). As feministas começaram a prestar atenção em como a mulher e a sua sexualidade estavam sendo representadas e quais eram as relações dessas representações com a violência patriarcal.

É o início de importantes organizações como a “Women Against Violence Against Women” (WAVAW), fundada em 1976 na Califórnia, que teve uma repercussão nacional. Segundo Bronstein, as análises posteriores sobre as discussões entre representações e o patriarcado se concentraram majoritariamente na fase posterior em que o debate se cristalizou como uma

campanha aberta e direta contra a indústria pornográfica (BRONSTEIN 2011 apud COMELLA, 2015). No final dos anos 70, a mobilização centrou seus esforços em estratégias diretas para denunciar e obrigar grandes empresas midiáticas, como a “Warners Communications”, pela difusão de imagens consideradas sexistas e violentas. Era especificamente a violência sexista, e não às práticas sexuais em si, que fomentavam a preocupação de organizações como a WAVAW (COMELLA, 2015).

As primeiras divisões e divergências decisivas começaram aparecer na primeira conferência nacional que tratava exclusivamente da indústria pornográfica em 1978, evento no qual também se organizou o primeiro ato icônico “Take Back the Night”, reivindicando o espaço público como um espaço sem violência para as mulheres. Essa conferência deu espaço e visibilidade nacional a feministas que se manifestavam contra a pornografia. Reunidas nessa ocasião, as vozes anti-pornografia formularam suas preocupações em discussões teóricas coletivas e refletiram as razões e as maneiras pelas quais a pornografia representava um perigo para as mulheres em particular e prejudicial para elas enquanto classe social.

Apesar de objeções por parte de muitas participantes pelas estratégias propostas para combater a pornografia, a vertente punitivista, pró-censura e jurídica se tornou, a partir desse momento, hegemônica dentro do movimento (DUGGAN, 1995). Susan Brownmiller, por exemplo, afirmou sem hesitação que “pornography was propaganda for gender discrimination and a patriarchal tool of oppression, and it required corrective government action”. (BROWNMILLER, 1975, p. 162 apud COMELLA, 2015, p. 448). As primeiras objeções a censura estatal argumentaram que nada podia assegurar que essas medidas não atingiriam, ou foram usadas, contra publicações e criações de sexualidades minoritárias, sob o argumento de constituir um risco para a sociedade. Estes pontos de vista foram descartados pela oposição como uma hesitação de se comprometer com uma verdadeira luta feminista. (DUGGAN, 1995; COMELLA, 2015).

A radicalidade expressada por este grupo de feministas apresentava claras descontinuidades com o que foi conhecido como feminismo radical no início da década. O tom empregado pelas agora autodenominadas feministas radicais não deixava muito espaço para divergência de opiniões. E, ainda que existisse uma ligação com os postulados esboçados na obra clássica de Millet, as feministas radicais fizeram uma análise que igualava a representação sexual à violência. Tal movimentação estava assentada em uma equivalência anterior, aquela entre a sexualidade heterossexual no patriarcado e a violência.

Em 1969, no “Sexual Politics”, Millet escreveu: “intercourse is a model of sexual politics on an individual plane” (MILLET, 2000, p. 23 apud HUNGERFORD, 2016, p. 3). Em 1987, Andrea Dworkin publica o seu livro “Intercourse”, onde esboça as razões pelas quais o ato sexual heterossexual, dentro das dinâmicas de poder diferencial entre homens e mulheres, é um mecanismo de subordinação da mulher. De acordo com a autora, a sexualidade heterossexual é o lugar no qual ganha forma as identidades políticas e psicológicas da dominação. Ela escreve: “A woman experiences sexual pleasure and sexual identity in being possessed; in being owned” and “the possession is felt as deeply erotic.” (DWORKIN, 1987, p. 84 apud HUNGERFORD, 2016, p. 25).

Dentro da mesma perspectiva, Catharine MacKinnon, viu as dinâmicas da feminilidade como essenciais às dinâmicas de dominação/subordinação da sexualidade patriarcal, nas quais a feminilidade significava basicamente atratividade dos homens, o que, por sua vez, implicava a disponibilidade do corpo feminino para os homens. (MACKINNON, 1989, apud HUNGERFORD, 2016). Comum a essas abordagens, a noção de objetificação do corpo feminino tinha como principal consequência a degradação da mulher e um constante potencial de violência exercido contra esse corpo desumanizado. Tratava-se, sobretudo, de uma elaboração teórica fundada na reprodução dos mecanismos da ideologia dominante tal como concebida na teoria marxista.

Embasadas nessas premissas, as mulheres que participavam da sua objetificação, faziam-no porque, mediante a socialização patriarcal, elas tinham internalizado como suas as prerrogativas dos homens. Como salienta Hungerford (2016), o problema da objetificação sexual do corpo da mulher é essencial ao paradigma radical da década de 80. É a partir desse mecanismo que as mulheres definem a sua categoria de inferioridade no patriarcado. No mesmo sentido, a pornografia, enquanto representação explícita do intercurso patriarcal heterossexual, foi lida como expressão máxima da erotização da dominação. Dentro dessa leitura, as narrativas pornográficas reproduziam inquestionavelmente um olhar masculino de objetificação do corpo da mulher para o desfrute dos homens. Se a obrigação sexual da mulher no matrimônio era igualmente concebida como parte da exploração da mulher, qualquer manifestação de troca de sexo por dinheiro tornou-se condição suprema dessa exploração.

A linguagem incendiária que caracterizou as análises de autoras como Andrea Dworkin e Catharine MacKinnon era o resultado do seu entendimento da gravidade da nascente indústria pornográfica na vida concreta das mulheres. Foi também uma estratégia que visava uma ampla

difusão e conscientização por fora dos círculos militantes. Ela foi bem-sucedida na medida que um grande número de mulheres participara dos atos contra exibição de filmes pornográficos e eventos da revista *Playboy*, entre outros. O discurso das feministas radicais teve grande repercussão também na mídia. Isso começou a gerar situações muito problemáticas para outras feministas. Por um lado, as narrativas das feministas radicais, com sua ênfase em provocar uma reação contundente contra a violência sexista, passaram a produzir uma simplificação reducionista das dinâmicas de poder e opressão. Além disso, as noções de prejuízo social da sexualidade feminina no patriarcado resultaram em uma ressonância e justaposição problemática com setores religiosos ultraconservadores. Numa reviravolta inimaginável para muitas militantes, as propostas de políticas de censura foram apoiadas por tal coalizão política inédita.

Feministas como Pat Califa e Gayle Rubin, membras de uma organização S/M lesbo-feminista baseada em San Francisco, “Samois”, emergiram como grandes críticas dos postulados das feministas radicais. Um intenso intercâmbio de textos entre elas e as WAVPM (“Women Against Violence in Pornography and Media”) teve lugar. A animosidade atingiu novas dimensões e se desdobrou em um confronto aberto após os incidentes ocorridos na Conferência do “Barnard College”.

Gayle Rubin participou da organização da conferência anual do “Barnard College”, em 1982, propondo, junto com outras feministas, o tema da sexualidade. A intenção da proposta era criar um espaço feminista que retomasse o tema da sexualidade para reinscrevê-la em outros termos, principalmente reintroduzindo a questão do prazer. Como Bronstein assinala:

The conference planners did not ignore danger, but saw the meeting’s emphasis on pleasure as an intellectual and political intervention needed to challenge the conservative feminist sexual discourse that held sway in the women’s movement. (BRONSTEIN, 2011, p 298 apud COMELLA, 2015, p 452).

Preocupadas com a transformação de uma ampla discussão sobre sexualidade e direitos sexuais numa única cruzada totalitarista contra a pornografia, as feministas organizadoras do encontro não estenderam o convite às militantes radicais. A intenção explícita do congresso era restabelecer um equilíbrio no diálogo feminista, (BRONSTEIN, 2011 apud COMELLA, 2015), diante do que elas consideravam uma monopolização da discussão.

Em específico, as feministas radicais estavam interessadas em denunciar as práticas sadomasoquistas de certas organizadoras e participantes do evento. Embora sendo praticado consensualmente e entre mulheres identificadas como lésbicas, as radicais consideravam o

sadomasoquismo (S/M) como inquestionavelmente antifeminista. Uma prática sexual baseada na exaltação da dominação/subordinação dos participantes era irreconciliável com os princípios feministas, negando a possibilidade de existir um verdadeiro consenso em práticas de natureza vexatória. O S/M era considerado pelas radicais “as eroticizing male supremacy and glorifying the unequal relations of power fundamental to a patriarchal society” (BRONSTEIN 2011, p. 298 apud COMELLA 2015, p. 452).

Em oposição aos argumentos radicais, as feministas pró-sexo retrucaram que historicamente a repressão sexual da mulher tem constituído um pilar fundamental do patriarcado. Para algumas feministas, a ênfase absoluta sobre o perigo e a vitimização da mulher no âmbito da sexualidade se alinhava problematicamente com a negação de seu direito ao prazer. De acordo com Carol Vance, é a própria violência sexual contra a mulher que tem funcionado como mecanismo específico do delineamento de uma sexualidade feminina aceitável. Na ordem patriarcal:

if women were "good" (sexually circumspect), men would protect them; if they were not, men could violate and punish them. As parties to this system, "good" women had an interest in restraining male sexual impulses, a source of danger to women, as well as their own sexuality which might incite men to act. (VANCE, 1984, p. 2).

O movimento feminista do século 20 reivindicou e ganhou para as mulheres o direito à autodeterminação e expressividade sexual, que desafiou as restrições severas que asseguravam a sua seguridade no passado de acordo com a lógica descrita por Vance. Como resultado, muitas mulheres têm experimentado uma grande vulnerabilidade sexual diante das transgressões que sua autodeterminação colocou para a ordem patriarcal. (VANCE, 1984). Na visão das feministas pró-sexo, as manifestações da violência sexual são, sem dúvida, um grave problema para as mulheres e uma prioridade na luta feminista. Porém, as análises que nesse momento tinham sido elaboradas para criticá-la tinham como consequência eclipsar por completo o desejo feminino. Vance questiona:

If sexual desire is coded as male, women begin to wonder if they are really ever sexual. Do we distrust our passion, thinking it perhaps not our own, but the construction of patriarchal culture? Can women be sexual actors? Can we act on our own behalf? Or are we purely victims, whose must be directed at resisting male depredations in a patriarchal culture? (VANCE, 1984, p. 6).

Assim, o projeto feminista perderia ferramentas valiosas para explorar quais são os desejos das mulheres e a liberdade de explorá-los a partir do que possa ser intimamente prazeroso para elas. O risco que se corre, aderindo a um único entendimento de suas experiências como expressões

inequívocas de uma situação perpetua de opressão, é muito grande. Para as feministas pró-sexo, o clima gerado pela agenda anti-pornografia propiciava esse tipo de situação, na qual falar dos desejos íntimos era tabu e as mulheres eram julgadas como não suficientemente feministas por fazê-lo. Porém, Ann Ferguson aponta que existe uma insistência um tanto ingênua, por parte das feministas libertárias, ao afirmar que qualquer envolvimento em práticas sexuais consensuais seja, em si mesmo, empoderador. Essa perspectiva ignoraria o fato de que as condições necessárias para que um verdadeiro consentimento exista dificilmente se encontram garantidas para os participantes. Consequentemente, não é possível considerar como igualitária a participação em negociações quando as hierarquias, sociais, políticas, econômicas e raciais sempre comprometem esse solo de igualdade entre indivíduos nas sociedades capitalistas.

Por outro lado, se Ann Ferguson concorda com a perspectiva radical sobre o fato das imagens, discursos e práticas pornográficas produzirem material direcionado principalmente ao desfrute masculino a partir da objetificação da mulher, ela chama a atenção a um ponto importante. Segundo Ferguson, o que é representado na maior parte dos materiais do entretenimento pornográfico é ilustrativo do conceito proposto por autoras como Andrea Dworkin e Kathleen Barry: “Cultural sadism”-that is, that men should initiate and control sex and women should submit to it (men are consumers, women providers of sex” (FERGUSON, 1984, p. 111) Porém, existe uma grande quantidade de narrativas não pornográficas que comunicam o ideal de amor romântico baseado na afirmação de vínculos sexuais que devem ocorrer entre pares, tendo cada um o direito ao seu prazer sexual, o qual na prática se traduz em desigualdade das posições das mulheres em relação aos homens (FERGUSON, 1984).

Ferguson conclui que as duas perspectivas em oposição enfatizam um ou o outro elemento dessa contradição:

If we look at the whole entire system of such ideological sexual communications, we find a set of conflicting assumptions. These assumptions constitute a distinctive blend of liberal individualist and patriarchal ideals peculiar to advanced capitalist patriarchal societies. (FERGUSON, 1984, p. 111).

Do ponto de vista de Ferguson, o problema com as duas posições – radical e libertária – reside no fato que, em ambas, a descrição do poder social é concebida de forma simplista. Assim como Vance, ela considera que nenhum dos grupos dão conta satisfatoriamente de todas as perspectivas feministas de prazer sexual, liberdade e perigo implicadas nas práticas sexuais das mulheres, suas nuances e complexidades. Diante disso Ferguson afirma:

Both sides are working with a number of philosophical assumptions about the nature of sexuality, power, and freedom that have never been properly developed and defended. Consequently, each side claims the other ignores an important aspect of sexuality and sexual freedom” (FERGUSON, 1984, p. 107).

O problema, assim formulado, aponta para dois aspectos importantes a considerar na discussão: por um lado, os limites do debate estão assentados numa problemática mais ampla com a qual tem se deparado a teoria social: a necessidade de uma perspectiva sobre o poder que consiga dar conta da agência e da estrutura simultaneamente. Por outro lado, podemos pensar nas contradições implícitas nos desdobramentos do debate das guerras do sexo, como reconfigurações da divisão histórica em ocidente que define a mulher como: “*Mary, the Holy Mother, and Mary Magdalene, the whore*” (PAGLIA, 1994, p. 58 apud HUNGERFORD, 2016, p. 33). Essas reconfigurações se entrelaçam às reconfigurações do público/privado com o nascimento das nações capitalistas e se encontram no centro das reivindicações feministas no ocidente e em sua preocupação com gênero e sexualidade.

Como Ferguson (1984) e Vance (1984) apontam, as práticas sexuais contemporâneas se caracterizam por estarem inseridas em dinâmicas que incluem perigo e prazer simultaneamente. Os “grupos de consciência” da segunda onda permitiram às mulheres coletivizar experiências de violência de gênero que eram vividas só no âmbito privado. Porém, na visão de Vance e de outras feministas, os esforços para organizar-se politicamente contra essas violências têm se transformado gradualmente, e paradoxalmente, em formulações sobre a natureza sexual feminina e masculina que ecoavam as normas sexuais patriarcais.

Vance faz um chamado às teorias que permitam construir arcabouços teóricos mais sofisticadas sobre os relacionamentos do símbolo e da cognição. Por outro lado, o investimento do poder absoluto das dinâmicas do patriarcado tornava visível a impossibilidade de dar conta da diferença na universalização da categoria “Mulher”. Assumir que a mulher era unicamente o *locus* passivo de codificações simbólicas hegemônicas ignorava as intervenções que os distintos grupos marginalizados operam nas suas reapropriações dos códigos da cultura dominante. O debate assim formulado abriu caminho para elaborações teóricas que integrassem a temporalidade e a posicionalidade ao dar conta das complexidades nas experiências femininas.

As teóricas Judith Butler e Teresa de Lauretis propuseram ferramentas metodológicas nas quais gênero e sexo são definições articuladas que desafiam essa reificação da categoria mulher. Se apropriando das teses foucaultianas, elas apostam em uma abordagem microfísica do poder,

frisando a relação de tensão e ambivalência entre a linguagem e a constituição do sujeito. Como aponta Chiara Cerri sobre as perspectivas feministas chamadas pós-estruturalistas:

La palabra "mujer", por ejemplo, ya no define una única posición objetiva. Ya no puede ser entendida exclusivamente como una entidad que se contrapone a otra, el hombre, y se caracteriza por un rol y un estatus específico. Ahora se configura como un contenedor general que reúne diversos tipos de mujeres: diferentes identidades y diferentes niveles de experiencia. (CERRI, 2010, p. 3)

Levando em consideração essas perspectivas de construção narrativa, como um processo entre a representação e a autorrepresentação (DE LAURETIS, 1989) das subjetividades engendradas, considera-se que os discursos sobre gênero e sexualidade feminina da segunda onda do movimento feminista ocidental se tornaram parte dos discursos constitutivos da experiência concreta dos sujeitos mulheres.

3 AS DIFERENTES VERSÕES DA MULHER BRASILEIRA EM QUESTÃO

Ao longo deste capítulo vou tratar das formas de sentir e de pensar de 6 mulheres brasileiras. Mais especificamente, de como estas mulheres se pensam a si mesmas. As mulheres em questão são mulheres que fizeram estudos universitários na área de humanidades e ciências sociais. Todas elas se identificam como mulheres brancas, de classe média e heterossexuais. As suas idades se encontram entre os 25 e 35 anos e elas aceitaram relatar suas experiências em relação ao gênero e à sexualidade ao longo de três entrevistas. Os resultados foram 24 horas e 8 minutos de gravação, que serão o núcleo desta dissertação.

Apesar da diversidade de vivências e de personalidades, as mulheres entrevistadas se assemelham umas com as outras. É como se elas fossem distintas versões delas mesmas. Apesar das similaridades e elementos em comum, cada percurso, cada história, é um universo em si. Esse foi também o meu sentimento ao escutar cada uma delas, o de ser, ao mesmo tempo, muito distinta e absolutamente igual a elas. E isso considerando que eu não sou brasileira e que elas não são todas das mesmas regiões do Brasil. Para começar o nosso percurso rumo ao interior de seus universos, iremos tratar em primeiro lugar da menina que irá se tornar mulher, quer dizer, com infância e adolescência de cada uma delas. Como é, então, a vida da menina brasileira em questão e quais são as suas distintas atualizações na pele das mulheres entrevistadas?

3.1 INFÂNCIA

As meninas em questão nasceram no final da década dos 80 e na primeira metade dos anos 90, o que significou para elas infâncias desenvolvidas nas constelações particulares da segunda metade dos anos 90 e início dos anos 2000. É através de suas trajetórias que nós iremos reconstituir parcialmente em que consistem estas constelações no Brasil, para elas.

Helena— Helena mora numa pequena cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. Por volta dos 8 anos de idade, ela passa boa parte do tempo com seus primos. Porém, ela não é permitida de fazer algumas das coisas que os meninos fazem, como ficar na rua até tarde, jogar bola e o que mais deseja Helena: soltar pipa. É o seu pai que não quer que ela participe dessas “brincadeiras de menino”. Na verdade, o pai, originário de Pernambuco, sempre falou que queria ter menina, porque menina, além de ser mais tranquila, é mais fácil de criar e de deixar em casa. Para o pai, Helena

não podia soltar pipa “porque menina é mais delicada, menina é mais comportada”. Helena pensa, nesta idade, que ela gostaria de ser menino. Sua mãe sabe bem do seu desejo – não tanto por SER – mas por fazer as mesmas coisas que os meninos. É ela que intercede diante do pai, o que permite que Helena às vezes possa participar “das brincadeiras de meninos”. Helena nunca gostou de brincar de boneca, mas quando se muda de sua residência e começa a conviver mais com meninas do que com meninos, ela passa a gostar de brincar de professora, de escolinha, de casinha.

Juliana– Para Juliana, nossa segunda versão da menina que irá se tornar mulher, as coisas se passam um tanto diferente. Ela nasceu no Nordeste, mas seus pais são da região Sudeste. Desde muito cedo, ela estuda numa escola construtivista. Curiosamente, a escola organiza anualmente um festival de pipa, no qual todo mundo é incentivado a participar. Em casa também não existe essa diferenciação entre brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas – Juliana e seu irmão mais novo podem brincar de qualquer coisa.

Apesar dessa não-distinção que os pais se esforçam em fomentar, por volta dos 4-5 anos, Juliana passa a querer usar apenas vestidos e a aplicar a cor rosa em tudo. Nas palavras de Juliana, essa foi uma “fase bem menina” na sua vida. Na verdade, também Helena, por volta dessa idade, gostava de usar vestidos, passar batom e “ficar toda linda”, imitando a mãe. Nas palavras da sua mãe, a menina Helena “é muito metida”. A diferença entre Juliana e Helena, e as suas lembranças da infância, é que Helena fala com um certo pesar desse período. Para Juliana foi um período ‘muito marcante’, onde meninas e meninos se divertiam e brincavam de maratona, de subir nas árvores, de soltar pipa, ‘eram muitas brincadeiras de correr, de gastar energia’, meninos e meninas por igual.

Vanessa–Vanessa foi também uma criança que frequentou uma escola construtivista nos seus primeiros anos. Porém, ela não costuma brincar na rua – seja com vizinhos, primos ou irmãos (ela é filha única). As suas brincadeiras são sempre em casa ou na casa das suas amigas. Desde muito nova, ela se sente mais à vontade com meninas do que com meninos e, no transcurso da sua vida, ela sempre teve mais amigas do que amigos. Com suas amigas, Vanessa gosta de brincar de boneca, de Barbie, de Polly e de reproduzir cenas de novelas. Vanessa nunca teve interesse por brincadeiras associadas ao universo dos meninos.

Apesar de ela se descrever em geral como uma pessoa muito tímida e, em particular, sentir desde a infância um certo desconforto em relação à companhia de meninos, entre os 10 e 11 anos

ela começa a adotar um jeito de vestir “muito provocador”. Na época, estava na moda um grupo de funk carioca conhecido como “O bonde do Tigrão”. A letra de sua canção de maior sucesso veiculava imagens de mulheres sensuais sendo tratadas de cachorras. As adolescentes da época adotavam como *look* as vestimentas das dançarinas do grupo, constituídas por uma minissaia, meia arrastão, uma coleira (de cachorro) e uma corrente. Os acessórios eram vendidos nas lojas de shoppings. Vanessa recorda que algumas meninas do seu entorno usavam a coleirinha, mas lembra ser a única que usava a coleira e corrente também como parte da sua vestimenta. Nenhum dos pais de Vanessa emitiu opinião sobre aquela moda, mesmo que Vanessa considere hoje em dia que talvez fosse “demais” para uma menina daquela idade.

Mariana– A infância de Mariana teve lugar em distintas cidades do Brasil e do Chile. Por conta do trabalho do pai, que era engenheiro em comunicação, ela, a sua mãe e as suas duas irmãs mais novas mudaram-se com frequência. Devido a esses deslocamentos constantes, sua mãe sempre frisou a importância de ela e a suas irmãs serem melhores amigas. Contudo, isso não impedia que, em cada residência, ela e a suas irmãs participassem das brincadeiras com outros amigos próximos. Em Salvador, onde eles moravam em apartamento, as brincadeiras consistiam em “descer no play” e andar de bicicleta, nadar na piscina, brincar no parquinho com os amigos e amigas todos juntos. Porém, também existiram desde sempre subgrupos de meninas e subgrupos de meninos. Com as meninas, elas brincavam de “coisas de menina” e, quando elas queriam se juntar para brincar com os meninos, elas brincavam de “coisas de meninos”. Com seu amigo Carlos, por exemplo, ela brincava de Playmobil, mas a sua brincadeira preferida era, sem dúvida, brincar de Barbie.

Nas festas de fim de ano, ela e a família iam visitar a sua avó materna. Nessas férias, a convivência era só com meninas – nove, no total. Juntas, elas gostavam de montar coreografias das músicas da Xuxa e apresentá-las para a família. Na casa da avó, uma casa grande, as meninas tinham espaço de sobra para brincar entre elas sem adultos por perto. Em alguma ocasião, quando elas estavam em um dos quartos da residência brincando de casinha, como elas costumavam fazer, as meninas, imitando o pai e a mãe, se beijaram. As mulheres adultas souberam do acontecido. Elas ficaram de castigo e “o mundo caiu”. A lembrança de Vanessa é de que aquilo foi um grande acontecimento para os adultos e de que elas tinham feito algo muito errado. A partir desse momento, elas, que sempre tiveram total autonomia para brincar livres no interior da casa, não

tinham mais permissão de ficar sem a supervisão de um adulto e, principalmente, de ficar de portas fechadas em algum dos quartos. Nessa época, Vanessa tinha uns 10- 11 anos. Cabe mencionar que Helena viveu uma situação muito similar, embora ela não se lembre. A sua mãe conta que, ainda muito nova, com uns 3-4 anos, ela entrou com uma amiguinha no banheiro da sua casa para se beijar porque elas tinham visto um casal (homem e mulher) fazendo o mesmo na tv. A mãe, que escutou a sua conversa, interveio imediatamente, antes que o beijo acontecesse.

Aos 12 anos, na sua pré-adolescência, Mariana tem uma “paixonite” por um vizinho. Ele fazia parte do grupo de amigos e amigas que brincavam, andavam de bicicleta e praticavam capoeira juntos. Além das brincadeiras, as interações entre os amigos envolviam um certo tipo de paquera: o menino jogava flores na janela de Mariana e os amigos começavam a “fazer troça” com respeito ao casal. Nas festas, acontecia também a formação de casais para dançar lentamente. Tudo isso causava nela muita vergonha, o que a levava a evitar esses momentos. Contudo, os amigos faziam pressão para que eles dançassem juntos. A mãe de Mariana achava isso tudo muito bonito.

Letícia– Letícia nasceu em Porto Alegre, mas mudou-se com a família, ainda criança, para uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Ela foi filha única até os 10 anos de idade, quando nasceu o seu irmão. Ela também foi uma das primeiras netas, tanto do lado da família materna como da família paterna. Quando criança, ela ganhava de presente muitos vestidos por parte da avó paterna. Nessa época, ela passava mais tempo na capital, visitando a avó, e costumava ficar “mais arrumadinha”. Em geral, ela ganhava frequentemente brinquedos de menina. Ela lembra em especial de dois presentes que adorou na sua infância: uma casa de madeira para bonecas Barbie e uma boneca acompanhada de um bebê de fraldas e banheira.

Assim como Mariana, Letícia é fã da Xuxa e gosta muito de se pentear e se vestir como a artista. Na cidade do interior, ela passa o tempo brincando na rua com primos e primas, vizinhos e vizinhas, e, em vez de vestidinhos, que ela usava quando visitava a avó na capital, ela veste, para brincar na rua, roupas que permitem mais mobilidade, como shortinho e camisa. Se, quando mais nova, as brincadeiras com meninos e meninas aconteciam sem grandes percalços, por volta dos 11-12 anos, Letícia começou a perceber que as brincadeiras de meninos passaram a ficar mais agressivas, o que a motivou a procurar atividades mais tranquilas.

Quando o seu irmão nasce, ela passa a tomar conta dele com bastante frequência, dado que os dois pais trabalham. Na verdade, aos seus 10 anos ela já acumula várias responsabilidades em

casa e se sente “muito adulta”. Sua mãe engravidou dela muito jovem, aos 17 anos, e, desde cedo, além de se sentir adulta, Letícia lembra de ter uma relação de quase amizade com a mãe, “favorecida pela não tão grande diferença de idades”. Contudo, na medida do possível, todo mundo deve participar das tarefas domésticas. Inclusive, na família, é seu pai quem mais se preocupa com a organização da casa.

Sandra– Por último, a nossa menina Sandra é a caçula e a única filha de mais dois irmãos. Ela cresceu numa cidade do interior de um estado do sudeste. Ela adora participar dos jogos dos irmãos e dos primos e passa boa parte da sua infância querendo imitá-los. Sandra se lembra muito bem de como adorava participar de ser cientista junto com o primo. Ela era a sua assistente e achava isso o máximo. Ao mesmo tempo, Sandra adora brincar de boneca, mas o faz só com as filhas de casais amigos dos pais, que também são muito presentes na sua vida de criança.

O seu pai representa a figura da aventura na sua vida. Ele gosta de andar de bicicleta e acampar com a sua família e as famílias dos amigos próximos. Nas viagens que faziam todos juntos, as meninas do grupo ficavam a todo momento querendo imitar os meninos. Sandra não se lembra de ter experimentado um tratamento diferenciado, por parte dos adultos, entre meninas e meninos, a não ser talvez, um tratamento mais carinhoso devido ao fato de ela ser a caçula. Ao contrário do que aconteceu na educação da sua mãe, ela não tinha restrições nas atividades e brincadeiras por ser menina.

Por outra parte, as figuras femininas na sua infância eram assumidas principalmente pela mãe, pela tia, que era para ela como uma segunda mãe, e pela avó materna. Esta, por sua vez, é uma mulher bastante vaidosa, “do tempo dela”, de “ficar sempre apresentável e servindo as pessoas”, e muito católica. Nas visitas à casa da avó, Sandra tinha um apreço por usar vestidos, e a sua avó ficava penteando e passando batom nela, o que Sandra adorava. A sua mãe é muito menos vaidosa que a avó. Na verdade, ela foi muito *hippie* na sua adolescência e rejeitou vários códigos de feminilidade com os quais ela cresceu. A mãe, por exemplo, prestou exame para a faculdade às escondidas e foi morar numa república, embora os pais quisessem que ela morasse numa casa de freiras. Além disso, ela também morou às escondidas com o pai de Sandra antes de eles se casarem, algo que a sua família nunca teria aceitado. Com a mãe e com a tia, Sandra adora fazer “programa de mulheres: ir ao shopping, tomar café, fofocar e falar da vida.”

Aos 11 anos, Sandra tem uma amiga com a qual ela gosta de fingir que as duas são um casal. Elas fingem se beijar e ficam juntas –uma com a mão nas nádegas da outra. As suas mães ficavam muito bravas com a brincadeira e falavam que era feio que duas crianças brincassem assim. Sandra acredita que isso acontecia devido ao fato de a brincadeira ser muito sexualizada, uma vez que elas fingiam que se “pegavam e tal”.

3.2 ADOLESCÊNCIA E PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS SEXO-AFETIVAS

Helena— Lembremos que, ainda bastante nova, antes de ela querer participar das “brincadeiras de menino”, Helena é “muito metida” e gosta de “ficar toda linda”. Porém, isso muda quando ela entra na puberdade e na adolescência. Teve uma época em que a música ‘A loira burra’ estava de moda. A música marcou Helena. Ela lembra de não querer ser bonita, mas sim inteligente. Ela começa a vestir roupas largas, andar sempre descabelada e não se interessa por maquiagem durante toda a sua adolescência (e até recentemente). Todavia, ela é muito “saidinha” com os meninos e gosta bastante de paquerar.

Aos 13 anos Helena começa a fumar maconha com uma de suas primas. Sua mãe fica sabendo e a coloca de castigo um ano inteiro. Durante esse tempo, Helena só pode sair de casa para ir à escola e voltar, mas, como ela ressalta, a escola é um lugar “muito adequado” para a paquera acontecer. É nesta idade que ela dá o seu primeiro beijo e depois disso começa a paquerar frequentemente e a beijar vários meninos diferentes. Aos 14 anos, ficando com um menino, ele “tocou ela e ela tocou ele”. Foi desse jeito que a experimentação sexual com homens começou a fazer parte da vida de Helena. Ela gostava muito dessa exploração corporal.

Apesar de ser um período de muita experimentação sexual e corporal, Helena não tinha interesse de transar com os meninos com os quais ela ficava. De certa forma, as ideias que circulavam no seu entorno sobre as meninas que não eram mais virgens serem “piriguetes” tinham uma influência no seu desejo de não passar ao ato de transar. “Piriguetes” não eram meninas “para casar”. Essa era uma ideia que ela também reproduzia sobre outras mulheres e da qual se distanciava – ela não era “piriguite”. Aos 16 anos, ela começa a namorar. Helena acha o início deste namoro “muito gostoso” em relação aos “amassos”. Independentemente da intensidade das aproximações, carícias e estimulações, ela não pensa em sexo. Mas, para o namorado, as coisas são diferentes. Um dia, eles “quase chegaram a transar” – o namorado tinha uma camisinha, ele chegou

a colocá-la, mas, no preciso momento, Helena se recusou. No dia seguinte, o namorado terminou o relacionamento. Algum tempo depois ele a procurou de novo e eles retomaram o namoro. Pouco tempo depois Helena e o namorado transaram. Ela acredita que isso aconteceu não tanto porque ela tivesse realmente vontade, mas sim por se sentir pressionada.

Juliana– No caso da primeira experiência sexual de Juliana, foi ela quem fez pressão no casal. Seu namorado fazia parte da sua turma na escola. Eles começaram o namoro com 15 anos. Juliana rememora que, em relação ao sexo, o seu relacionamento foi uma situação atípica, uma “situação engraçada”. O seu namorado tinha uma família evangélica praticante. Para ele, era importante não haver sexo antes do casamento. Já a família de Juliana, tinha uma outra postura em relação à sexualidade da filha. O seu pai cresceu numa família atea. A mãe vinha de uma família muito católica, mas na adolescência se distanciou completamente dos valores religiosos. Embora ela e o irmão tenham sido batizados, a Igreja não foi uma coisa muito presente nas suas vidas. Aliás, ainda que os ambientes em que Juliana cresceu tivessem sido frequentemente bastante liberais, ela lembra de achar que seus pais eram os mais “abertos” dentre os pais dos amigos.

Durante o namoro de Juliana, a mãe insistia que o casal podia ter sexo na sua casa se ela quisesse. Ela lembra da sua mãe falando para ela: “Minha filha, olhe, traga ele pra cá, vocês não precisam se expor, vocês não precisam ir para um hotel, vocês não precisam passar por isso, você pode trazer ele aqui pra casa e tá tudo bem”. De fato, o relacionamento era de muita intimidade e, com o passar do tempo, Juliana começou a ter mais e mais vontade de ter a sua primeira experiência sexual. Ela, então, passou insistentemente a tentar convencer o parceiro sobre os dois transarem. Ele tinha medo e ficava preocupado com a ideia. O único medo que Juliana sentia era de uma possível gravidez.

Na casa do seu namorado, a família, nutria algumas preocupações em relação à Juliana. Eles reconheciam nela uma atitude muito mais relaxada quanto ao sexo. Segundo Juliana, a família do namorado tinha a impressão de ela ser alguém que poderia desencaminhar o seu filho – “e eles estavam certos”. Depois de três anos de namoro eles decidiram ter sexo pela primeira vez. Ela acha que demorou demais, em comparação às referências que ela tinha na época. Juliana lembra que essa primeira experiência foi “sem graça, mas também não foi ruim não”. Era uma coisa que já desejava e ela se sentia com muita confiança e intimidade com o parceiro. Fora isso, a “primeira vez” não foi um “grande marco” no relacionamento. Em relação à interação do casal, não houve

mudanças significativas. A partir desse momento, eles continuaram uma vida sexual ativa com diferentes intensidades ao passar do tempo.

Vanessa– Aos 14 anos, Vanessa coloca um piercing no seu nariz. Dentre as amigas, ela foi a primeira que realizou esse tipo de furo. Porém, ela fica com raiva das amigas com peitos grandes. Desde cedo ela utiliza sutiã com bojo, mas se incomoda com o fato de “não ter peito”. Nessa idade, Vanessa compra a cada mês a revista “Capricho” e outras do mesmo estilo: revistas para meninas adolescentes, tratando de coisas de mulheres. As revistas tratavam de temas como a menstruação, “o que toda menina deve saber sobre os garotos”, formas de tratar espinhas, tipos diferentes de corpos das mulheres para melhor saber combinar com roupa e penteado, etc.

A sua aparência era uma preocupação muito presente nesse período. A ideia de fazer uma cirurgia plástica passou pela sua cabeça, mas aquilo não teve “grande peso na sua vida” e ela não realizou esse procedimento. Em geral, Vanessa acha que não tinha grande problema com seu aspecto físico – afinal, ela “não se achava horrível”. Contudo, por volta dos 15-16 anos, o tema do peso cobrou maior importância no seu dia a dia. Em algum momento, ela acha que desenvolveu um distúrbio relacionado à alimentação, “que não chegou a ser bulimia, nem nada grave”.

No período em que as amigas começaram a ficar “interessantes” fisicamente para os meninos, Vanessa demorou muito “a se desenvolver”. Essa pressão das amigas estarem ficando com meninos, e ela não, se tornou ainda mais intensa quando ela entra no ensino médio em um colégio maior. Foi também o momento em que as festas com bebidas alcoólicas começaram a se tornar presentes. A bebida dava oportunidade à Vanessa de paquerar mais abertamente e ela passa a querer “pegar” muitos meninos naquelas festas.

Vanessa identificava nessa mudança de atitude a sua “revolta”. Para ela, essa era a sua forma de ser feminista diante de uma sociedade de duplo padrão na qual meninos que pegavam muitas meninas eram bem-vistos e as meninas eram tratadas de “putas”. Ao mesmo tempo, ela sentia culpa depois desses momentos. Vanessa tinha a impressão de que se colocava num lugar de “mulher fácil” e se questionava se os meninos queriam realmente ficar com ela ou se ficavam só por ficar. Como se ela não fosse alguém interessante, engraçada, “alguém para namorar”. Ela pensa que as pessoas na escola falavam que ela já tinha transado com alguns meninos, o que não era verdade, mesmo se às vezes acontecia de se “agarrar pesado”. Ela nunca chegou a masturbar ou a fazer sexo oral nos meninos. No fim do ano, ganhou o segundo lugar da sua turma em um prêmio

criado pelos próprios alunos: o “ônibus”, a menina que todo mundo pega. Aquela atividade de ‘piadas’ contava com a participação dos funcionários do colégio e os ganhadores eram projetados em slides para toda a escola.

Vanessa não tinha uma grande preocupação com a virgindade, mas ao mesmo tempo, essa era a justificativa que dava aos “ficantes” quando a situação chegava perto da transa. Esses encontros eram passageiros demais para ela ter a sua primeira experiência sexual. Ela não esperava um “príncipe encantado” para perder a virgindade, mas sim um tipo de demonstração de interesse para dar em retorno.

Mariana– Aos 15 anos ela se interessa por meninos, mas ainda brinca de Barbie, o que a fez perder uma amiga que julgava esses dois interesses incompatíveis para essa idade.

Contudo, foi nessa época que ela se sentiu apaixonada pela primeira vez. Isso aconteceu com um colega da capoeira – o rapaz tinha 18 anos e Mariana era “apaixonadíssima” por ele. Foi uma paixão platônica, mas, hoje em dia, ela se dá conta de que ele sabia disso. Ele passava perto dela e elogiava a sua barriga, “dava aquele sorrisinho”, etc. Era um momento em que Mariana “respirava capoeira”, e ele jogava muito. Ela sentia muita admiração por ele. Além disso, ele tinha uma certa “malandragem” que Mariana achava atraente. Ele já tinha namorado também com várias meninas do grupo de capoeira. Mariana se lembra dele como “aquele famoso homem que não presta, mas você gosta”.

Ao mesmo tempo, existia na vida de Mariana o seu melhor amigo. Um menino que passava muito tempo na casa dela, que a mãe adorava. Ele estava apaixonado por ela. Seu melhor amigo era todo “carinhoso, sincero, romântico, bom moço”, mas Mariana não conseguia sentir nenhuma atração por ele: ela o via apenas como um amigo. Já no estrangeiro, ela teve o seu primeiro namoro, com um amigo do namorado de uma amiga. Ela gostava dele, mas acha que, na verdade, ela o namorava porque sua amiga estava de casal, além de também querer experimentar namorar pela primeira vez. Mariana se lembra que o beijo dele “era bom e carinhoso”, mas, apesar da insistência dele, ela tinha decidido que não queria “perder a sua virgindade” naquele namoro. Ela chegou a falar para ele que se ele quisesse terminar o namoro por causa disso ou ficar com alguém mais, estava tudo bem para ela.

A mãe de Mariana sempre falou que a sua primeira vez não podia ser “muito cedo” e tinha que ser com a pessoa certa. Essa pessoa certa era alguém com quem ela namorasse e de quem ela

gostasse muito. Mariana não sentia que seus sentimentos por esse namorado eram assim tão especiais como ouvia a mãe dizer que teria que ser. Já com 18 anos, ela namorou um outro menino que na época achava que gostava de verdade. Nesta época, o relacionamento estava ficando mais ‘quente’ em relação aos contatos físicos e quase todos os amigos já haviam transado.

A experiência da primeira vez foi muito ruim. Ela estava tensa por diversas razões. A primeira delas tinha a ver com o fato de que era a primeira vez que alguém a via nua. Não era uma questão de estar desconfortável com o próprio corpo, até porque ela acha que, em relação ao padrão, ela tinha um “corpão”. Mariana ficou muito decepcionada com o sexo e reclamou para o menino que ele tinha estragado a sua primeira vez. Ela estava com muita dor, e não foi nada prazeroso – tudo exatamente ao contrário do que tinha escutado que seria.

Letícia– Na sua adolescência, entre os 15 e os 17 anos, Letícia começa a usar decote e saias e adotava um cabelo mais longo porque “menina tem que ter cabelão”. Suas mudanças corporais foram acontecimentos muitos celebrados pelas mulheres do seu entorno, como tias e avós, que frisavam que ela ficava cada vez mais bonita. Por conta disso, para Letícia, foi um “processo legal”. Quando usou o seu primeiro sutiã, por exemplo, foi uma experiência importante: “era tudo parte de um ritual, e eu gostava muito, me sentia super feminina”. Roupas femininas, maquiagem, etc., foram elementos bastante incentivados na sua vida. Até hoje, a sua avó liga para que ela faça maquiagem, “porque você tem que estar sempre arrumada, tem que estar bonita”.

Estas referências de feminilidade vão se modificar quando ela entra na faculdade. Aceita no programa de teatro, ela começa a conviver com mulheres que adotam uma “naturalidade” do corpo e da expressão por cima do caráter “artificial” dos mandatos femininos. Aos 13-14 anos, quando começou a se dar essa dinâmica de paquera entre os seus conhecidos, ela não era tão extrovertida quanto outras meninas da sua escola. Letícia acha que, nesse período, foi mais observadora do que participante. Além disso, seu pai era bem rígido com relação a saídas. Ela lembra de ter amigas que nessa idade saíam todos os fins de semana. Não era o seu caso.

Ela deu o seu primeiro beijo com 13 anos. De qualquer jeito, não foi muito de ficar paquerando. Ela lembra ter ficado com 2 ou 3 caras, e logo foi para um namoro sério, aos 14 anos. Ela acha que começou a namorar já tarde em comparação às suas amigas. Esse relacionamento terminou uma vez porque ele ficou com algumas meninas e isso era imperdoável para Letícia, isso fez com que todo o romantismo se perdesse. Porém, depois de um tempo, ela decide voltar com ele

e os momentos de intimidade assumiram um caráter cada vez mais sexual. Certo dia, quando ela tinha voltado da sua primeira experiência como estagiária, o namorado a chamou pra irem ao centro da cidade. Tinha planejado uma surpresa para Letícia. Ele a levou para um prédio, onde um amigo dele tinha dado as chaves de um apartamento. Quando ela entrou no quarto, o chão e a cama estavam repletos de pétalas de flor. Ao ver a surpresa, a reação de Letícia foi um frio na barriga, “me fodi”.

Ela transou dessa vez com o seu namorado mais pelo compromisso do que pela escolha. Letícia pensa que, caso tivesse participado do planejamento, ela teria recusado. Diante da situação ela sentiu que não podia recusar. Embora a mãe tenha insistido muito nas conversas sobre sexualidade, a questão do prazer e do consentimento não foram muito abordadas. Ela acha que não era também uma questão de muita reflexão na vida da própria mãe. Ela sentiu “zero” prazer sexual dessa vez. Letícia foi surpreendida e, por isso, não estava relaxada. Não passava pela sua cabeça que poderia recusar, como se fosse algo normal que acreditava acontecer com casais que namoram há muito tempo. O namorado perguntou nessa ocasião se tinha sido bom para ela. Ela respondeu que sim – “já comecei a minha vida sexual mentindo para agradar homem”.

Sandra– Quando volta de um período morando nos Estados Unidos, por conta do trabalho do pai, professor universitário, Sandra entra numa turma mais avançada para a sua idade. Ela tinha entre 13 e 14 anos. Foi o tempo do “peito crescer” e também um período na sua vida de insegurança e desconforto em relação ao corpo. Ela não sabia se deveria usar sutiã ou não, depois queria usar apenas sutiã com bojo porque desejava ter mais peito. Além do tamanho dos seus peitos, Sandra se incomodava com seu pelo corporal e com as espinhas. Ela tinha muita espinha na época e tomou um remédio forte para tentar remediar a situação. Depois de um tempo, a acne voltou e a tia, que também tinha sofrido com o mesmo problema, a aconselhou a tomar um forte anticoncepcional para resolver isso.

Aos 15, os pelos no buço causam nela muito sofrimento. Nessa idade, convenceu a mãe a deixá-la fazer depilação a laser, como algumas das suas amigas tinham feito. Aos 18 anos, uma amiga próxima fez cirurgia estética para aumentar o tamanho dos peitos. Ela fica insistindo para a sua mãe lhe deixar “botar silicone”. Sua mãe deixa claro para ela que não iria pagar por algo assim e que quando Sandra tivesse seu próprio dinheiro, poderia fazer. Ao mesmo tempo, a mãe tenta

convencer a sua filha de que ela não precisa fazer esse procedimento, pois é uma besteira. Ironicamente, ela lembra que, nessa época, uma amiga próxima da mãe coloca silicone.

Em geral, ela lembra dessa etapa como um momento em que nutria uma grande preocupação com o visual. Diferentemente do desconforto que sente com o corpo em lugares públicos, Sandra relata que, em casa, se sente muito mais à vontade. Ela tinha a liberdade de poder passar pelada pela casa sem nenhum constrangimento. Para sair, ela muda pelo menos umas 15 vezes de roupa.

As primeiras paqueras começaram aos 13 anos em clubes e festas. A primeira vez que ela beijou alguém “de verdade” foi em uma festa ocorrida em uma cidade do interior, evento em que todos os jovens iam para paquerar. Ela ia nesses lugares já procurando beijar alguém porque já estava se achando velha para o primeiro beijo. Porém, tinha um grupo de amigas no qual todas as integrantes se beijavam para experimentar a sensação. Certo dia, em uma festa, um menino muito popular quis ficar com ela. Todos os amigos a pressionaram para não desperdiçar essa oportunidade. Sandra, então, beijou o menino. Se ela não aceitasse seria muito malvista pelos pares.

Ela começou a beber muito cedo, já aos 14 anos nas festas com os amigos. Depois desse primeiro beijo, cuja situação ela se submeteu para não ficar mal com o seu círculo social, ela começou a ir em festas da faculdade de engenharia e ficar com os meninos. Era um ambiente muito “machista”, mas ela adorava fazer isso com as amigas. Porém, ela lembra de algumas situações pontuais nas quais ela se sentiu assediada. Aos 16 anos, já estavam acontecendo “quase transas” com paqueras, com penetração digital. A primeira transa de Sandra aconteceu aos 17 anos, com o seu primeiro namorado. Com ele, a questão da transa foi falada, ao contrário das outras pessoas com as quais era tudo muito passageiro e ela não se sentia segura. A sua primeira experiência “não foi traumática nem nada”. Ela já estava querendo transar fazia tempo e, na verdade, foi melhor do que ela tinha imaginado que seria.

Na sua casa, o tema da sexualidade era “muito tranquilo”. Seus pais sempre estiveram muito disponíveis para falarem sobre qualquer coisa. Com 17 anos, o pai de Sandra perguntava para ela se já tinha transado, que ela podia contar para ele. Sandra contou para sua mãe, e foi “de boa”.

3.3 SEGUNDA PARTE

Depois desta exposição, em forma de retrato, mas também de paisagem de cada infância e adolescência, continuaremos a nos aproximar dos universos das mulheres entrevistadas por outros caminhos. A seguir, suas vivências serão pautadas, recortadas e ordenadas pela imposição externa de categorias temáticas. A narrativa que irá resultar desta operação pretende evocar parcialmente as suas realidades como mulheres adultas e as particularidades das suas interações sexo-afetivas.

3.3.1 Insatisfação Sexual

Helena– O primeiro namoro de Helena durou 5 anos, dos 16 aos 21. Durante esse período, ela nunca teve prazer no sexo. Desde a sua primeira vez o sexo foi ruim, foi uma experiência “muito dolorosa”. Ela não sentiu prazer nenhum, mas lembra de ter permitido que a transa fosse até o momento que ele gozasse, mesmo estando ruim para ela. Contudo, ela estava “muito apaixonada” por ele. O sexo começou a ser motivo de muitas brigas no casal. Ela não gostava de ter sexo com ele, mas ao tempo o amava, gostava de estar junto e não queria abrir mão do seu relacionamento. Ele insistia para transar e Helena não tinha nenhum tesão nele, embora, em alguns momentos, aceitasse a insistência de seu parceiro.

Juliana– Com a situação inusitada da pandemia, Juliana passou por um processo que a fez repensar como ela tem vivido sua vida sexual recentemente. Com o confinamento, o seu relacionamento não apresentava grandes complicações, porém o sexo estava mais difícil. Eles não tinham vontade. Ela acha que certamente o stress da conjuntura inédita era um fator decisivo, mas, deixando de lado as implicações da crise sanitária, ela entendeu que a sua sexualidade está além do sexo com o companheiro. Ela chegou à conclusão de que o fato de não estar rolando sexo com o seu parceiro não quer dizer que ela não possa ter a sua própria vivência sexual.

Contudo, Juliana acha que precisa ser mais disciplinada em relação à dedicação a si mesma. Recentemente, tem se afastado bastante de qualquer prática sexual. Passa por um momento de estar “mais assexuada”. Ela acredita que não precisa ser algo forçado, mas acha que “a gente tem que se ajudar um pouquinho”, porque é importante para viver. Segundo ela, estar assim tão distante das práticas sexuais não é o ideal.

Vanessa– O primeiro namoro de Vanessa durou quase 6 anos, dos 17 aos 23. Desde o início, e durante todo o tempo que eles passaram juntos, ela não tinha ideia do que era sentir prazer e não sabia de quais coisas gostava no sexo. Vanessa lembra de gostar de ter sexo nas primeiras vezes, mas ela nunca gozou e aquilo só foi piorando com o tempo. Quando eles transavam, ela já sabia que não iria gozar – como se seu objetivo fosse fazer o seu parceiro gozar. Apesar disso, no início do relacionamento, Vanessa gostava de transar com o namorado, pois achava que era “uma coisa de casal”. Hoje em dia, percebe que tudo acontecia de forma muito fria e mecânica, sempre de olhos fechados e luz apagada. Vanessa sentia que ele não fazia o menor esforço para provocar tesaão nela.

Ele também quase nunca fazia sexo oral em Vanessa. Ela tinha muita curiosidade em experimentar esse tipo de sexo, mas ao mesmo tempo, ela nunca disse isso a ele, porque ficava com vergonha de estar “cheirando mal”, com alguma secreção ou algo parecido. Quando as amigas falavam das suas experiências, ela realmente ficava com muita curiosidade para saber como era o sexo oral para elas, porém, mais uma vez, não perguntava. Em geral, essas conversas aumentavam a frustração de Vanessa. Ela se sentia um extraterrestre por não experimentar sensações nem perto daquelas que as amigas descreviam na sua vida sexual. No máximo, ela ficava dizendo gostar de fazer sexo oral no seu companheiro, como uma forma de fingir que ela estava desfrutando da sua vida sexual.

Ela procurou ajuda com a psicóloga da escola, que indicou uma sexóloga. Vanessa não conseguia acreditar que ela estivesse passando por uma “situação de casal de vinte e tantos anos”. Isso foi o que fez com que Vanessa decidisse finalmente afrontar a situação e falar do problema abertamente com o namorado. Em termos gerais, ela sempre evitou qualquer tipo de conflito nesse primeiro namoro, o que significa que falar para o namorado que ele não estava dando prazer a ela era inconcebível. Para surpresa de Vanessa, o namorado reagiu muito melhor do que ela imaginou, considerando que estava esperando uma reação de “macho alfa”. Contudo, aquilo passou a ser mais um motivo de estresse para Vanessa, por ter que responder frequentemente se ela tinha gozado a cada vez que eles tinham sexo. Ela decidiu finalmente terminar o namoro.

Mariana– Como vimos, “a primeira vez” foi muito ruim para Mariana. Foi uma experiência dolorosa e nada prazerosa. Depois dessa primeira vez, o namoro continuou, mas o casal

combinou de “ir mais devagar” em relação ao sexo. Eles saíam para motéis, “só para curtir” o namoro, sem que tivesse necessariamente penetração. Depois de algum tempo, a penetração aconteceu de novo e “não foi tão ruim” como a primeira vez, mas, ao mesmo tempo, ela “não tinha outras referências”.

O tema da insatisfação sexual tomou outras proporções na vida de Mariana quando se casou. Ela conheceu o marido no trabalho. Algum tempo depois eles casaram e logo ela engravidou. O sexo antes da gravidez era “normal”, “nunca foi muito bom”, mas também não era algo que Mariana realmente priorizasse em sua vida. Porém, em algum momento do casamento, ela teve a necessidade de procurar outras formas de explorar a sua sexualidade porque se deu conta que “não estava mais viva”. Fazia muito tempo que ela não tinha mais prazer nem na vida nem no sexo.

A sua vida sexual começou a ser problemática especialmente depois do parto. A sua ginecologista lhe explicou que era normal a libido ter uma queda significativa depois de dar à luz. Contudo, o tempo passou e a sua libido “nada que voltava”. Ela continuou fazendo sexo com o marido mesmo sem ter vontade e aquilo foi ficando cada vez pior. Quanto menos vontade ela tinha, pior era o sexo. Ela já torcia no início para isso acabar logo, até que um dia fechou os olhos e se sentiu violentada. Isso foi um limite para ela, que falou com seu marido que não faria mais sexo se ela não estivesse afim. A partir desse momento, a insatisfação sexual tornou-se um problema a ser resolvido no seu casamento.

Eles, então, tentaram uma terapia de casal e uma terapia tântrica. Mas nada resolvia. Porém, a terapia conseguiu fazer com que eles se comunicassem melhor e foi justamente numa conversa que ela falou para ele que não aguentava mais o peso de ter que resolver a situação. Porque ele continuava procurando-a e a cada vez que ela tinha que reafirmar que não queria transar os dois ficavam “péssimos”. Ele se sentia rejeitado e ela, um extraterrestre, sem tesão algum. Depois da terapia tântrica, ela compreendeu que não queria mais sexo centrado completamente na penetração, em que só o parceiro goza. Mas entendeu também que tinha uma responsabilidade com o seu prazer.

Eles decidiram finalmente se separar e, para Mariana, foi a melhor decisão que já tomou na vida. Metade do peso que ela tirou das suas costas se deveu ao fato de não ter que resolver “na urgência” o fato da insatisfação sexual. Ela ainda quer resolver isso, mas consigo mesma e em seu tempo, sem a pressão do parceiro ou da sociedade condenando o fato dela estar casada e não transar. Numa ocasião, uma médica, que ela tinha procurado para saber se a sua falta de libido se devia a

questões fisiológicas, falou para ela que “tinha que resolver isso logo, porque senão ele iria resolver isso na rua, ele iria arrumar outra”.

Leticia– Leticia passou 11 anos com o seu ex-companheiro. No início, a sua vida sexual era muito frequente e intensa, mas, com o passar dos anos, isso foi diminuindo. Sobretudo nos últimos três anos, Leticia já não tinha nenhuma vontade de fazer sexo com ele. Ela lembra que nos últimos momentos antes da separação, transar já era um sacrifício. Isso nunca foi falado entre eles, até o momento em que ela decidiu terminar. Ela considera que, pensando no seu relacionamento como um todo, ela teve uma vida sexual satisfatória, apesar de ter seguido seu padrão de fingir orgasmos. Mas também, com esse namorado, ela teve a possibilidade de aos poucos ir “desconstruindo isso”. Ela tinha muita intimidade para se conhecer sexualmente com ele, algo que não tinha tido nos seus relacionamentos anteriores. Contudo, o sexo foi determinante para a separação. Leticia teve um encontro sexual por fora do casamento, e entendeu o que seria essa satisfação sexual que há tempos procurava na sua vida, e que não existia com seu marido.

Ela entendeu nesse momento a sexualidade num sentido “mais holístico”. Como impulso vital para lhe mover a fazer coisas. Se deu conta que suprimir isso ou fingir que estava tudo bem, fingir que ela estava satisfeita, tinha implicações em outras esferas da sua vida, como na sua criatividade, na força. Aceitou que a sua sexualidade faz parte do que ela é, que tem que ser um aspecto bem resolvido. Ao mesmo tempo, entendeu também que não gozar não era um defeito nem um problema, mas que ela tem necessidades muito específicas e tenta respeitá-las.

Sandra– Sandra acha que antigamente tinha uma necessidade maior de gozar, que não necessariamente tem hoje em dia. Ela tem a impressão de que se esforçava mais para chegar ao orgasmo. Além disso, hoje em dia, se não estiver bem no seu relacionamento, é mais difícil que o sexo seja bom. Na sua experiência atual de convívio cotidiano, não é todos os dias que ela se sente “super apaixonada”, às vezes ela está de “saco cheio, abusada e sem paciência”. Esses dias ela sente que não é tão fácil ter a disposição de gozar.

Seu tesão depende muito do dia a dia, “aí as vezes (o orgasmo) é mais demorado, mais difícil”, como se ela “ficasse mais exigente também”. “Exigente no sentido de querer que a pessoa lhe agrade mesmo, e nem sempre a pessoa faz isso”. Nessa conjuntura, “nem sempre ela goza”, mas acha que “a maioria das vezes ela goza”. Uma outra coisa que mudou para Sandra foi uma

maior disposição para falar da insatisfação com o parceiro. Hoje em dia, ela não faz muito esforço para pedir alguma coisa específica para gozar e, em geral, não demonstra muito sua insatisfação. Se ela não gozar, prefere “terminar” sozinha.

3.3.2 Ciúmes

Helena– Além das brigas pelo sexo, existiam outras duas situações que causavam conflitos entre Helena e seu primeiro namorado. Ele era muito ciumento e constantemente reclamava de Helena “dar mole” para os caras com os quais interagia. Ela acha que aquilo era uma projeção, porque na verdade, foi ele que a traiu em várias ocasiões. Ela sempre descobria essas infidelidades, mas ele sempre as negava categoricamente, ao ponto de Helena chegar a duvidar de si mesma. Em geral, Helena lembra desse namoro como uma etapa difícil na sua vida, onde ela perdeu a referência da sua identidade, perdeu a referência do que ela gostava ou não gostava e se afastou dos amigos. A dinâmica acabou desgastando-se até o namoro acabar.

Vanessa– No seu primeiro relacionamento, Vanessa ficava mexendo com o celular do namorado às escondidas, na procura de infidelidades. Ela se sentia muito insegura em relação a possíveis paqueras com outras meninas. Já no seu segundo namoro, era o seu ex-namorado que procurava saber das conversas de Vanessa. De fato, o pior momento do seu relacionamento foi quando ele obteve acesso a todos os dados pessoais de Vanessa. O namorado ficou com o celular antigo dela porque o seu tinha quebrado. A partir desse momento, havia sempre reclamações por coisas que ela falava com as amigas. Ele jogava isso para ela em qualquer conversa, o que a desestabilizava muito. Ela percebeu que o seu namorado tinha acesso até aos vídeos que assistia no Youtube. Ela se sentia vigiada o tempo todo e com medo de falar alguma coisa que gerasse um problema.

O seu relacionamento teve esses problemas de inseguranças e reclamações desde o início. Quando ainda estavam ficando, Vanessa o convidou para uma festa na sua casa. Quando ele foi dormir, ela ficou interagindo com os amigos. Ela estava muito bêbada e beijou um dos meninos, justo na hora que seu “ficante” acordou. Foi nesse dia que Vanessa o pediu em namoro. Ele sempre ficou com a sensação de que começaram a namorar porque ela se sentia culpada. Ao mesmo tempo,

durante todo o namoro e até o fim, ele cobrou dela sobre o que tinha acontecido. Sempre ficou esse peso dela “ter sido puta”.

As tensões entre eles começaram a ficar “até abusivas”. Para ele, o ideal era que fossem só eles no mundo, qualquer elemento externo na vida de Vanessa tornava-se um problema e motivo de reclamações, incluindo as suas atividades acadêmicas. Era como se, para ele, ela fosse tudo e frustrava-se por não ser tudo para Vanessa. Ela gostava muito dele, mas essa dinâmica começou a pesar demais, e ela não quis mais continuar com o relacionamento.

Leticia– ‘Olha, acho que os ciúmes vêm no combo de como ser mulher, de primeiro você ser feminina, você estar numa relação monogâmica e aí como consequência você tem que ter controle sobre o outro e o outro tem que ter controle sobre você’. Na sua vida, Leticia já foi muito ciumenta, nunca foi de demonstrar ciúmes, mas por dentro ficava se remoendo. No seu casamento, esses sentimentos foram muito intensos, pois acredita ter sido a primeira vez que estava muito apaixonada por alguém, e eles tinham muito medo de perder um ao outro. Ela tinha uma grande necessidade de controlar o companheiro, mas eles foram construindo um sentimento de mútua confiança, embora houvesse traições por parte dele. Hoje em dia ela é mais tranquila, não fica procurando ser o único objeto de atenção por parte do companheiro, mas ainda tem ciúmes em um nível muito pequeno.

Sandra– Os ciúmes foram um aspecto central em um período muito conflituoso na vida amorosa de Sandra. Estando em um relacionamento de muito envolvimento, começaram a existir muitas brigas de inseguranças mútuas. Os conflitos se intensificaram quando ocorreram relações fora do casal, uma vez que a ideia de “relacionamento aberto” tinha sido considerada como parte dos acordos entre Sandra e o namorado. Ela não queria ser a pessoa que o impedisse de se relacionar com outras pessoas, mas, ao mesmo tempo, ela se sentia muito magoada quando isso acontecia.

Sandra tentava pôr limites e critérios sobre quem seriam as pessoas com as quais se relacionar. Era uma situação de constante e intensa negociação. Ela tentava dizer que não eram ciúmes, racionalizava aquilo de formas distintas, mas hoje em dia se dá conta que eram basicamente ciúmes. No fundo, sentia medo de ser trocada. Na verdade, era essa a sensação que tinha cada vez que seu namorado ficava com mais alguém. Ela se sentia trocada mesmo se ele ficasse só uma vez com outra pessoa.

Em uma ocasião, ela descobriu que o namorado estava viajando com outra menina. Sandra “surtou”, e falou que, quando ele voltasse, o relacionamento deles teria acabado. Ficou uma mágoa entre os dois. Mesmo que eles tenham continuado a frequentar os mesmos lugares, eles não se falavam. Sandra ficou com muitos sentimentos de raiva e dor. Até que se reconciliaram. Mas ao longo do seu relacionamento, “praticamente a mesma ladainha” acontecia ciclicamente. Muito envolvimento, vontade de ficar com outras pessoas, ciúmes e brigas, separação, reconciliação, fechamento do casamento. As brigas por ciúmes ficaram ainda piores quando eles ficaram com outras pessoas depois de terem se casado e aberto a relação novamente. Sandra não conseguiu superar isso e ficou brigando até tornar a situação insustentável. Eles não chegaram a se bater, mas eram brigas “horríveis, de jogar coisas e tal” e depois ficavam arrasados.

3.3.3 Prazer Sexual

Helena— Aos 21 anos Helena teve seu primeiro orgasmo no ato sexual. Ela já tinha experimentado orgasmos se masturbando, mas não no sexo em si. Esse encontro mudou radicalmente a relação que Helena tinha com sexo, o que a fez querer experimentar mais. Helena “descobriu que o sexo era bom”, até esse momento ela se perguntava: “por que as pessoas gostam tanto de sexo?”. Ela ficou “muito experimentadora”, começou a ficar com muitos homens. Falando com as amigas recentemente, ela percebeu que perdeu a conta de com quantos homens já ficou ao longo da sua vida.

Helena acha que por conta da experiência ‘traumática’ de ter tido um relacionamento de 5 anos onde o sexo não era bom, isso virou uma questão central, o sexo “virou indispensável” e passou a balizar os seus relacionamentos em torno disso. A partir daí, só se apaixonava se o sexo era bom. “O melhor sexo” da vida de Helena aconteceu com um homem que era muito distinto do padrão pelo qual ela costuma se interessar. Ela o conheceu num aplicativo de paquera depois de superar a decepção amorosa que colaborou para a perda temporária de sua libido. Foi um relacionamento onde não existiu nenhum tipo de envolvimento emocional. A sua interação era tipo “sexo delivery”. Eles só se encontravam para transar. Ele é um cara que não conhece nada da vida pessoal de Helena. O relacionamento funcionava bem para os dois, só que tinha um detalhe: ele era casado. Ela não quis ser parte dos problemas do seu casamento e decidiram terminar. Esse foi um outro encontro que mudou a relação de Helena com o sexo. A partir desse momento, ela passou

a ter uma relação de “mais respeito” com seu corpo. Se não fosse com ele, “transar por transar” perderia o sentido.

Uma prática sexual importante para o prazer de Helena é o sexo anal: “eu sempre gostei muito de sexo anal, é uma coisa que eu sempre fiz e sempre, de preferência, com homens que gostam também, porque nem todo homem gosta”. Ela não entende como tem gente que não gosta de sexo anal. Se ela fizer sexo anal e estimulação de clitóris, chega mais facilmente ao orgasmo.

Juliana—Juliana só tem orgasmos com sexo oral, não tem com coito. A primeira vez que teve um orgasmo no sexo oral foi com o seu atual companheiro. Não havia experimentado antes. Ela nunca tinha tido parceiros dedicados ao sexo oral. Juliana lembra que aquilo foi “uma doideira”. Ela tinha uma sensação muito incômoda, sentia que quando estava chegando perto do orgasmo tinha muita vontade de fazer xixi. Isso a agoniava bastante. Ela parou o sexo várias vezes por conta disso. Até que um dia, falou do que sentia para seu companheiro, e ele respondeu que “tinha muito tesão nisso, que, caso acontecesse, ele iria adorar”. Isso foi o que “destravou” para Juliana.

Na maioria das suas relações, a penetração vaginal era a prática dominante. Mesmo quando ela não tem orgasmo com a penetração, acha importante dizer que gosta muito. Às vezes ela desrespeita seu próprio tempo. “Eu vou logo para a penetração, aí quando eu vejo, eu não estou excitada o suficiente, sinto dor e tudo”. Mas em geral Juliana se sentia satisfeita com sua vida sexual, não tinha sensação de insatisfação. “Claro que, abrindo-se uma nova porta, eu percebo que estava perdendo muita coisa e tal, mas não era um problema”.

Vanessa— A primeira vez que Vanessa teve prazer sexual foi depois de um ano e meio de relacionamento com seu segundo namorado. Ao contrário do primeiro, o segundo era uma pessoa muito sexual. Como Vanessa fala, “se fosse por ele, estaria transando o tempo todo”. Mas o mais importante, para ela, era que ele se preocupava com seu prazer. Ela também se sentia muito desejada por ele. Isso era algo que a estimulava bastante porque o namorado fazia questão de lhe demonstrar que não tinha vontade de sexo só pelo sexo, mas sim que também a desejava muito. Apesar disso, atingir o orgasmo aconteceu muito tempo depois de iniciada a relação. A atitude do namorado foi muito importante para Vanessa, mas sem dúvida ela acha que, sem o trabalho que ela fez na terapia desde o seu primeiro relacionamento, ela não teria conseguido relaxar.

Contudo, ela sempre atingiu o orgasmo sozinha. O seu problema era que no sexo ela sentia “todos os olhos sobre ela”, uma necessidade de performance que não lhe permitia estar no

momento. Isso também acontecia no início do seu segundo namoro. Vanessa achava que o parceiro era muito experiente e ela sentia essa pressão de se mostrar “super resolvida” sexualmente. Ela se envergonhava de não saber dizer o que ela gostava ou queria, falando qualquer coisa para parecer “sexy”. Quando experimentou seu primeiro orgasmo com ele, foi quando conseguiu parar de pensar no outro. Eles desenvolveram uma intimidade que fez com que Vanessa deixasse de se preocupar com a sua performance.

Mariana– Com seu primeiro namorado, em uma ocasião, Mariana ejaculou. Ela não sabia o que tinha acontecido ali, tampouco em outras vezes que o mesmo aconteceu ao longo da vida. Quando ocorreu pela primeira vez, passou como algo sem importância. Ela não lembra exatamente o que estava fazendo, mas acha que o fato dela ter fumado maconha com o namorado tenha influenciado. Depois que escutou falar sobre ejaculação feminina, ela se deu conta de que já tinha vivenciado isso, ao sentir muita excitação. Geralmente isso acontece com estimulação digital, mas já aconteceu também com penetração com o pênis.

Porém, a primeira vez que ela teve um orgasmo foi com um amigo de um amigo, que fez sexo oral nela, num encontro casual. Na verdade, foi a primeira vez que ela teve sexo com alguém com quem não estivesse namorando. Mesmo achando experiência maravilhosa, ela sentia culpa por ter tido sexo com ele na primeira vez que ficaram. Ela estava muito estressada com o que esse parceiro casual pensaria dela. Contudo, foi nessa experiência que ela compreendeu o que todas as amigas falavam sobre o sexo ser bom. Depois dessa experiência, ela ficou mais “livrinha” com respeito ao sexo casual, mas ela nunca foi de sair com muita gente. De fato, ela acha que nunca foi do tipo de pessoa que precisa de sexo. Ela entende que não precisa de sexo como algumas de suas amigas. Nunca falou, estando em casa, “poxa, queria muito estar transando agora”. Em todas as situações em que sentiu vontade, estava sendo estimulada por alguém.

Leticia– O aspecto sexual é primordial para Letícia no seu relacionamento atual. Ela conheceu seu companheiro estando casada há 11 anos. Ele era um colega do trabalho e no início o interesse foi puramente intelectual. Ela já se sentia apaixonada por ele, no entanto, quando eles tiveram sexo pela primeira vez, Letícia entendeu que tinha que tomar uma decisão muito importante na sua vida. Esse encontro sexual foi, para Letícia, “o melhor sexo da sua vida”.

Às vezes ela se questiona por ter terminado um relacionamento de muito amor e companheirismo por causa do seu desejo e prazer sexual. Ela sente culpa por ter abandonado a

relação por uma pessoa com quem gosta de transar. “O que é isso?”, “Onde você viu isso, que tipo de mulher você é?”, “Você é uma vagabunda?”. Quando esses questionamentos aparecem, ela decide então assumir que é, e desconstruir o seu significado porque ela tem que respeitar o seu sentimento. É uma coisa que ela faz ao cotidiano. Ela acha que talvez as coisas não tenham acontecido da melhor maneira, mas ela decidiu respeitar e atuar conforme o seu desejo legítimo. Refletindo sobre por que ela considera que o sexo com o novo companheiro é o melhor sexo da sua vida, ela acha que tem a ver com uma questão de ele ser menos delicado que seu ex-companheiro. Ele cumpre mais com os padrões do imaginário de homem. É mais musculoso e proativo. Ela chega até se sentir frágil e indefesa com ele, porém, também protegida. Ele se coloca mais no papel de conduzir a relação sexual.

Hoje em dia, a rotina de sexo tem sido deixada um pouco de lado por conta dos cuidados em relação ao filho pequeno. Ela trouxe isso para conversa porque foi esse o motivo pelo qual ela decidiu terminar o seu casamento e não está mais disposta a ter uma vida sexual não satisfatória. Ela acha que, por ter se questionado muito sobre seu prazer sexual, ela pode ter esse tipo de conversa hoje. Uma semana antes da entrevista, ela tinha conversado com seu companheiro sobre querer comprar um sugador para ter orgasmos rapidamente, porque também queria gozar no sexo, algo que recentemente não estava acontecendo devido à dificuldade de ter tempo para eles dois. Ela quase sempre consegue gozar com estímulo do clitóris.

Sandra– Sandra experimentou um período de muito prazer no sexo no seu primeiro casamento. Foi um período de muita intimidade e afinidade que permitiu a Sandra se sentir muito à vontade, “de poder ter muita tranquilidade, de ter uma segurança, de falar do corpo e dispor”. Ela sentia que esse namorado era a primeira pessoa com a qual realmente estava explorando a sua sexualidade e seu corpo.

Pensando nessa época, ela acha que o seu tesão estava diretamente relacionado ao sentimento de paixão. Foi nesse período que ela começou a gozar muito. A partir disso, Sandra teve uma fase na qual ter orgasmo no sexo era imprescindível. Inclusive, os ciúmes dentro desse relacionamento eram algo que aumentava muito o seu tesão. Ela acha que esse período de muita libido era diretamente provocado por todo um fetiche que desenvolveu ao redor dessa pessoa, por tudo o que ele significava para ela.

Teve uma outra fase em que Sandra estava fazendo “sexo pelo sexo”. Nesse período, ela se relacionou com um menino que era muito “fálico”. Era algo novo para ela porque sempre tinha tido algum tipo de carinho nas suas práticas sexuais que não existia com ele. Ela se sentia objetificada e ele era muito “bruto”. Ela gostava, mas não tinha esse tesão de quando ela estava envolvida sentimentalmente.

3.3.4 Sentimentos românticos

Helena— Helena se descreve como uma pessoa “apaixonadíssima”, seus amores são sempre “arrebatedores” e constituem “marcos importantes na sua vida”, embora isso não dure necessariamente muito tempo. Uma constante dos amores de Helena é que acontecem de maneira imediata e ela sempre sabe quando vai se apaixonar só de ver a pessoa. Geralmente, são homens que provocam nela um sentimento de vulnerabilidade, mesmo sem ter havido beijo ou algum outro tipo de aproximação.

Ao longo da sua vida, a relação entre sentimentos românticos e o sexo foi se transformando. No seu primeiro relacionamento, ela estava muito apaixonada, mas não tinha nenhum prazer no sexo com o namorado. Depois, o sexo “virou indispensável”, ela só se apaixonava se o sexo fosse bom. Tudo mudou novamente depois que Helena passou por uma grande decepção amorosa. Ela conheceu um homem “encantador”, pelo qual ficou “maravilhada” desde a primeira saída. Quando se conheceram, Helena estava muito “nessa onda de experimentar”, nesse momento “eu não queria namorar”. Porém, desde a primeira saída com esse homem, ela se apaixonou “imediatamente, perdidamente”.

Ele era muito “atencioso e interessante”. Ele foi buscar Helena numa cidade a uma hora de distância de São Paulo, só para dirigir de volta e lhe mostrar a cidade. “Ele planejou toda a noite para a gente, fiquei muito, muito surpresa”. Nesse dia, eles passaram a noite “transando loucamente”. Ela tinha que voltar, mas, a pedido dele, decidiu ficar todo o fim de semana. A partir desse momento, mesmo morando em cidades diferentes, eles continuaram se vendo.

Nessas idas e vindas, Helena teve a impressão de que ele estava se distanciando aos poucos. Ela imaginou que talvez ele não estivesse mais a fim de namorar a distância. Helena quis ter essa conversa pessoalmente, queria saber o que ele esperava exatamente do relacionamento. Ele sugeriu conversar sobre isso em outra ocasião, porque estava tarde e era melhor desfrutar a janta. Helena

não viu problema nisso, só que essa foi a última vez que viu e falou com ele. Depois dessa conversa, ele começou a responder a suas mensagens cada vez mais esporadicamente, até não responder mais. Ele também não atendeu mais as ligações, nem os e-mails, sumiu por completo.

Helena ficou muito mal, sem saber dar um sentido ao que tinha acontecido. Seu sentimento foi de que ela não seria digna de ter um relacionamento desse tipo. Ela caiu em depressão e desenvolveu um transtorno de ansiedade. Ela sentia pavor de se aproximar de homens e perdeu a sua libido por completo. Ela não sentia tesão nenhum e passou quase dois anos sem se relacionar com ninguém. Passado o tempo e com o auxílio de um tratamento psiquiátrico, ela começou a melhorar e foi se relacionando de novo, aos poucos, até conhecer o homem com quem se casou. Helena percebe que, nos seus projetos de vida e quando ela conta a sua história, ela é sempre muito afetada pelos seus relacionamentos. "Todo o meu estado de espírito, o que eu desejo, tudo tem a ver com como eu tô naquele momento, afetivamente falando".

Contudo, antes dela se casar, ela estava num relacionamento que descreve como o "mais leve" que já teve. Era um relacionamento de muito apoio, respeito e acolhimento. Porém, quando se viu na situação de decidir entre manter esse relacionamento e seu trabalho, ela elegeu o seu trabalho. Por mais que estivesse apaixonada, é muito difícil para ela imaginar não se sentir realizada profissionalmente: "eu sempre penso assim, se eu tiver que escolher entre o amor romântico e o trabalho, eu vou ficar com o trabalho".

Juliana– Juliana sempre foi muito de se apaixonar, de viver amores platônicos. Ela considera que existe um padrão de homem pelo qual ela se encanta com facilidade. São homens que ela acha muito sedutores. Quando ela viajou de intercâmbio, conheceu um homem com esse perfil, pelo qual se apaixonou perdidamente. Juliana lembra dele como uma pessoa que sabia conversar, muito aglutinador, de quem todo mundo gosta. Eles ficaram juntos, mas não namoraram oficialmente, porque ele nunca terminou o seu relacionamento à distância.

De alguma forma, ela achava que essa situação de estar como "a outra mulher" era o preço a se pagar por estar com alguém como ele. O término dessa relação foi muito sofrido para ela. Juliana chegou a padecer de episódios de ansiedade e teve diagnóstico de depressão. Ela não tinha noção do quanto essa situação podia lhe afetar. Juliana passou muito tempo sem querer saber de nada em relação a homens. Ela conta que as suas amigas não aguentavam mais vê-la sofrendo, e a mãe também não. Foi um "grande drama de amor". Contudo, ela nem gosta de falar que se

arrependeu, porque acha muito legal ter vivido essa experiência: “foi maravilhoso, mas custou muito”. Ela se jogou completamente.

Tempos depois, Juliana muda-se para outra cidade para fazer um mestrado. Quase ao final da pós-graduação, ela consegue um trabalho na cidade. Nesse tempo, ela “se meteu em mais uma roubada, a pior roubada da vida”, envolvendo-se sentimentalmente com um colega de trabalho. Eles ficam juntos por pouco tempo, em uma situação muito ‘atravessada’. Ela se vê novamente no dilema de amor “proibido”, “que não podia ser”. O parceiro em questão fazia parte de um universo completamente diferente do de Juliana. Ela estava trabalhando numa favela e ele fazia parte desse novo mundo que ela estava conhecendo, o que a deixa muito encantada por essa diferença. Porém, do mesmo jeito que o seu envolvimento no intercâmbio, foram situações de “arrebato, de muito apaixonamento, tudo muito intenso”.

Vanessa— Quando Vanessa fala sobre seus percursos amorosos, ela não menciona muito grandes sentimentos românticos. Porém, quando namorou pela primeira vez, teve um “romancezinho”. Ela o achava muito engraçado, fofo e não era grudento demais. Era também uma pessoa bem-vinda no seu círculo de amizades. Contudo, ela não se lembra de ter tido “sentimentos inexplicáveis de paixão” pelo seu ex-namorado. Tratava-se de uma coisa nova para ela. Desde as suas primeiras paqueras, Vanessa foi alimentando a sensação de que ninguém estava interessado em namorá-la. Foi uma descoberta, nesse sentido.

De seu segundo namorado ela estava apaixonada “com certeza”, e ele estava ainda mais apaixonado por ela. Ao final, foi esse amor que pesou demais para Vanessa. Para o namorado, Vanessa “era tudo”. Ao mesmo tempo, ele sempre reclamava que ele não era tudo para ela. Como que ele podia amá-la tanto e ela, por sua vez, “não enxergar” e não o amar da mesma forma? Ela gostava muito dele, mas as reclamações tornaram-se insustentáveis e afetavam outros aspectos da vida de Vanessa. Ela decidiu que não era isso o que queria e terminou o namoro.

Letícia— Letícia lembra que seus primeiros interesses em homens sempre foram ligados a sentimentos românticos. “Era muito essa coisa de novela, de fantasiar, de romantismo”. A ideia de um amor que transcende qualquer barreira sempre mexeu muito com ela. Na sua família, havia um casal de tios que eram “os bem-sucedidos”. O marido da sua tia a tratava mal. Letícia achava que sua tia ficava com ele só pelo dinheiro e pensava que aquilo não valia a pena. Desde então ela pensa que um casamento tem que ser pelo amor, pela paixão e pelos sentimentos. Hoje em dia ela segue

pensando assim. Nos relacionamentos nos quais ela viveu infidelidades por parte dos namorados, nos dois casos, eles conseguiram superar aquilo e continuar mesmo sendo situações muito difíceis.

Contudo, estando num relacionamento, a sua tia a convidou para morar no Rio de Janeiro e estudar na cidade. O seu namorado pediu para ela ficar. Letícia decidiu terminar o relacionamento e ir para o Rio, “mesmo com o coração despedaçado”.

Sandra– Desde o início do envolvimento com quem viria a ser seu grande amor, Sandra sentia uma conexão que não tinha experimentado antes. Logo que começaram a ficar, ela ficou “nossa, eu acho que tem alguma coisa aí especial”. E, de fato, foi um início de muita paixão e “altas declarações de amor”. Foi para ela um encontro muito forte em muitos níveis, porém esses sentimentos românticos desempenhavam também um papel nos conflitos que o casal atravessou ao longo do tempo. De fato, Sandra acha que teve um momento em que o relacionamento era sustentado em grande parte pela dinâmica de brigas. Essas brigas eram provocadas pelo medo mútuo de perda, mas, ao mesmo tempo, depois das brigas, tinha “a reconciliação, o amor, a transa e tal, e aí a gente entrava num estado de muito amor”. Contudo, com o passar do tempo, as mágoas foram desgastando o relacionamento. Mesmo estando separados, e ainda que Sandra tivesse outras “paixõezinhas”, ela não se envolvia totalmente, por ter essa referência e uma espécie de lealdade com esse grande amor.

3.3.5 Paqueras

Helena– Quando Helena ‘bota o olho’ em alguém, e ela tem certeza de que essa pessoa lhe oferece uma possibilidade de vulnerabilidade, a conexão é sempre recíproca. Ela se faz notar e a aproximação termina acontecendo. Esse interesse imediato é sempre por homens que ela sabe “que vão funcionar como criptonita” para ela. Nos seus relatos, é comum ela falar “cara, eu quero esse homem”. Helena fica “dando mole para eles” até que eles fiquem olhando para ela também.

Vanessa– As dinâmicas das paqueras de Vanessa se dão hoje nos mesmos termos em que se davam na adolescência. É sempre num contexto de festas e álcool. Desde o ensino médio, quando ela começou a pegar muitos meninos, a bebida tinha uma função muito específica na sua forma de se relacionar com homens. “Era como se no ambiente normal, de escola, eu fosse essa menina reservada, calada, e aí quando saía precisava da bebida, precisava muito de sair, para poder ser a

‘puta’”. Quando ela bebe, “não tem muito filtro”, mas é isso precisamente o que ela procura na bebida. Sem álcool ela se sente muito reservada, muito recatada; com álcool, é como se ela não pensasse tanto, fosse mais inconsequente, algo que ela gosta. Atualmente, ela está solteira e gosta muito de ter essas paqueras de festa. Se ela vai sair com um menino, bebe alguma coisa para ficar mais desenvolta. Quando começou a ficar com o seu segundo namorado, eles sempre iam a lugares onde pudessem beber.

Ela já utilizou aplicativos de paquera quando estava viajando. Um homem perguntou se ela gostava de sexo anal e ela achou “péssimo e altamente grosseiro”. Ela nunca mais voltou a utilizar os aplicativos.

Mariana– Tem duas atividades na vida de Mariana que foram pontos importantes de paquera: a dança e a capoeira. Especialmente a partir do término do seu segundo namoro, ela se tornou uma grande “forrozeira” e gostava muito de sair para dançar. Nessas saídas, era comum ficar com vários homens. Às vezes, “aquilo esquentava”, mas ela achava que não valia a pena que acontecesse “algo a mais”. A maioria das pessoas que participava dos forrós se conhecia e era uma preocupação para Mariana que as pessoas pensassem que ela “não se dava o respeito”.

Sandra– A paquera é uma dinâmica que faz parte do “rolê” quando ela está solteira. Porém, isso não é o mais importante para Sandra. Isso acontece mais como parte do divertimento, de curtir, de passar um bom momento. Muitas vezes ela não estava a fim de ficar com ninguém e tinha mais vontade de dançar, por exemplo. Se era alguém que estava “na sua mesma vibe”, era só trocar uns beijos e sumir. Ela não gostava de ficar grudada com alguém e perder a festa. A não ser que acontecesse um encontro muito excepcional, mas, no geral, sempre se divertiu mais quando dava beijos casuais e podia continuar aproveitando a festa.

Ao mesmo tempo, tinha todo esse movimento de flerte pelo flerte. Se arrumar bonita para paquerar e ser paquerada, se sentindo bem. O estilo dela era muito de “ser sexy fingindo que não quer ser”. “Era uma coisa meio, tô aqui em casa e resolvi sair, só que não, sabe?”. Se era um evento em que as pessoas estavam super arrumadas, ela tentava se arrumar um pouco mais chique sem perder o seu estilo despojado, porque ela não se sentia bem num lugar onde as pessoas estavam super arrumadas e ela trajada de um quase pijama. Quando se interessava por alguém, o primeiro passo era perguntar às amigas quem era essa pessoa. “Era sempre dar uma sondada para entender.

Se ele é uma pessoa massa ou se é podre”. “Ah, então já sei que não (é podre). Ou, se é massa, aí você já fica trocando olhares e tal”.

Antigamente as paqueras eram um pouco mais aleatórias. Ela ficava olhando a pessoa, via se conseguia algum retorno e, se houvesse, “era se aproximar de algum jeito pra puxar o papo”. Sandra lembra de querer se aproveitar dos homens que paquerava quando mais nova. Por exemplo, “querer beber as bebidas dos “boys” para não gastar dinheiro. E aí as vezes só pegar pessoas e dar uns beijos só para pegar a bebida da pessoa”. Sandra parou de fazer isso quando começou a se sentir culpada e depois de ser maltratada por alguns homens.

3.3.6 Monogamia/ não-monogamia

Helena– Embora Helena tenha desbravado seus percursos sexuais assim que descobriu que sexo era bom, quando está numa relação afetiva, é muito monogâmica. É difícil para ela ter sexo com alguém mais estando apaixonada. Aos 25 anos, ela tem um encontro "avassalador", sexualmente muito potente e Helena ficou completamente apaixonada. Porém, o homem em questão era um cara não monogâmico. Ele queria se relacionar com Helena, mas não queria “namorar” em termos de exclusividade. Foi uma situação muito sofrida para Helena, porque ao mesmo tempo que eles se amavam muito, também brigavam muito por causa dos interesses conflituosos. Helena queria muito estar com ele e só com ele, e que aquilo fosse recíproco. O relacionamento acabou quando Helena se apaixonou por outra pessoa.

Teve só uma ocasião em que ela conseguiu transar com outra pessoa estando em relacionamento. Em teoria, era um relacionamento fechado, mas esse namorado de Helena abriu uma exceção. Ela estava viajando para o Rio de Janeiro, onde conheceu um homem com o qual tinha uma relação completamente sexual. Ela comentou isso com o namorado, que perguntou se ela queria ficar com esse rapaz e ela confirmou. Foi a única vez que isso aconteceu, mas não foi fácil para ela, aquilo foi um “processo”. Ela acha que foi possível porque o relacionamento era muito “leve” e de muita confiança. Esse é o tipo de relacionamento que seria ideal para Helena, um relacionamento em que se possa conversar honestamente sobre desejos.

Juliana– Ela se questiona muito sobre a monogamia. Ela não sabe se conseguiria viver algo distinto da dinâmica do casamento que tem agora. Ela acha que sentiria falta da construção do

cotidiano com o companheiro. Ao mesmo tempo, “tem um desgaste muito grande, tem uma cansaça”. Ela fica pensando “será que quero ficar a vida toda com uma pessoa? O que isso fecha em termos de possibilidades na vida?”. Todavia, ela não sente vontade de separar ou de mudar os termos do seu casamento para viver outras coisas.

Ela acha que, caso fosse muito rica, uma das coisas que faria seria de pelo menos ter quartos separados. Agora na pandemia, eles ficaram com escritórios separados, o que é ótimo. Talvez fosse interessante repensar algumas coisas do formato tradicional. Ela acha interessante os casais que têm recursos econômicos para morar em casas separadas, pois o processo de cuidar da casa juntos é desgastante. Se pensa em ter filhos, aí ela acha “que não dá, complica demais”.

Vanessa— Embora acontecesse em várias ocasiões de Vanessa trair seus namorados estando bebendo em alguma festa, ela nunca pensou em ter um relacionamento aberto. Ela acha que o fato de beijar meninos em festas é mais uma questão de brincadeira. Ela considera que não tem maturidade para um relacionamento aberto. Ela acha que o relacionamento monogâmico é como aprendemos a nos relacionar e é de fato nesses termos que ela tem se envolvido com seus parceiros.

Mariana— Mariana se considera uma pessoa muito ciumenta. Alguns de seus relacionamentos já tiveram grandes conflitos por conta de seus ciúmes. Contudo, quando ela se viu com problemas de falta de libido no seu matrimônio, propôs a seu parceiro de ver outras pessoas, porque ela realmente não estava sentindo vontade alguma de fazer sexo com ele. A situação a desgastou a tal ponto que ela falou para ele que não precisava saber de nada e assim ‘ele se resolvia’. O seu marido não aceitou. Falou que gostava dela e só queria fazer sexo com ela.

Leticia— Teve um momento que ela estava se envolvendo com seu companheiro atual ainda casada. Estar nessa situação a impedia de realmente deixar que a conexão com o companheiro atual crescesse. Ela sentiu que não conseguiria continuar desse modo por muito tempo. No seu percurso amoroso, ela sempre tem tido relações monogâmicas. Ela acha “muito complexo” as histórias de relacionamento aberto, sobretudo a ideia de supor ou prever não se apaixonar por alguém. Uma prima sua, 8 anos mais nova, lhe sugeriu esse caminho para continuar se relacionando com seu ex-companheiro e seu companheiro atual. Ela acha que não conseguiria porque não dá conta de ter dois envolvimento sentimentais ao mesmo tempo.

Letícia já viveu, em relacionamentos anteriores, infidelidades por parte de dois parceiros, as quais não foram motivo de rompimento. Ela acha que cada situação vai depender muito das circunstâncias. No seu relacionamento atual, talvez ela ficasse menos permissiva se uma infidelidade acontecesse, levando em conta que ela largou várias coisas para ficar com ele. Letícia veria isso como uma traição. Aliás, uma das coisas que a motivaram a assumir seu relacionamento atual foi imaginar ter que ver o seu companheiro com alguém. Ela então decidiu assumir para garantir essa relação.

Sandra– O momento em que Sandra esteve mais apaixonada foi quando ele vivenciou a ideia de relacionamento aberto. Teve, desde o início, um receio de nomear o relacionamento de “namoro”. Existia um forte sentimento de amor recíproco, mas ao mesmo tempo, “tinha um receio de estar... não sei... na verdade essa coisa de jovem, de achar que você pode estar perdendo outras coisas da vida. Tipo estou me envolvendo cedo, estou perdendo outras coisas”. Mas Sandra acha que isso era mais de parte dele do que dela. Ela não queria ser a pessoa que botasse regras, “não batia o pé”, mas na verdade também não queria que eles ficassem com outras pessoas. Ela não se sentia bem em dizer “não, não quero”, até porque ela moralizava a ideia de relacionamento fechado.

O seu primeiro rompimento foi por conta de ela não saber lidar com o fato dele ficar com outra pessoa. Eles se reconciliaram depois de um tempo, decidiram morar juntos e “fecharam” o relacionamento. Nesse período, eles experimentaram ficar com mais pessoas simultaneamente. Ficaram uma primeira vez com uma amiga dela. Dessa vez, Sandra não sentiu ciúmes. Numa outra ocasião, Sandra e o namorado fizeram sexo com outra menina e com o ex-namorado de Sandra. Esse encontro gerou um grande conflito no casal. Tudo parecia estar bem, até o momento que o ex-namorado ia penetrá-la. Seu namorado se levantou e saiu do quarto. Ela ficou, o que foi motivo de muitas reclamações posteriores. “Na época eu achei super sintomático, só porque era um homem, né? Enquanto tava ele, eu e uma mulher, tava tudo bem”.

Hoje em dia, Sandra sente que é mais resolvida para afirmar que “não dá conta” de relacionamento aberto. Quando começou a ficar com seu namorado atual, ele logo propôs um relacionamento fechado. Mesmo antes de falar que era isso o que ele queria, Sandra tinha deixado de ver outras pessoas pela forma como as coisas estavam se desenvolvendo entre eles. Ela “tinha muito internalizado um comportamento monogâmico”. Ele também sempre foi muito de namorar, e estava gostando muito de passar o tempo com ela, não vendo sentido em ficar com outras pessoas.

Ela achou que isso fazia sentido e também quis que fosse assim, “até porque é menos desgastante ter um relacionamento fechado”.

3.3.7 Casamento

Helena– “Eu gostei de casar, eu fiquei morando com meu ex-companheiro por dois anos”. Helena cresceu vendo a sua mãe e as mulheres ao seu redor como mulheres “profundamente sobrecarregadas e emocionalmente doentes”. “A lembrança da minha mãe, da minha avó, das minhas tias, todas em casamentos difíceis, em casamentos infelizes, olhando com pena as mulheres ‘solteironas’, aquelas tipo eu que, com 32 anos, não casaram, não tiveram filhos”. Essa imagem de “ser mulher” a marcou definitivamente. “Eu tinha certeza que não queria essa vida para mim”. Ela não queria ser dona de casa do jeito que viu a sua mãe ser. Não queria ser essa mulher que ‘tem mil braços e dá conta de tudo ao mesmo tempo, mas ao mesmo tempo a ‘mulher’, a ‘mulher vaidosa’, a ‘mulher que gosta de fazer coisas para si’, apagada ali dentro, sem ter espaço para as coisas que ela gosta”. O desejo de ser uma mulher “independente”, de ter uma profissão, e a certeza de não querer ser dona de casa eram certezas para Helena. Hoje em dia, ela percebe que, além de ter uma profissão fora de casa, “isso a acompanha”.

Helena se casou com o ex-namorado sem que fosse uma decisão deliberada. Foi algo que aconteceu gradualmente, e quando “se deu conta”, eles já estavam morando juntos. Ela se viu, assim, numa situação que queria evitar. No seu caso, ela era uma mulher que trabalhava, mas que também tinha que tomar conta das tarefas domésticas. Contudo, apesar das suas “ideias feministas”, admite que se casar foi algo que sempre quis. Apesar das dificuldades, Helena acha que “o que era bom, era bom”. Ela gostava de dividir a cama com ele, gostava de acordar e tomar café da manhã juntos e pensar nas coisas que tinham que fazer e dividir algumas responsabilidades (“as que ele dividia, né?”). Todavia, desde o início, o relacionamento com esse companheiro foi “muito conturbado”. Além dos conflitos pelas tarefas domésticas no casamento, o seu namorado era uma pessoa muito “carente” e exigia muita atenção por parte de Helena. O fato de sair com amigas ou as viagens por conta do trabalho de Helena eram constantes motivos de conflitos entre eles. Porém, foi o sexo que virou um dos maiores problemas.

No começo, a sua vida sexual foi muita intensa. Não foi “o melhor sexo” da vida de Helena, mas “era bom”. Contudo, depois do primeiro ano de casados, ela começou a sentir menos tesão

nele. Na verdade, ela tinha tesão, mas não “para transar tanto como ele”. Aquilo era algo que ela precisava afirmar para ele constantemente, a cada vez que isso tornava-se motivo de reclamações. Ele se sentia inseguro do desejo de Helena, o que o fazia se preocupar também com infidelidades hipotéticas. Agora que eles se separaram, ela continua querendo se casar, desde que seja um relacionamento “saudável e construtivo”, que não “consume suas energias”. Ela não tem “fetiche” com festa de casamento ou com casamentos no papel. Para Helena, casamento é dividir o cotidiano, dividir a vida. Helena sabe que isso não é fácil, mas gostaria de viver essa relação de novo, “de preferência que seja um relacionamento mais tranquilo”.

Juliana– Atualmente Juliana está casada. Em geral, gosta de estar casada (“eu gosto bastante”). Ela gosta da estabilidade que traz o compartilhar o cotidiano e a possibilidade de aprofundamento no relacionamento – “eu acho legal”. O relacionamento com o seu companheiro atual, assim como seu primeiro namoro, foram relações que se construíram aos poucos. Essas relações começaram com alguma reticência da sua parte, porém, com o tempo, terminaram sendo os seus relacionamentos mais maduros.

Ela decidiu morar com ele, porque achou que estava passando muito tempo na sua casa e preferia ter um espaço comum. Porém, quando eles tomaram a decisão, “ela complicou”. Ela sentia que era isso o que queria, e tudo tem se passado de forma mais fluida, mas quando chegou o momento de pôr em prática o plano, recuou. Ela ficou com medo, pensou que talvez fosse uma boa ideia fazer um teste antes. Então decidiu morar um mês com ele para ver se funcionava. Depois, mudou-se em definitivo para sua casa. No ano passado, eles fizeram casamento civil, principalmente por conta do plano de saúde. Para conseguir morar com seu parceiro, ela teve que cortar as expectativas a longo prazo, deixando de pensar que era uma decisão “para sempre”. Foi um compromisso, mas ela não se vê necessariamente formando uma família com ele.

Vanessa– Os pais de Vanessa nunca se casaram. Ela também não foi batizada, então o casamento católico não é muito importante para ela, apesar de que, quando mais nova, ficava imaginando o seu vestido de noiva. Todavia, ela tem vontade de morar com alguém. No momento, ela não está namorando e não pensa muito nisso, além do fato de que ela gostaria de morar sozinha primeiro.

Ela não descarta totalmente a possibilidade de morar com alguém e ter família, mas não é algo com que ela sonhe ou deseje, sobretudo neste momento da sua vida.

Mariana– No momento da entrevista, faz dois anos que Mariana se separou. Ela sente que, durante o tempo que seu matrimônio durou, ela se anulou muito como pessoa. Mariana engravidou pouco tempo depois de casar e a sua rotina rapidamente se transformou em ir ao trabalho, que ela não gostava, cuidar do seu filho, cuidar da casa e às vezes sair com amigos. Além dos problemas com a sexualidade, tinham outras questões que nunca foram resolvidas, embora tenham feito parte das terapias. A questão da divisão de tarefas domésticas foi uma das que mais afetou Mariana. A situação se agravou quando, além dos cuidados domésticos, Mariana passou também a assumir os gastos da casa sozinha. O marido decidiu pedir demissão e ficou sem emprego, mas ele não participou mais das tarefas domésticas.

Contudo, quando ela tomou a decisão de se separar, foi a questão da sexualidade que cumpriu o papel de elemento determinante. Como falou para o marido, “a gente é casado, subentende que tem que ter uma vida sexual, você fica frustrado se sentindo menos homem, eu fico frustrada me sentindo menos mulher... Eu não quero mais estar casada com você, porque pelo menos eu não vou ter que encarar isso. Eu não vou olhar para você e ficar ‘merda, eu não estou transando’, tudo bem se eu estiver sozinha e não estiver transando, tudo bem”. Todavia, refletindo sobre a sua falta de desejo por ele, ela acha que a sua decisão de pedir demissão e da não participação nas tarefas da casa faziam com que sentisse menos admiração por ele, o que também influenciava no seu tesão.

Ela às vezes sente falta de ter o seu melhor amigo em casa. Considera que existem vários tipos de amores e o amor que sente pelo seu ex-marido é um amor sem desejo sexual. Ela se preocupa, se importa, quer que fique bem, e tem um carinho enorme por ele. Contudo, depois da separação, pensou que não queria nunca mais morar com ninguém. Só que isso mudou recentemente. Ela está se envolvendo com outra pessoa e eles já começaram a fantasiar sobre morar juntos.

Letícia– Letícia esteve casada por 11 anos antes de casar-se pela segunda vez. Com o seu ex-companheiro, ela tinha um cuidado e uma cumplicidade que considera “de família”. Ela pensa nesse relacionamento como dois irmãos que se amavam muito. Mas não sente falta dele no aspecto

sexual. Ela considera que o aspecto sexual é determinante numa relação homem-mulher, no casamento. Todavia, sente muita falta do carinho que existia no seu relacionamento anterior. Muitas vezes essa falta a impede de se sentir como em casa com a sua nova família. Leticia tem muita química no sexo com seu companheiro, mas não no dia a dia. O entendimento entre eles se faz a partir de todo um trabalho e esforço, eles são muito diferentes, ao contrário da harmonia e recolhimento que ela tinha no seu casamento anterior.

Sandra– O primeiro casamento de Sandra foi uma experiência “muito massa” no seu relacionamento. Foi uma época de “curtir muito do romance, de muita sexualidade, de exploração do corpo, de parceria, cozinhar, cuidar da casa, fazer viagens, fazer planos”. Era uma coisa muito nova para ambos e existia uma espécie de “euforia”, tanto no plano sentimental quanto no sexual. Só que da mesma forma que era muito intenso “para o bom”, era também muito intenso “para o ruim”. Aquilo tomava uma dimensão muito grande na vida de Sandra, a ponto de não conseguir fazer nada se eles estivessem brigados. As discussões começaram a ser cada vez mais frequentes. Os dois estavam muito apegados, mas era como se fosse só ela que assumisse aquilo. Sandra estava querendo passar muito tempo juntos e ele começou a se sentir sufocado. Foi quando a proposição de ter um relacionamento aberto “se pôs sobre a mesa”, de novo. Esses relacionamentos por fora da relação aconteceram e terminaram sendo definitivos para o fim do casamento.

Sandra está, atualmente, morando com seu novo companheiro, o que considera como seu segundo casamento. Para Sandra, o seu parceiro ocupa o lugar de família na sua vida. É um relacionamento de aconchego e de compartilhar o dia a dia. É um projeto de compartilhar a vida e fazer planos futuros como casal. Comprar casa e ter família. Sandra nunca gostou da ideia de festa de casamento, mas agora, em seu novo casamento, ficam imaginando que seria lindo fazer uma festa para celebrar a sua decisão de “caminhar juntos” e poder reunir todas as pessoas de que gostam, sobretudo as suas famílias, que moram em estados distintos.

Contudo, no processo de morar juntos, a questão da responsabilidade das tarefas domésticas é motivo para algumas tensões. Ela se incomoda muito de ter que se adaptar a parâmetros de limpeza que são longes do seu ideal. Mas Sandra tenta entender que vão ter coisas que a incomodam e que não necessariamente incomodam o seu companheiro. Ela tenta também entender que, por conta de outras obrigações, a limpeza da casa é deixada mais de lado. Contudo, acha que existe

realmente um desgaste mental para a mulher, que automaticamente vira a pessoa que tem que dar conta da organização da casa.

3.3.8 Pornografia

Helena– Atualmente, faz um tempo que Helena não consome pornografia. Estando recentemente num casamento, foi como se a pornografia perdesse a sua função. Contudo, ao longo da sua vida, ela já a consumiu bastante. Ela não acha que viciou em pornografia, como acontece com muitos homens, mas acontecia dela procurar cenas cada vez mais fortes. Ela se lembra de não ter interesse em filmes de “sexo normal”, “de casal”. Ela preferia filmes de sexo coletivo, por exemplo.

Helena vinha recebendo, há alguns anos, informações éticas sobre as situações de exploração de muitas mulheres na indústria pornográfica. Ela se interessou, assim, por procurar pornografia alternativa. Descobriu, então, o trabalho de Erika Lust. Trata-se de uma realizadora “que teoricamente” faz pornografia “voltada para mulheres”, baseado “num processo respeitoso com os artistas”. Foi seu ex-companheiro que baixou um filme dela e eles assistiram juntos. Helena achou a produção interessante e estimulante, mas nada além disso. Era um filme muito distinto das pornografias padrão, não tinha “a sujeira” que ela curte, filmes com mais pessoas e mais violento. Ela “tem fetiche nisso”.

Juliana– Ela nunca consumiu muito. Porém, a sua relação com pornografia atualmente tem a ver com o processo recente de entender que a sua sexualidade está além do sexo com o seu companheiro. A pornografia cumpre essa função na sua vida hoje em dia. Ela faz parte de um autocuidado que Juliana acha importante. Ela tem feito um esforço por encontrar pornografia alternativa e feminista e ela tem achado “coisas incríveis”. Todavia, ela confirmou que não busca na pornografia “o explícito”, associado às produções comerciais. Na verdade, ela acha desestimulante e chato, não tem tesão naquilo. Ela gosta mais de imagens que não são tão explícitas, gosta de imagens mais sugestivas. Ela prefere imagens que incitem a sua imaginação.

Vanessa– Vanessa não gosta de pornografia *mainstream*. Ela “odeia, acha péssimo”. Ela tentou assistir algumas produções de “pegada mais feminista”, mas não gostou. Na verdade, foi por conta da recomendação da sua terapeuta que procurou esses filmes. Foram sugestões para trabalhar

o tema de sua falta de prazer no sexo. Era como se “fosse algo forçado para ela”. Embora não goste de pornografia, principalmente por achar que faz uma apologia à violência contra a mulher, Vanessa acha que sua preocupação quanto à performance no sexo está guiada pelo imaginário pornográfico. Inclusive, houve ocasiões em que ela botava a mão do parceiro no seu pescoço, como se estivesse sendo estrangulada. Ela não acha aquilo prazeroso, mas o fazia com o objetivo de parecer “muito puta”.

O seu segundo namorado propôs a Vanessa assistir pornografia juntos em algumas ocasiões. Eles sempre acabaram brigando por conta disso. Era uma coisa que dava muita raiva à Vanessa, que ficava com “ódio mesmo”. Ao mesmo tempo, ela se sentia mal por não assistir junto com o companheiro, porque queria ser aquela mulher extrovertida, que curte e não vê problema nisso. Contudo, a sua raiva era maior, pensando em como isso era degradante para a mulher. Em alguma medida, tinha também o fato de não querer comparar-se às mulheres dos filmes. Esse sentimento de achar que nunca seria como aquilo que está sendo projetado, de não querer saber como elas eram e como elas transam.

Mariana– As poucas vezes em que ela assistiu pornografia *mainstream*, achou detestável: “eu nunca consegui achar isso excitante”. Porém, ela acha que sua prática sexual era grandemente influenciada por essa pornografia. Em geral, curtia o “processo”, mas se dá conta de que, ao longo da vida, a sua forma de ter sexo era mais “performando do jeito que ela achava que os homens gostavam”, “sempre com o prazer mais voltado para o parceiro”. Hoje em dia, ela precisa ter um mínimo de proximidade com a pessoa para não cair de novo nessas performances para os parceiros e se concentrar mais no seu prazer. Atualmente, está retomando o relacionamento com um namorado do passado. No momento do sexo, ela interrompeu e saiu dizendo “ah tô velha, não sou mais aquela garotinha”, porque ela se pegou performando de novo. O sexo não foi legal, mas eles conversaram para estabelecer que não queriam ter o mesmo sexo que tinham no passado.

Leticia– Leticia nunca foi muito de consumir pornografia. Na juventude, quando ela tinha que procurar espaços para poder transar, assistia os filmes pornográficos de motéis. Nunca teve grande interesse no que assistiu, e nunca procurou nada fora dessas circunstâncias específicas. Antes de namorar, ela nunca tinha visto um filme pornográfico. As práticas de sexo anal que chegou a assistir lhe pareciam “uma tortura”. Ela achava aquilo fisicamente impossível. Hoje em dia, o sexo anal faz parte das suas práticas sexuais e no seu atual relacionamento acontece com alguma

frequência, de forma muito “natural”. Porém, foi em relacionamentos de muito carinho e muita intimidade que percebeu que poderia ser uma prática possível e prazerosa.

3.3.9 Gravidez e maternidade

Helena— Helena sempre quis ser mãe. Ela lembra desde muito nova de falar que queria ter 3 filhos. Também falava que iria ser mãe aos 26 anos de idade. Helena não foi mãe aos 26, embora tenha adotado algumas gatinhas, o que ela considera um movimento para a maternidade. Porém, desde os 25, começou a repensar o seu desejo de ser mãe e passou a renegar a maternidade. Embora ela tenha passado por um período de negação, o desejo da maternidade estava muito arraigado nela e ressurgiu assim que se casou. Desde o início do relacionamento com seu ex-companheiro, eles começaram a fantasiar sobre ter filhos. A convivência entre eles fez Helena questionar seriamente de novo esse desejo.

Primeiro porque, uma vez, no quinto mês de relacionamento, eles tiveram um conflito e seu parceiro decidiu terminar, “no surto”. Ao longo do seu relacionamento, ele terminou com Helena umas 4 vezes. Ela nunca terminou com ele, porque queria resolver os problemas que tinham. Ela passou a rejeitar a ideia de maternidade devido ao fato de que tinha medo que ele a abandonasse, já que ele fazia isso com alguma frequência. Ainda existia a questão da sobrecarga das tarefas domésticas. O seu ex-companheiro era pai. Às vezes, a filha dele passava férias com eles, mas quem cuidava dela era Helena. Quem se preocupava se ela ia chegar e ia ter coisas para comer – porque ela era intolerante a lactose –, quem se preocupava com deixar comida pronta, etc., era sempre Helena.

Ela se convenceu ainda mais de que não queria ser mãe e essa foi uma outra fonte de conflito no casal. Quando eles se separaram, falaram dos filhos que não tiveram. Foi um assunto muito sensível para ambos, mas ela continuava certa de não querer ser mãe. Recentemente, sua irmã teve uma menina. Isso acendeu em Helena o objetivo de ter um filho. Ela aceitou que a questão não é de uma ausência de desejo de ser mãe, mas sim que essa negação vem por conta do medo dos desafios. “Agora eu quero encontrar alguém que queira ter um filho comigo”. Helena acha que poderia acontecer de ela ser mãe solteira, mas não é isso que deseja. Ela gostaria de construir uma família com alguém, gostaria de encontrar alguém que quisesse ter um filho e se esforçasse por dividir essa responsabilidade. “Eu sei que é muito difícil”.

Juliana– Juliana não se lembra muito bem, mas acha que quando era mais nova, a ideia de ter filhos era algo que vislumbrava no horizonte. Recentemente, quando isso se tornou uma questão de possibilidade real, ela se sente com muita dificuldade de saber se quer filhos ou não. Com os amigos tendo filhos e seu irmão sendo pai recentemente, ela se sente mais próxima da vontade da maternidade. Todavia, em relação às condições concretas deste momento específico na sua vida, não se sente preparada. Ela tem medo de não ter filhos e se arrepender. Por outro lado, ela sente um grande peso com outras questões a serem resolvidas como prioridade na sua vida: estabilidade econômica e profissional. É uma decisão que não está nada resolvida para Juliana e isso é tenso para ela, sobretudo por causa do tempo, pois está com 34 anos. Pensando na gravidez como processo corporal, ela acha que iria gostar da experiência. Tem pessoas que estranhariam, por exemplo, o fato de a barriga crescer. Ela não, pois criou em torno disso ideias de beleza.

Vanessa– Vanessa acha linda a ideia de ser mãe, mas acha também que as mulheres internalizam a maternidade como se fosse a sua única função. Por mais que “as coisas tenham mudado, e as mulheres tenham acesso a muitas coisas”, Vanessa acha que ainda, no fundo, fica essa “ideia de que a mulher nasceu para isso”. Atualmente, ela não tem vontade nenhuma de ter filhos, mas às vezes escuta a sua avó dizendo: “ah, o que eu faria sem meus filhos?”. Por outro lado, mesmo que nunca tenha sido falado, Vanessa sente que existe uma expectativa por parte da sua família de ela ser mãe. Ela é filha única e acredita que sua mãe gostaria de ser avó.

Ela também fica pensando que se encontrar alguém com quem queira ter filhos, gostaria de ser mãe. Porém, só de ter esses pensamentos, fica com raiva. Ela não quer sentir que está na espera de alguém para ser mãe. Não gosta da ideia de que essa possibilidade dependa de outra pessoa. Pensa que, caso ela queira ser mãe de fato, será mãe solteira, mas ela sabe que no fundo não quer isso. Ao final, pensa que as pressões estão só em sua cabeça e que, se ela decidisse não ter filhos, sua mãe a entenderia. Uma amiga sua está grávida neste momento. Vanessa acha o processo de gravidez incrível, assim como ela. Vanessa pensa que deve ser “uma experiência muito mágica”, ao mesmo tempo “cruel”, no sentido de que, independentemente de ter um companheiro ou não, é a mãe que sente tudo na procriação.

Mariana– A gravidez e a maternidade foram dois processos que “mexeram muito” com Mariana. A partir destas experiências, ela começou a repensar sua relação com seu corpo e seus

desejos na vida, em geral. Tudo começou quando ela teve a sensação de que a sua médica a estava “enrolando”. Desde o início das consultas, Mariana frisou que queria um parto natural, porque era melhor para o bebê e porque a sua mãe tinha tido as três filhas assim. A médica concordou, mas, com o passar do tempo, ela começou a advertir que Mariana deveria se preparar porque o parto natural nem sempre era possível e às vezes a cesárea é necessária. Aos 7 meses, Mariana teve um herpes genital, mas mesmo assim a médica concordou que o plano continuava sendo o de parto natural. Somente no último mês que mudou de opinião, e a indicação foi de cesárea. No Rio, não havia muitas opções para fazer partos naturais e, mesmo não se sentindo à vontade, ela ficou com a sua médica. A cesárea foi uma experiência muito ruim para ela. Mariana terminou se informando com outros especialistas que a asseguram que cesárea, no seu caso, não era obrigatório. Essa experiência a marcou profundamente. Ela pensou que não queria que outras mulheres passassem pelo mesmo e, por essa razão, fez um curso de doula. Mariana percebeu a importância de se conhecer, porque se soubesse mais sobre o seu corpo e seus direitos isso não teria acontecido.

A maternidade em si, foi fonte de outros tipos de questionamentos. Depois de se tornar mãe, e passar o primeiro ano “arrastando corrente”, começa a querer saber mais sobre quem ela é. Mariana sabia, por exemplo, que não gostava do seu trabalho, mas não sabia do que ela gostava. Seu tempo se dividia todo entre ser mãe, ser dona de casa e o trabalho. “Não que estar com meu filho fosse uma coisa ruim, mas a maternidade é cansativa”. Agora com a separação, Mariana sente que tem tempo para ser algo mais do que mãe. “Ter me separado me proporcionou cuidar um pouco mais da mulher, então, tenho uma semana que eu sou mãe, e uma semana que eu sou mulher”.

Leticia– Alguns meses depois de começar a namorar seu atual companheiro, Leticia engravidou. Foi um acontecimento totalmente inesperado, primeiro porque eles sempre usaram camisinha, apesar de ter tido algumas “escapadas”, mas sobretudo porque sempre escutou dos médicos que, caso quisesse engravidar, ela teria que fazer um tratamento. Aos 28 anos, começou a pensar na maternidade, porque acredita que seu “relógio biológico” começou a bater. Por esse e outros motivos, decidiu parar de tomar anticoncepcionais. Depois disso, ela não menstruou por dois anos. Posteriormente, os estudos médicos encontraram cistos nos seus ovários.

Quando ela engravida inesperadamente, as circunstâncias eram pouco favoráveis e o primeiro impulso foi de não querer o filho. Ao mesmo tempo, era algo pelo qual ela tinha rezado muito desde que os médicos encontraram os seus cistos, tentando vários tratamentos alternativos.

Na verdade, era algo que ela sempre quis: “eu sempre olhei para uma mulher grávida e fiquei ‘nossa! Eu quero viver isso, deve ser muito foda, deve ser muito louco’”. Mesmo que a ideia do aborto tenha sido cogitada, ela pensou que se fizesse isso estaria rompendo um acordo que tinha feito com si mesma.

Leticia aproveitou todo o processo, cada fase, ela se sentia muito bonita grávida – “eu vivi experiências muito incríveis com essa criança antes de nascer”. Achou tudo muito legal, mas não sabe se faria de novo. Hoje em dia, ela às vezes se sente culpada por não ser essa mãe super dedicada ao seu filho e querer tempo para ela. Recentemente, estava refletindo sobre como é muito difícil ter um filho. Ela pensou que, caso engravidasse agora, com certeza faria um aborto, embora não saiba se realmente teria coragem para tal.

Sandra– Quando Sandra era adolescente, achava que não queria filhos de jeito nenhum. Já aos 20 anos, essa ideia mudou. A possibilidade de engravidar começou a virar uma fantasia. Essa ideia se reforçou, de certa forma, quando ela teve uma professora de dança contemporânea que falava que tinha entendido muita coisa de conhecimento corporal depois da gravidez. Ela ficou pensando que deve ser uma sensação “muito doida”. Atualmente, acompanha várias amigas na sua maternidade. Ela vê como é difícil para elas, como “é muito perrengue”, como é sofrido e solitário. Contudo, hoje em dia, ela tem muita vontade de engravidar, mas, para que isso se concretize, precisaria ter condições mínimas de estabilidade. Essa estabilidade se refere ao plano financeiro, mas também à parceria com alguém que compartilhe as tarefas do cuidado. Para Sandra, essa pessoa não precisa ser um companheiro sentimental, pode ser um amigo ou amiga, desde que tenham “ideias compatíveis de criação” e se comprometam nesse projeto.

Sem essas condições, não ter filhos ainda é uma opção para ela. Entre ter filhos em condições adversas e não ter filhos, ela prefere não ter. Sandra acha que “não tem essa coisa de não se sentir satisfeita na vida” se ela não tiver filhos. Ao mesmo tempo, quando se imagina mais velha, Sandra se vê com filhos. Num período em que “se expôs muito, no sentido de transar sem camisinha”, Sandra contraiu uma doença venérea. Ela esteve hospitalizada e quase perdeu o útero. Isso foi um marco para ela, porque tinha mexido com a possibilidade de não ter mais a escolha de ser mãe ou não.

3.3.10 Masturbação

Juliana– Estando solteira ou em relacionamento, Juliana sempre manteve a prática da masturbação. Com masturbação, em geral, ela tem orgasmos, mas também depende. Ela acha que, mais do que ser uma resposta automática do corpo, o seu orgasmo tem muito a ver com fantasias. Recentemente, a questão do prazer próprio tem sido deixada de lado. Assim, ela tem feito um esforço por encontrar pornografia que a ajude a se conectar com seu tesão. Juliana tem pensado ultimamente na importância da masturbação na sua vida, não só em termos de prazer, mas em termos de um autocuidado, como uma prática de saúde física e mental.

Vanessa– Quando as amigas falavam de sexo, Vanessa se sentia profundamente frustrada por não sentir prazer nenhum no sexo. Porém, ela sentia prazer se masturbando, o que julga ser diferente. Ela nunca teve “nojo de si mesma”, pois se sentia à vontade para explorar seu corpo sozinha. Ela sente muito mais prazer sozinha do que com os parceiros. Contudo, no sexo, não se sente à vontade para se masturbar, ou de dizer o que ela gosta, ao menos que sinta muita intimidade. Ela lembra ter começado a se masturbar muito nova, o que parou de fazer por sentir culpa. Aos 14 anos, quando recomeça, ainda guarda uma certa culpa, mas dessa vez Vanessa não abandona a prática. Hoje em dia, ela não se sente mais culpada e “tá de boa” com isso. Com as amigas, elas raramente falam sobre masturbação, a não ser o fato de alguém ter comprado um vibrador ou algo assim, sempre de forma passageira. Porém, elas falam muito sobre sexo.

Mariana– Recentemente, Mariana participou de uma oficina online coletiva de técnicas de masturbação para ejaculação feminina. Ela sabe que é capaz de ejacular, mas não sabe como isso acontece. Na verdade, ela nunca se masturbou. Ela acha que como nunca foi essa pessoa que precisou de sexo, nunca teve essa curiosidade. Antigamente, também pensava que a masturbação era só para substituir o sexo, e como sempre esteve “de boa”, achou que não precisava disso. Em uma noite com amigos, as pessoas começaram a contar suas experiências com masturbação e ela fez questão de se afastar por não querer falar que não tinha nenhuma experiência com isso. Faz uns três anos que ela tenta se masturbar, mas a sua cabeça sempre atrapalha. Ela fica achando que não sabe, que não está sendo prazeroso, fica com “preguiça e deixa para lá”. Com vibrador “até que ela consegue, mas nem sempre”.

No dia da oficina online de masturbação coletiva, ela ficou novamente muito na sua cabeça e não conseguiu ejacular. Também se interessou nessa atividade porque se deu conta de que já teve muito sexo ruim, mas que, se ela não se conhece, não adianta muito. Hoje em dia, ela acha que tem que se responsabilizar pelo seu prazer. “Ao mesmo tempo que eu tenho essa consciência de que quero melhorar, eu não tenho essa paciência porque aí eu me cobro demais”. Ela também não se sente à vontade de pedir alguma coisa em específico para seu parceiro. Ela está “treinando isso”: “eu quase nunca tenho essa coragem”.

Leticia– Antes de fazer sexo pela primeira vez com seu primeiro namorado, Leticia já tinha a prática da masturbação. Ela começou a se masturbar pouco depois da primeira menstruação e depois de ter ficado com alguns meninos. Ela conseguia gozar se masturbando, mas tinha vergonha disso e, num certo nível, achava aquilo errado. Considerava que tinha direito a seu prazer, todavia, de certo modo, achava que a forma mais adequada para viver seu prazer deveria ser na interação com o outro. Embora achasse que os seus orgasmos se intensificariam com o sexo, isso não aconteceu e ela continuou se masturbando sozinha para gozar. Na atualidade, ela se masturba poucas vezes, sobretudo por conta da maternidade. Ela acha que, em média, são uma ou duas vezes no mês, se estiver a fim e o companheiro cansado. A frequência vai depender de como foi o mês no seu relacionamento. Hoje em dia, para ela, a masturbação tem mais o objetivo de relaxamento.

Sandra– A masturbação é uma prática que Sandra começou a praticar um pouco mais velha. Ela lembra que tentava se masturbar no final da adolescência, mas não conseguia. Foi só depois, quando estava tendo sexo com mais frequência, num relacionamento sério, que “começou a investir mais nisso”. Nesse período, ela ganhou um vibrador do namorado. Sandra começou “a sacar” o que era que “ativava o seu tesão sozinha”. A partir disso, a masturbação virou uma prática recorrente. Hoje em dia, ela não se masturba mais todos os dias, mas sim frequentemente. Se já não é uma prática diária, hoje em dia, a masturbação é “mais fácil”, ao contrário de uma época em que parecia que tinha que se esforçar mais.

Uma coisa recorrente para Sandra é que quando ela se masturba, geralmente vem à sua cabeça imagens de sexo de pessoas com as quais já transou, mais do que cenas de filmes, por exemplo. Porém, tem uma cena do filme “A cor mais quente”, de duas mulheres transando, que vem frequentemente à cabeça de Sandra. Às vezes ela consegue ter mais orgasmos se masturbando

do que transando, porém, apesar disso, acha o orgasmo mais mecânico. Acaba sendo muitas vezes uma prática de relaxamento, por exemplo, para dormir bem.

3.3.11 Vida de Solteira

Juliana– Juliana começou a namorar aos 15 anos. Foi um namoro que durou 8 anos. Ela decidiu terminar o relacionamento quando se envolveu com um menino, na sua viagem de intercâmbio. Depois do término, ela ficou muito tempo mal até se envolver com um colega de trabalho. Juliana teve seu primeiro momento de solteirice depois desse último envolvimento. Nesse período, ela ficou e transou com vários homens. Foi um momento em que, pela primeira vez, ela se sentia bem consigo mesma. Juliana estava se sentindo uma mulher bonita, porque isso sempre foi “complicado”, muito “enrolado” na sua vida. Ela estava se sentindo segura, com vontade de explorar e conhecer gente.

Antes deste momento, seu tesão sempre esteve interligado com os afetos. Era a primeira vez que estava tendo sexo sem necessariamente ter um envolvimento emocional. Contudo, ela acha que era muito exigente nesses encontros casuais. Com quase todos os homens com os quais ficou, só repetiu uma vez. Ela não gostava de alguma coisa e preferia não continuar. Não era só o sexo que ela não gostava, “era mais uma coisa geral”. Achava que era muito “8-80”, ou gostava realmente ou não se interessava mais. Houve também um período, ainda estando solteira, em que sua vida sexual ficou mais calma. Ela lembra que as amigas estavam “super ficando”, mas ela não estava tão interessada nisso. Juliana passou também vários carnavais solteira, mas ela nunca foi “de ficar loucamente com várias pessoas”.

Vanessa– No período entre seu primeiro e segundo namoros, Vanessa transou com alguns meninos. Ela não teve prazer em nenhum desses encontros, só que achava aquilo “o máximo”. Ela considerava que nisso consistia o desfrutar da vida de solteira. Com um desses meninos, não existia conversa alguma. Eles só se falavam para transar. Além de não ter prazer, ela chegou a sangrar depois do sexo. Com um outro menino, ela se dava muito bem e tinha assunto, mas também não teve prazer. Inclusive, esse menino fazia muito sexo oral nela, algo no qual Vanessa tinha muito interesse, porém ela achava que o seu sexo oral era muito ruim, chegava até a machucar. Nunca falou isso para ele, mas conversava com as amigas sobre isso em tom de piada. Uma outra coisa

recorrente nesses encontros em que não havia muita intimidade entre ela e os parceiros era o fato de não conseguir parar de pensar na sua performance.

Atualmente, ela está de novo solteira. Quando terminou o namoro com o segundo namorado, ele ficou pedindo para voltar. Não foi fácil para ela manter a sua decisão porque também estava muito apegada, mas decidida. Contudo, houve ocasiões em que ela sentiu falta do seu relacionamento e procurou no ex-namorado o seu carinho e atenção. A primeira noite de solteira de Vanessa foi uma dessas ocasiões. Nessa noite, um menino tentou beijá-la à força. Ela ficou se sentindo muito mal: “poxa, uma das minhas primeiras saídas solteiras, como se eu fosse a mulher solta no mundo de perigo, sabe?”. Casualmente, o seu ex-namorado ligou para ela nessa madrugada. Ela se sentiu como se ele fosse o “salvador do mundo do mal”, que era “o mundo dos homens”. Só que depois, lembrava de porque tinha terminado o relacionamento. Não faz muito tempo que eles terminaram, desde então, Vanessa já transou algumas vezes com dois homens. Nos dois casos, ela transou “pelo desespero, um pouco por falta de sexo em si, mas também a falta de contato, falta de paquera”.

O sexo com eles foi bom, ‘mas foi a mesma coisa, ela não sentiu prazer’. Um deles ficava perguntando para ela se tinha gozado. Ela preferiu falar que sim “e que tudo acabasse ali”. Acha que ela gosta mais pela novidade do que pelo sexo em si: “acho que é mais por uma necessidade mesmo de ver alguém, ter uma mini paquerinha que seja, porque, querendo ou não, eu fico feliz de vê-lo, fico feliz que tenha acontecido, sabe?”.

Leticia– Leticia começou a namorar com 14 anos e nunca mais parou. Ela foi indo de um relacionamento para outro. Ela nunca teve períodos de solteirice. Ao longo desse percurso amoroso, já teve namorados que tentavam interferir na forma como ela se vestia. Um deles a que questionava quando ela saía com roupa sexy, ao contrário de outro, que lhe propunha usar saias mais curtas ou fazer um piercing no umbigo. Essas experiências foram definindo para Letícia o que aceitaria ou não de parceiros. Ela não iria aceitar cumprir com as expectativas dos namorados. Liberdade, nesse sentido, significava a sua afirmação no mundo, antes que uma liberdade sexual. Era o poder de escolher uma profissão e o poder de decidir com quem ela ia se relacionar. Ela gostaria de envelhecer com alguém, embora com a terapia ela entenda hoje que isso faz parte da vida, mas não é o principal. Se isso não acontecer, está bem para ela. Pensando nessa possibilidade, Letícia se dá conta de que não sabe como seria para ela estar solteira, seria algo novo.

Sandra– O primeiro namoro de Sandra foi muito breve, três meses para ser exato. O seu namorado terminou o relacionamento uma semana depois de terem sexo pela primeira vez e, logo depois, começou a namorar uma amiga dela. Ela ficou muito abalada e foi uma quebra de autoestima importante. Sandra ficou “um tempo nessa”, até que começou a ficar com mais pessoas e se sentiu desejada de novo. Depois da sua primeira experiência sexual, ela estava disposta e tinha vontade de fazer sexo casual. Nesse período, ela ainda morava numa cidade do interior de São Paulo e era muito recorrente que os encontros fossem dentro de carros: “era bem de interior, vai fechar com alguém, a pessoa vai te levar de carro”. Sandra achava essas situações “o máximo”. Ela adorava parar o carro na esquina, perto da sua casa, e ficar se agarrando no carro, tirar a roupa, quase transar ou chegar mesmo a transar, que acontecia apenas algumas vezes.

Esse período de solteirice durou um bom tempo, quase 3 anos. Quando muda de cidade para estudar na faculdade, no primeiro ano da graduação, ela se envolve sentimentalmente com um menino. Eles ficam por algum tempo juntos e Sandra volta a ser solteira. Dessa vez Sandra ficava mais esporadicamente com meninos. Havia casos que se repetiam, mas não iam mais adiante. Eram encontros principalmente de festas, de rua, de bares, de amigos de amigos. Ela lembra de ter tido um homem que não era da cidade, do qual ela ficou “meio que com uma paixãozinha”. Mas sempre ficava atenta aos sinais para não ser a pessoa que insiste demais em querer um relacionamento. Ela estava nesse tempo, com vontade de “ter um amorzinho mais fixo”. Mas ela não estava disposta a insistir. Se a pessoa dava algum sinal de desinteresse, ela já recuava.

A rejeição do momento inicial, do flerte, não a apavorava tanto. Era algo que acontecia. Ela ficava se sentindo meio mal, mas estava tudo bem. Contudo, a rejeição de alguém de quem ela gostava era algo que não queria viver de novo. Porque essa foi a experiência que teve com seu primeiro namorado e isso a deixou muito magoada. Numa dessas festas, ela ficou com aquele que viraria seu próximo namorado. Só que ela não lembrava direito, porque nessa festa ela ficou com um “monte de gente”. Ele era um amigo de uma amiga que morava com Sandra. A sua amiga falou que achava que ela tinha ficado com ele. Quando ela soube que isso de fato tinha acontecido, ela decidiu “paquerá-lo direito”.

Esse foi um grande amor para Sandra e eles chegaram a se casar. Quando terminaram definitivamente e ela ficou solteira novamente, Sandra começou a “casar no rolê”. Depois de ter morado com o parceiro, ela procurava relações de tipo namoro. Ela queria ter “intimidade, uma

relação de cuidado, de carinho, de paixão, de estar apaixonada, de escrever poemas e tal” sem que isso se tornasse o mais importante na sua vida, nem queria todo o peso de um namoro sério. Ficou, assim, em relacionamentos de 3-4 meses.

3.3.12 Desejo por mulheres/sentimentos por mulheres

Helena– Num momento da sua vida, Helena achou que talvez fosse bissexual. Ela já ficou com algumas meninas, mas nunca desenvolveu afeto de se apaixonar por uma mulher, ela sempre se apaixonou por homens. Por conta disso, hoje em dia, ela se considera heterossexual, mas acredita numa sexualidade fluida: “acho que também não estou livre de me apaixonar por uma mulher ou de me envolver com uma mulher, mas nunca aconteceu, até o momento me considero heterossexual”.

Juliana– Juliana teve, durante sua solteirice, um *ménage*, uma experiência sexual com um homem e uma mulher. Ele era uma pessoa que Juliana conhecia faz tempo, com quem sempre tinha tido um interesse em ficar. Em alguma ocasião, ela “deu mole” para ele e começaram a ficar, só que havia, nessa noite, uma menina “no meio”. Não foi nada planejado, mas foi uma experiência “maravilhosa” e “muito louca” para Juliana. Todavia, ela conclui que era “hétero”. Elas não chegaram a transar, apenas se beijaram e se tocaram. Não foi uma experiência ruim para Juliana, mas ela se dá conta que não tinha um “super desejo” pela menina.

Na verdade, não é que depois dessa experiência ela não tenha tido desejo por outras mulheres. Isso tem acontecido, mas é algo que “não vai para frente”. Ela não sabe a que se deve isso, se aquilo é uma “trava”, porém, ela não sente nada impedindo essa possibilidade. Juliana continuou ficando com o rapaz algumas vezes até que ela começou a se apaixonar e decidiu terminar o relacionamento. Na verdade, não eram exatamente sentimentos de paixão, mas o que geralmente acontecia com Juliana e o sexo, era que a aproximava afetivamente dos parceiros e ela não queria se submeter a essa situação.

Sandra– Tanto nas suas etapas de solteira como estando num relacionamento, Sandra ficou com mulheres algumas vezes. A primeira vez que isso aconteceu foi na época do início da faculdade. Foi uma experiência legal, onde elas ficavam se paquerando e se pegando em festas. Às vezes também acontecia de ficar com amigas em festas. Existia também o interesse do jogo da

sedução com mulheres, que ela sentia que era distinto em relação aos homens. Outras experiências aconteceram junto com seu namorado. Uma dessas mulheres quis continuar tendo sexo com Sandra. Ela tinha gostado da experiência, mas tinha interesse só se fosse com o namorado. Não foi a única vez que isso aconteceu. De fato, ela tem refletido com suas amigas sobre como elas se comportam como “machos” se relacionando com mulheres. Elas gostam da sedução, mas não querem algo a mais.

3.3.13 Consentimento

Helena— Muito recentemente, no momento em que Helena estava se separando, ela pensou em como, desde o início da sua vida sexual e até o seu casamento, ela se encontrou em situações em que o sexo não estava sendo prazeroso para ela e, mesmo assim, não o interrompeu. Ela nunca se questionou sobre isso no passado. Ela sempre viveu essa situação como algo “natural”: “um sem-número de vezes eu fiquei, permaneci até o final de uma relação que não tava mais prazerosa para mim, na benevolência de esperar o companheiro gozar”. Nessa reflexão, ela se deu conta de que duas coisas aconteciam frequentemente no seu casamento: a primeira, ela procurar o seu ex-companheiro e ele se recusar, e a segunda, ele querer transar, ela não e ele insistir. “Porque homem não sabe ouvir não”. Nesse caso, ela acabava cedendo e às vezes “era bom e gostoso, e outras vezes não era bom nem gostoso”. Mas o fato de ela dizer “não” nunca era suficiente. Algo que acontecia também com o seu primeiro namorado. Como se dizer “não” significasse que ela não amasse a pessoa, o que provocava reclamações da parte de seus parceiros.

Juliana— A questão de consentimento para Juliana é uma questão complexa. Não se trata de uma questão de fazer os outros respeitarem limites, é mais uma questão de respeitar seus próprios limites. A primeira vez que ela teve sexo com seu companheiro atual foi muito intenso, “foi um encontro avassalador”. Eles tiveram uma conexão sexual muito forte. Nesse início do relacionamento, ela tinha uma infecção urinária recorrente. A situação incomodava muito Juliana, detestava ficar tomando antibiótico. Quando eles se casaram, Juliana aprofundou algumas questões em terapia e descobriu que a infecção urinária tinha uma relação com coisas que ela “estava fazendo e que não queria, ou que não estava exatamente a fim de fazer”. Ou, melhor, que ela “queria, mas não era necessariamente o momento mais adequado”.

Foi graças à intimidade que ela tem no seu casamento que teve a oportunidade de se dar conta de que precisava mudar algumas coisas das suas práticas sexuais. Principalmente, aprender a respeitar os seus tempos de estimulação. Juliana, por exemplo, está tentando não fazer sexo se sente dor. Ainda hoje, ela não pode dizer que consegue respeitar esse limite sempre: “às vezes, eu forço a barra”. Ela sente que existe também um tipo de prazer com a dor: “é bom, mas tem um custo alto para mim”.

4 DISTINTAS INTERPRETAÇÕES FEMINISTAS

4.1 A CONSOLIDAÇÃO DE GÊNERO

Através das lembranças da infância das mulheres que participaram da pesquisa, é possível vislumbrar a gradual e constante consolidação de sua identidade enquanto “mulheres”. Na formulação de Judith Butler, trata-se de um processo que se inicia ao nascer. Assim, a adjudicação de um “sexo”, baseados nos genitais do bebê, mais do que em uma enunciação descritiva funcionaria como um ato inaugurador de inscrição na ordem simbólica a partir da qual o novo ser adquiriria sua existência social. A designação “menina” ou “menino”, inscreve, assim, os recém-nascidos em duas ordens mutuamente excludentes de categorias sociais em que determinadas características anatômicas corresponderiam a uma série de características sociais opostas, porém complementares (BUTLER, 1993).

To the extent that the naming of the “girl” is transitive, that is, initiates the process by which a certain “girling” is compelled, the term or, rather, its symbolic power, governs the formation of a corporeally enacted femininity that never fully approximates the norm. This is a “girl”, however, who is compelled to “cite” the norm in order to qualify and remain a viable subject. Femininity is thus not the product of a choice, but the forcible citation of norm, one whose complex historicity is indissociable from relations of discipline, regulation, punishment. (BUTLER, 1993, p. 232 apud SALIH, 2002, p. 61)

A delimitação e divisão dos universos masculinos e femininos é clara nos nossos relatos de infância. O apontado por Butler se concretiza explicitamente no caso de Helena. Na sua infância, encontramos uma clara delimitação de certas atividades que ela não é permitida de fazer. Porém, trata-se de uma coerção externa, uma proibição, derivada de uma suposta essência do que é ser uma menina. “Menina é mais comportada”. Se meninas fossem essencialmente mais comportadas, não teria sentido lhes proibir certas atividades. Não somente a enunciação aqui utilizada não é descritiva, como também é explicitamente uma injunção disciplinaria. Porém, esse é o único caso de proibição explícita entre papéis femininos e masculinos que foi relatado nas lembranças de infância das entrevistadas. Nos demais casos, a constituição do masculino e feminino se faz de forma mais insidiosa. A constituição do feminino estaria, assim, mais do lado dos desejos do que do lado das proibições explícitas.

As expectativas do pai de Helena reproduzem algumas prerrogativas de um modelo de gênero, no Brasil, que tem sido descrito na teoria social como articulado ao redor de um pilar

fortemente “hierárquico e relacional” (DA MATTA, 1979 apud SALEM, 1984, p. 544). Nesse modelo, o lar, social e geográfico, correspondente às mulheres, é o mundo da casa (DE ALMEIDA, 2009). Assim, as interdições à Helena constituem regulações que se produzem reiteradamente. Elas operam cada vez que ela quer participar das “brincadeiras de meninos”, procurando limitar a sua participação no mundo da rua. O mundo da rua, no qual as características pressupostas como inerentes aos meninos se desenvolvem, faz parte de um desígnio social que não só não lhe pertence, senão que ao ser excluída deste, se consolida como seu oposto constitutivo, seguindo a lógica dicotômica relacional que organiza os gêneros neste modelo.

As dinâmicas de socialização do resto das entrevistadas se dão predominantemente sob o que foi denominado de “adoção de valores modernos” (DE ALMEIDA, 1984) das classes médias no Brasil. Por “valores modernos”, Almeida (1984, p. 10) entende “os valores da igualdade e a liberdade como componentes básicos do individualismo”. No mesmo sentido, de acordo com Loyola, a partir de trabalhos como os de Dauster (1984) e Guimarães (1984), “o que parece caracterizar o modelo individualista-igualitário é um crescente questionamento das diferenças radicais entre masculinidade e feminidade” (LOYOLA, 2000, p.151). Heilborn afirma também que:

In Brazil, recent social transformations expanded egalitarian ideals regarding the relation between sexes; this mitigated certain differences between women and men's situation, mainly with respect to access to schooling and work (HEILBORN, 2018, p. 34).

Assim, embora a maioria das meninas tenham crescido num ambiente onde a rigidez das expectativas de gênero têm se flexibilizado, a distinção sólida entre um gênero ou outro é fundamental para as autoidentificações a partir das quais se assenta a sua existência social. Desta maneira, ainda bastante nova, Juliana tem “uma fase muito menina”, que significa querer ter tudo da cor rosa, “casaco rosa, colar rosa”, e brincar de Barbie. Juliana conta como aquilo era visto pelos seus pais com certa ironia, porque eles faziam um esforço na educação “para não fazer essas marcações”. Mas, sendo este o desejo da filha pequena, eles não interferiam significativamente.

Também Vanessa, ainda nova, sente um certo desconforto com crianças do gênero oposto, mostrando como, desde cedo, a sua autoidentificação de gênero provoca afetos diferenciados em relação àquelas crianças que não fazem parte da sua categoria social. Aliás, ela nunca se interessou por brincadeiras e/ou brinquedos que não fossem os especificamente designados para meninas. Leticia e Sandra lembram bem das etapas onde se divertiam imitando suas mães - elas gostavam de vestir as roupas delas. Helena não se lembra dessa etapa, mas sua mãe conta que ela adorava

ficar diante do espelho se arrumando e passando batom, imitando a mãe, que era muito vaidosa, para “ficar toda linda”. Ela tinha por volta de 4-5 anos e, segundo a mãe, era “bem metida” nessa idade. Foi nessa época também que ela ganhou uma “batinha” de presente, que “adorou e não queria tirar nem para dormir”.

A avó de Sandra era uma mulher muito vaidosa também. Ela sempre foi dona de casa e se preocupava em estar bonita frequentemente. Sandra adorava que sua avó a penteasse e passasse batom nela, assim como os vestidos que ganhava de presente. Sandra lembra bem, por exemplo, de como ela se preocupava em levantar os vestidos para não se sentar em cima deles. Uma gestualidade que podemos caracterizar como muito feminina, ao ser delicada e preocupada com a suas roupas desde nova.

Juliana, Mariana, Letícia e Sandra costumavam brincar na rua em grupos de meninos e meninas. Nessas ocasiões elas não usavam vestidos. Isso anda em paralelo com a flexibilização dos papéis de gênero apontada nas pesquisas das classes médias brasileiras na época dos 80. Existe uma democratização entre atividades e estilos de vestimenta nos relatos das entrevistadas. Porém, se elas participam de brincadeiras de meninos, há também uma forte preferência, desde muito cedo, pelos códigos femininos.

Mariana brincava de Playmobil com seu amigo, (ela “tem que” brincar de coisas de meninos com os amigos), mas sua brincadeira favorita é a Barbie. Sandra acha o máximo ser a assistente do seu primo quando fingem ser cientistas. Ela e as amigas tentam sempre imitar os meninos, mas ela adora brincar de boneca, o que só acontece com as amigas. Mariana e as irmãs andam de bicicleta aos fins de semana com o pai, mas quando está com as primas elas adoram brincar de casinha. Sandra também anda de bicicleta e acampa com o pai ou os irmãos, mas ela adora fazer “programa de mulheres” – ir ao shopping e fofocar com a mãe e a tia. Juliana faz maratona e sobe árvores com amigos e amigas, mas ela desenvolve, ainda nova, o gosto pelas atividades manuais, como tecer pulseiras. Letícia usa short e camisa para brincar na rua, mas ela sempre ganha brinquedos de menina. Ela lembra em especial de dois presentes que adorou na sua infância: uma casa de madeira para bonecas Barbie e uma boneca acompanhada de um bebê de fraldas e banheira

Se, ao nascer, as categorias “menino” e “menina” são atribuídas a partir das características anatômicas, durante o processo de socialização, segundo Teresa de Lauretis, existe uma participação ativa da criança na sua identificação e adoção da dimensão simbólica delimitando um gênero ou outro. A autora afirma que:

El género requiere una acción de parte del niño o de la niña; él o ella tienen algún rol que jugar en la construcción del género, lo deben asumir, es decir, deben hacerlo propio a través de un proceso de identificación. La identificación como niña o como niño –ya que ninguna otra alternativa se ofrece en la niñez– generalmente se lleva a cabo muy temprano, aun antes del descubrimiento de las diferencias anatómicas. En los años subsiguientes, esa identificación puede ser confirmada y convertirse en una identidad de género o puede ser cuestionada, rechazada o transferida a otro género. (DE LAURETIS, 2015, p. 112)

É possível perceber como os valores da igualdade acima referidos se traduzem numa abertura a respeito do repertório de condutas e comportamentos que as meninas são socialmente legitimadas de expressar, excetuando, talvez, o caso de Helena. Porém, em todos os nossos relatos existe um sentimento de agrado, valorização e procura ativa pelas expressões de feminilidade que correspondem ao seu gênero. Nenhuma das entrevistadas relata comportamentos ou interesses “masculinos demais”, os quais não corresponderiam ao seu sexo, em nenhum momento nos seus processos de socialização.

Isso contrasta significativamente com as experiências de crianças que crescem com um sentimento de constante inadequação em relação às expectativas binárias de gênero – por exemplo, meninos que preferem atitudes e comportamento femininos ou, o inverso, meninas com preferências de atitudes e comportamentos masculinos. Neste sentido, é relevante o fato de que, em dois de nossos relatos, as meninas brincam de coisas de meninos, mas meninos não brincam de coisas de meninas. Existe uma maior aceitação da incursão das meninas em atividades antigamente vistas como exclusivamente masculinas, o que não se estende a uma participação dos meninos nas atividades e gestos exclusivamente femininos, apontando para a manutenção da hierarquia e desvalorização do feminino.

A feminista queer espanhola, Garcia Trujillo, descreve claramente o que essas expectativas dicotômicas significavam na sua infância: “de mi propia infancia y adolescencia recuerdo esa sensación de no encajar en un sistema que impone dos sexos y dos géneros, de habitar ese ‘no lugar’ entre ser ‘niña’ y ‘niño’, el rosa y el azul, sin posibilidad de ningún otro color intermedio” (TRUJILLO, 2022, p. 14). Em oposição a um sentimento de inadequação, as entrevistadas experienciaram nas suas infâncias um sentimento de avaliação e reafirmação da delimitação dos seus gostos e gestos. Uma constante adequação à norma.

Porém, como foi apontado por De Lauretis, não se trata de uma apropriação consciente e pré-consciente mobilizada, ao mesmo tempo, pela criança. Trata-se de uma autoidentificação que pode ser confirmada ou rejeitada no transcurso do processo formativo. Ao longo das nossas

histórias, a adequação à norma se estende no tempo, seguindo uma trajetória que, se não assume um caráter unidirecional, também em nenhum momento se resume a uma franca inadequação com a sua categoria social. Assim, as meninas vão gradualmente se apropriando das coreografias da feminilidade, embora elas se constituam no interior de um amplo espectro, facilitado, mais uma vez, pela democratização dos códigos referentes ao masculino e ao feminino.

Depois das primeiras manifestações de identificação e imitação de algumas das entrevistadas em relação às suas mães, a identificação e imitação da feminilidade começa a se fazer a partir de códigos externos à família próxima. Mariana e Letícia são muito fãs de Xuxa. Letícia gosta de se vestir e se pentear como ela. Mariana prepara coreografias da artista com as primas para serem apresentadas à família nas férias de Natal. Mais uma vez, a família avalia tais movimentos de identificação e imitação com essa representação de feminilidade para as duas. As apresentações das coreografias são, inclusive, integradas como atividade do grupo familiar no marco das celebrações de fim de ano.

Vanessa adota um estilo de roupas que veicula uma representação muito sexualizada de feminilidade por volta dos 11 anos. Como vimos, o estilo era composto de uma minissaia, meia arrastão, uma coleirinha e uma coleira de cachorro. Vanessa lembra dessa moda como “sendo demais” – isto é, exagerada, excessiva – sobretudo para uma garota de sua idade. A meia arrastão era um elemento que, segundo Vanessa, seria identificado socialmente como “de puta” ou então só aceita, sem essa carga pejorativa, no contexto de carnaval. Nenhum dos seus pais se posicionaram ou se pronunciaram diante da moda adotada pela filha.

Com as mudanças de corpo e entrada na adolescência, se inicia outra etapa onde as entrevistadas começam a renegociar e reinterpretar sua relação e adoção dos códigos de feminilidade aos quais estão expostas. A primeira menstruação foi vivenciada por todas elas sem maior constrangimento. Todas as entrevistadas sabiam em que consistia a menstruação e, no geral, aquilo não modificou significativamente a forma pela qual se percebiam e eram percebidas nas suas relações sociais. O crescimento do peito, por outro lado, foi investido de significações marcantes para a maioria. Para Letícia, o primeiro sutiã foi um acontecimento importante – não só para ela, como também para as mulheres de seu convívio: “era tudo parte de um ritual. Eu gostava muito, eu me sentia super feminina”. As tias e a mãe sempre falavam para Letícia que ela ficava muito bonita com aquelas mudanças. Para ela, foi todo um processo “celebrado e bonito”, acompanhado de motivações “para sempre ficar mais bonita e mais feminina”.

Para Helena, foi um orgulho usar sutiã: “eu acho que, como toda menina bem socializada, era meu sonho usar sutiã, eu tinha sutiã desde antes de ter peito, né? Sempre quis, quando comecei a ter peito de verdade foi um orgulho porque eu tinha com o que encher meu sutiã”. Depois de um período nos Estados Unidos, Sandra entrou numa turma mais avançada. Foi o tempo do peito crescer. Ela lembra desse período como sendo de muita insegurança e desconforto em relação ao corpo. Sandra não sabia se usaria sutiã ou não, depois ela só queria usar sutiã com bojo porque desejava ter mais peito. Para Vanessa, o crescimento do peito significou a atração ou não atração dos pares do sexo oposto. Mesmo após as suas amigas terem começado a ficar “interessantes” fisicamente para os meninos, ela ainda demorou muito “para se desenvolver”.

Embora para Helena fosse um orgulho usar sutiã, para Vanessa e Juliana a adolescência propiciou também um período de afastamento dos códigos de feminilidade hegemônicos. Helena sempre escutou da parte das tias e da mãe que ela era bonita. Teve uma época em que a música “A loira burra” estava na moda. A música marcou Helena. Ela lembra de não querer ser mais bonita, mas sim de querer ser inteligente. Helena, então, começa a vestir roupas largas, andar sempre descabelada, e não se interessa por maquiagem durante toda a sua adolescência. Para Juliana, esse período significou uma etapa em que ela privilegiava a cor preta e um estilo mais “rock”. Ela também tendia a usar roupas que não mostrassem muito o corpo.

Porém, esses afastamentos dos códigos de feminilidade hegemônicos se inscrevem dentro de registros instituídos nas culturas urbanas enquanto feminilidades “alternativas”. Como tal, elas não operam uma transgressão de gênero no sentido de uma apropriação predominante dos códigos masculinos. Sobretudo porque é na puberdade, e posteriormente na adolescência, que a categoria social de “mulher” adquire seu terceiro traço definitivo: a heterossexualidade. Até agora, acompanhamos como as entrevistadas têm, desde a infância, reiterado constantemente, ainda que em diversos graus, alguns dos códigos marcadores de gênero que lhes correspondem em relação aos seus órgãos genitais. Porém, se as identificações e imitações da ordem simbólica feminina ocorrem desde muito cedo, a sua correlação unidirecional, com a devida orientação sexual, não é tão clara nos primeiros anos.

Ao menos em 3 de nossos relatos temos situações em que as meninas, imitando casais heterossexuais, tentam beijar na boca com pares do mesmo sexo-gênero. No caso de Helena, ela é muito nova quando se fecha no banheiro com uma amiguinha da mesma idade para imitar o beijo de um homem e uma mulher visto na televisão. A mãe intervém apressada assim que escuta as

intenções das meninas e, desta maneira, interrompe o ato. Na casa da avó, algumas das primas de Mariana beijam-se de fato, brincando de papai e mamãe. As mulheres adultas ficam sabendo e aquilo vira um grande acontecimento no mundo dos adultos. Mariana não se lembra do que foi dito naquela ocasião, mas até agora se recorda de ficar sentindo que elas tinham feito “algo de muito errado”. A partir desse momento, elas deixam de ter a permissão de brincar sem a supervisão de adultos.

No caso de Sandra, a brincadeira assume um tom de deliberação mais explícito. Embora ela tenha nesse período aproximadamente a mesma idade que Mariana (10-11 anos), a brincadeira com a amiga se reveste de um componente decididamente provocador. Mas é justamente nessa aura de provocação que a regulação aparece, mais uma vez, de forma nítida. Sandra e a amiga sabem que suas mães ficam bravas quando elas brincam de casal. A brincadeira propicia a possibilidade de questionar a sua autoridade. Elas encenam uma afetividade que, sabem, será fortemente reprovada.

Em outro caso, manifestando uma reação distinta, a mãe de Mariana “acha muito bonito” o fato de um amigo dela jogar flores na janela e deixar cartinhas e presentes para a filha. Nesse período, aos 12 anos, nas festas de aniversários dos amigos, meninos e meninas formam casais para dançar lento ao som de músicas americanas, imitando o jeito dos filmes hollywoodianos.

Assim, a estabilidade das categorias sociais “homem” e “mulher” é instituída seguindo uma cadeia que pressupõe uma coerência absoluta entre os eixos sexo-gênero-desejo sexual (BUTLER, 2007). Crianças do sexo feminino expressam atributos de feminilidade, que, por sua vez, manifestam o desejo pelos atributos de masculinidade. Na sua análise genealógica das noções fundacionais das categorias sexo-gênero-desejo, Butler sugere que “under conditions of normative heterosexuality, policing gender is sometimes used as a way of securing heterosexuality” (BUTLER, 2007, p.12)

As figuras de autoridade nos relatos expostos políam que meninas não beijem meninas. As expressões de afetividade entre meninos e meninas, no caso do vizinho de Mariana, não requerem intervenção alguma. Da mesma forma, o fato de meninos dançarem com meninas de um jeito romântico acontece sob a aprovação implícita dos adultos, que identificam aí comportamentos esperados para as crianças.

Mais tarde na vida de Mariana, a mãe participa ativamente sugerindo à filha insistir no convite de um menino. Mariana a tinha confiado o seu interesse romântico pelo menino em questão.

Na puberdade, Letícia teve uma paixão platônica pelo ator Leonardo DiCaprio depois de assistir o enredo romântico de *Titanic*. Em ambos os casos, os adultos aprovam estas expressões de afetividade. Além disso, nestes dois exemplos, os sentimentos românticos precedem o desejo sexual. Esses interesses românticos se inscrevem e são ou não incentivados dentro das regulações do que Butler chama de matriz heterossexual:

I use the term heterosexual matrix throughout the text to designate that grid of cultural intelligibility through which bodies, genders, and desires are naturalized. I am drawing from Monique Wittig's notion of the 'heterosexual contract' and, to a lesser extent, on Adrienne Rich's notion of 'compulsory heterosexuality, to characterize a hegemonic discursive/epistemic model of gender intelligibility that assumes that for bodies to cohere and make sense there must be a stable sex expressed through a stable gender (masculine expresses male, feminine expresses female) that is oppositionally and hierarchically defined through the compulsory practice of heterosexuality. (BUTLER, 2007, p. 208)

Assim, dentro deste quadro cultural interpretativo ao qual Butler alude, a heterossexualização do desejo se dá seguindo a cadeia correlativa que estabelece as identidades entre “mulher” e “homem” como excludentes e opostas. Meninos gostam exclusivamente de meninas, meninas gostam exclusivamente de meninos.

The internal coherence or unit of either gender, man or women, thereby requires both a stable and oppositional heterosexuality. This conception of gender presupposes not only a casual relation among sex, gender, and desire, but suggests as well that desire reflects or expresses gender and that gender reflects or expresses desire. (BUTLER, 1990, p. 30)

4.2 A DIVISÃO CULTURAL DA CATEGORIA MULHER- HETEROSSEXUAL

Como foi apontado, nos debates feministas da segunda onda, historicamente na ordem patriarcal ocidental judaico-cristã, a mulher tem sido dividida em duas categorias: “Mary, the Holy Mother, and Mary Magdalene, the whore” (PAGLIA, 1994, p. 58 apud HUNGERFORD, 2016, p. 33). Apesar das características histórico-sociológicas particulares da sociedade brasileira, foi o parentesco judaico-cristão, na sua versão luso-católica, que articulou as formações das elites dominantes.

Segundo Verena Stolcke (2006), o corpo sexuado foi um elemento central na formação das colônias espanholas e portuguesas para a estruturação cultural e ética de seu tecido social. Nessa lógica, as relações de parentesco legitimadas foram cruciais para a manutenção da superioridade racial. Estas se caracterizaram por um extremo controle da sexualidade das mulheres brancas, que eram as únicas esposas legítimas – continuando o prestígio da família sempre e quando sua

virgindade não fosse posta em dúvida –, e uma exploração sexual irrestrita das mulheres negras e indígenas.

Assim, no Brasil, segundo o antropólogo Parker (1991, p. 56), “a vision of the *mulher* has traditionally been built up in relation to a variety of other figures: the *virgem* (virgin), the *piranha* or *puta* (whore), and to a slightly lesser extent, the *sapatão* (big shoes or dyke)” (PARKER, 1991, p. 56). Ao interior dessas constelações simbólicas, a socialização tradicional das mulheres se caracterizava por uma fixação sobre sua virgindade:

Indeed, the daughter was subject to an even more rigid set of controls than was her mother. In the interests of protecting her *virgindade* (virginity), her *honra* (honor)—and by extension, the honor of her father—her freedom of movement was almost completely curtailed. (PARKER, 1991, p. 38)

Segundo Parker (1991), uns dos meios para garantir o controle da sexualidade das jovens mulheres era a falta de informação relativa ao corpo e à sexualidade no processo de socialização. No caso da socialização de nossas entrevistadas, para o caso da menstruação, elas tinham informação e conhecimento sobre os próprios processos fisiológicos. Exceptuando o caso de Mariana, que avaliou tal acontecimento como um momento de vergonha na escola, e o de Vanessa, que sabia sobre a menstruação principalmente por parte da escola e não dos pais, todas as mulheres estavam cientes do que aconteceria com seu corpo. Nos relatos por elas feitos, é geralmente a mãe que conversa com elas sobre as mudanças da puberdade e sexualidade. A escola figura também na sua vida como um recurso informativo sobre esses aspectos.

No que diz respeito à primeira relação sexual, quase todas elas têm também uma relação de confiança com a mãe para a questão ser conversada tranquilamente. De fato, a mãe de Helena, a mais conservadora de nosso grupo, sempre falou abertamente sobre sexo com a filha.

Ela sempre foi, não sei se porque ela teve vários namorados e transou bastante, sexo nunca foi uma questão do tipo “ah não pode transar antes do casamento”, nunca foi. Eu perdi minha virgindade e contei para ela. A gente foi no médico, comecei a tomar anticoncepcionais aos 16 anos. Mas sempre foi tranquilo poder dizer para ela. Meu pai nunca foi de saber, ele achava que se eu transasse, eu tinha que casar com meu namorado.

Por sua parte, a mãe de Mariana insistia muito com as filhas que a primeira vez delas “não podia ser muito cedo e tinha que ser com a pessoa certa”. Ela sempre frisou que a primeira experiência desse tipo tinha sido um acontecimento muito especial na sua vida. Na história que a mãe contava para as filhas, ela tinha ido transar com o pai depois do casamento. Apenas quando

Mariana estava começando a namorar que ela se abriu e assumiu que eles tinham tido sexo antes do casamento, que já estava planejado. Embora sua mãe não falasse para as filhas explicitamente que só podiam transar depois do casamento, ela sempre frisava que era um assunto muito importante e que não podia ser com qualquer um.

Da mesma forma que a mãe de Helena, a mãe de Mariana não contou para o pai que a filha tinha iniciado a sua vida sexual. Em alguma ocasião, quando o seu pai estava levando-a para ficar na casa de um namorado no fim de semana, o pai de Mariana falou que “não era só porque ela estava indo dormir na casa do namorado que ela tinha que fazer algo que não quisesse”. Ela, então, soube que a mãe ainda não havia contado a ele que sua filha já tinha perdido a virgindade. Todavia, em geral, Mariana lembra que seu pai nunca teve problemas com os namorados das filhas.

Quando Juliana estava com seu primeiro namorado, sua mãe insistia que o casal podia ter sexo na sua casa se ela quisesse. A mãe de Sandra sempre foi muito próxima da filha. O seu pai também sempre se disponibilizou para conversar sobre qualquer coisa com ela e fazia um esforço para manter uma atitude compreensiva. Desde que ela era criança, os pais explicavam e falavam sobre sexualidade. Sandra ficava com vergonha, “mas achava massa”. Com 17 anos, o pai perguntava para Sandra se ela já tinha “transado”, que ela podia contar para ele. Contudo, foi com a mãe que ela se sentiu mais à vontade e comentou quando teve a sua primeira experiência sexual. Com respeito ao tema da sexualidade, “em casa sempre foi tranquilo” para Sandra.

Desde que Letícia era criança, a sua mãe lhe falava sobre sexualidade. A mãe achava importante que a filha estivesse informada para poder se defender e fazer as melhores escolhas. Quando Letícia tinha 15 anos, seus pais se separaram. Depois de três anos eles voltaram a morar juntos. Leticia estava, nesse momento, com o primeiro namorado, que costumava dormir em casa. O pai logo proibiu que ele ficasse em sua residência e quis controlar horas de chegada e saída de Letícia. A mãe discordava dele, mas ela não fazia questão de defender as visitas do namorado por cima de sua vontade. Leticia pensa que aquilo era claramente um controle específico sobre a sua sexualidade. Uma vontade de não permitir que a filha transasse no seu teto, sendo que, na opinião de Letícia, ela poderia fazer a mesma coisa fora de casa.

Letícia sentiu que o pai estava obrigando-a a decidir entre a família e o namorado. Ela não aceitou que a vontade do pai fosse imposta, ela achava que era seu corpo, seu desejo, seus sentimentos e sua vida. Ela estava muito apaixonada pelo seu namorado, “do tipo de pensar que era para sempre”, mas acha que a rebeldia contra seu pai pesou mais na sua decisão de passar todos

os fins de semana na casa do seu parceiro amoroso. Em outro relato, quando Vanessa entrou no ensino médio, começou a ficar com muitos meninos. Foi também um período em que as festas com álcool se tornaram mais frequentes. A bebida dava a oportunidade à Vanessa de paquerar mais abertamente. Assim, o álcool tinha uma função muito específica na sua forma de se relacionar com homens.

Vanessa entendia essa mudança de atitude como a sua “revolta”. Para ela, era sua forma de ser feminista, diante de uma sociedade de duplo padrão, onde meninos que pegavam muitas meninas eram bem-vistos e as meninas eram tratadas como “putas”. Ao mesmo tempo, ela sentia culpa depois, sentia que ela se colocava num lugar de “mulher fácil” e se questionava se os meninos queriam realmente ficar com ela ou “se ficavam só por ficar”. Como se ela não fosse alguém interessante, engraçada, “alguém para namorar”. Ela pensa que as pessoas na escola falavam que ela já tinha transado com alguns meninos, o que não era verdade, mesmo que às vezes acontecesse de se “agarrar pesado”. Ela nunca chegou a masturbar ou a fazer sexo oral nos meninos. No fim do ano, ela ganhou o segundo lugar da sua turma em um prêmio criado pelos próprios alunos: o “ônibus”, a menina que todo mundo pega. Aquela atividade de ‘piadas’ contava com a participação dos funcionários do colégio e os ganhadores eram projetados em slides para toda a escola.

Vanessa não tinha uma grande preocupação com a virgindade, mas, ao mesmo tempo, essa era a justificativa que dava aos ficantes quando a situação chegava perto da transa. “Não, eu não dizia ‘porque sou virgem’, eu dizia ‘não posso, eu sou virgem’, meio que para ele entender, ‘não vou perder contigo’, sabe?” Esses encontros eram passageiros demais para ela ter a sua primeira experiência sexual. Vanessa não esperava um “príncipe encantado” para perder a sua virgindade, mas esperava um tipo de demonstração de interesse em ela para “dar em retorno”. Quando começou a namorar, aos 17 anos, o casal teve sexo uma semana depois do início do relacionamento.

A tensão entre mulher respeitável/mulher não respeitável no caso de Vanessa se desdobra de forma ambígua, uma vez que ela faz um movimento ativo pela procura de uma atitude identificada por ela mesma como “de puta” em relação às interações com os homens. A sua timidez é, para Vanessa, um impedimento para encarnar uma atitude de desenvoltura diante dos homens pelos quais ela se interessa. Ela contorna esse impedimento recorrendo à bebida, que colabora para que ela consiga se apresentar e se comportar de um jeito específico.

Nesse movimento, o fato de ficar com muitos meninos é interpretado por Vanessa como um questionamento feminista diante do padrão social de duplo padrão face ao comportamento

sexual de homens e mulheres. Se os homens não enfrentam consequências sociais negativas – aliás, às vezes eles gozam de uma boa reputação pelo fato de ficar com várias mulheres –, por que as mulheres não podem fazer o mesmo? Todavia, o seu comportamento lhe traz efetivamente consequências sociais. Os colegas inventam rumores sobre ela, que, na escola, se vê marcada por uma má reputação. O escárnio social chega a outras dimensões na atividade pública do colégio em relação aos “prêmios”. Ela, junto com outras meninas, é humilhada publicamente por vivenciar uma sexualidade fora dos parâmetros da mulher respeitável.

Embora Vanessa seja ciente do caráter sexista desse duplo padrão, e uma certa interpretação feminista lhe proporcione meios para se posicionar de forma contrária à tal situação, ela vai experimentar um sentimento de culpa. Vanessa transita numa oscilação constante entre os dois polos dentro dos quais as mulheres têm sido categorizadas com base na sua conduta sexual. Essa mesma tensão delimita também as atitudes e comportamentos da vida sexual de Helena e Mariana. Quando Helena começa um período de experimentação sexual com os meninos com os quais se relaciona, independentemente da intensidade dos encontros, ela não pensa em ter sexo com eles. Ela desfruta bastante dos “amassos” e não restringe particularmente sua participação em estimulações sexuais mútuas. Porém, o sexo – entendido aqui como coito – tem, para ela, um significado específico. Helena sempre ouviu falar que “meninas que transam, são piriguetes, elas não são boas para casar”. Embora ela não identifique o fato de ficar com vários meninos e se autoperceber como ‘bem saidinha’ nas interações de paquera, experimentações sexuais casuais e em namoros, ter sexo é para “piriguetes”, e ela “não é piriguete”. Essa associação teve um peso importante na sua recusa em transar com o namorado em um momento específico em que eles estavam quase efetivando o coito.

No relato de Mariana, a conotação negativa de fazer sexo por fora de um relacionamento sério aconteceu também como parte de uma culpabilização pessoal, mais do que como resultado de consequências sociais concretas derivadas de sua conduta. A figura da mulher não respeitável se cristalizou para ela de duas formas. Quando, depois de terminar com seu primeiro namorado, Mariana tornou-se uma “grande forrozeira”, as paqueras viraram parte da atividade. Nesses encontros, Mariana fazia questão que as experiências “não chegassem a mais”, embora as aproximações às vezes tenham “esquentado”. Ela achava que as pessoas que frequentavam os forrós se conheciam entre elas, e a incomodava a possibilidade de que esse círculo social pensasse que ela não se dava o devido respeito. Para Mariana, aquilo “não valia a pena”.

Em uma ocasião, ela transou com um amigo de um amigo na primeira vez que saíram só eles dois. A experiência foi “maravilhosa” em relação ao prazer sexual. De fato, foi a primeira vez que Mariana teve um orgasmo, mas, no dia seguinte, a sua preocupação foi a sensação que mais teve peso nesta experiência. Ela ligou para o amigo em comum chateada por aquilo ter acontecido, “o que ele iria pensar dela?”. O amigo foi quem a tranquilizou dizendo que aquilo não tinha grande importância e que poderia relaxar com esse assunto. Embora seja uma concepção profundamente internalizada por parte de Mariana, é claro que ela se dá como parte da experiência próxima da reprovação e perseguição do comportamento sexual considerado como não respeitável, aos quais ela tem sido exposta na sua trajetória pessoal.

Como foi apontado, as análises das classes médias urbanas no Brasil identificaram e teorizaram sobre a difusão dos valores modernos aos quais esses estratos aderiam. Segundo Loyola (2000, p. 145), a ideologia individualista-igualitária, “foi resultante das transformações ocorridas nos costumes brasileiros com o advento da pílula, da revolução sexual e da cultura *hippie*”. Já nessas pesquisas, os autores identificaram uma tensão permanente entre o que foi concebido como dois modelos opostos de relação de gênero presentes na sociedade brasileira. Discursivamente, as camadas médias contestavam os valores tradicionais da família patriarcal. Na prática, existiam, sobretudo para o caso das mulheres, posicionamentos não resolvidos e em constante conflito entre as expectativas de gênero de ambos os modelos.

O estudo de Tânia Dauster, realizado entre homens e mulheres de camadas médias da Zona Sul do Rio de Janeiro, aponta para a prevalência do duplo padrão dos códigos morais para as condutas femininas e masculinas em relação à significação do amor e da sexualidade, embora o grupo questione essa diferença dentro do marco da semelhança entre necessidades e desejos entre homens e mulheres Dauster aponta:

Tradicionalmente, na construção dos gêneros feminino e masculino (lógica interna ao duplo padrão de moralidade) associa-se a mulher com “o sagrado e os valores do coração”, residindo somente aí a sua superioridade face ao homem. Trata-se de um mosaico conceitual (o modelo mediterrâneo) no qual “os valores do coração” estão associados à casa, à família e à mulher, sendo ela a sua guardiã privilegiada. Por sua vez, o homem é repositório da autoridade moral, mas não da afetividade, e a ele cabe o controle da sexualidade feminina para salvaguardar assim a sua própria honra depositada na imagem feminina. Em outras palavras, nesse jogo de complementaridade, é na mulher que está alocada a honra masculina e, até mesmo, da própria família (DAUSTER, 1984, p. 526).

Essa lógica de associação de valores nos códigos feminino e masculino se refletia na concepção compartilhada pelo grupo pesquisado de que “o homem faz sexo sem amor e a mulher,

não”. Contudo, Salem identifica transformações nos valores dos entrevistados que dão indícios de um questionamento dessa característica diferencial, considerada natural, entre homens e mulheres. Porém, esse processo de individualização por parte das mulheres será interpretado por Dauster como uma dificuldade de “assumir a sexualidade ou tesão” associado por sua vez com um “medo de crescimento”. Em outras palavras, existiria uma dificuldade por parte das mulheres de se conceberem como sujeitos autônomos capazes de desfrutar a sua sexualidade por fora das lógicas de complementaridade tradicionais.

Na mesma linha, fazendo uma leitura da dramaturgia de Nelson Rodrigues como um texto cultural, expondo as lógicas internas da família de classe média brasileira, Tânia Salem aponta também para a contestação do modelo tradicional de família ancorada nos valores individualistas. No universo simbólico de Rodrigues, a identificação de puta “designaria uma mulher de sexualidade livre, por definição não regulamentada”. A partir do modelo representado nas intrigas analisadas, Salem conclui:

A mulher faz uso da sua sexualidade para afirmar-se como um valor individual em si mesmo, às expensas da unidade familiar. Através de sua infração, ela afronta e mina a hierarquia natural estruturadora de sua própria família, na medida em que exercita sua sexualidade à revelia do poder do patriarca – quando não, contra ele (SALEM, 1984, p. 10).

Ambas as interpretações da sexualidade feminina sob a lógica do individualismo emergente nas classes médias brasileiras dos anos 80 correspondem às interpretações da revolução sexual no marco do feminismo da igualdade nas discussões feministas americanas. A ideia de uma sexualidade feminina por fora das restrições patriarcais impostas tradicionalmente à mulher, assim como as reivindicações de sujeito autônomo, que participasse em pé de igualdade nos âmbitos públicos e privados, foi uma consequência direta da maneira pela qual a opressão se constituiu historicamente na lógica ocidental, como foi discutido no segundo capítulo. Foram também as interpretações que mais se difundiram nas expressões tanto da cultura popular como na contracultura da época. A experimentação sexual dos jovens antes do matrimônio marca um período de solteirice como parte da vida urbana. Esse padrão passa a fazer parte integrante dos relacionamentos entre os gêneros nas sociedades industrializadas.

A interpretação da “mulher liberada” teve uma ampla difusão, configurando as distintas narrativas sobre a sexualidade e o gênero das novas gerações, incluindo interpretações de pesquisas dentro da academia, como exposto anteriormente. Como se pode inferir a partir de relatos sobre a

significações que as mulheres entrevistadas conferem à noção de virgindade e à dicotomia mulher respeitável-mulher não respeitável, estas concepções de sexualidade e gênero correspondentes ao marco do feminismo da igualdade são constitutivas do seu processo de socialização. Porém, da mesma forma que nas tensões descritas para as camadas médias dos anos 80, é possível constatar a constante e complexa justaposição de valores concernentes ao gênero e à sexualidade feminina nas suas interações sociais.

Por um lado, os membros da família, geralmente as mães, conversam com as filhas sobre menstruação, saúde sexual e meios contraceptivos, assumindo que elas terão uma vida sexual na adolescência e isso não se equipara ao casamento. Aliás, dentro de um marco biologicista, as questões relativas à gravidez e saúde sexual fazem parte curricular dos tópicos abordados nas suas escolas. A virgindade das filhas não simboliza mais a honra da família. Em grande medida, as mães de nossas mulheres viveram sua juventude em meio a importantes mudanças simbólicas que estavam se normalizando. Para algumas delas, a faculdade foi um lugar importante, que lhes proporcionou socializações fora de uma vigilância rígida de suas condutas sexuais por parte dos pais, e também das expectativas tradicionais que suas mães viveram.

A mãe de Sandra morou com o pai numa república nos seus anos de estudantes. O que nunca teria sido aceito pela família dela, muito católica, que fazia questão de criar “uma mulherzinha”, projeto no qual os planos de estudo não estavam contemplados. A mãe de Mariana estava na faculdade de Direito, local em que conheceu o pai. Eles transaram antes do casamento, embora ele já estivesse planejado. A mãe de Mariana, por sua vez, largou a graduação depois de ela engravidar. De fato, as duas das mães que foram exclusivamente donas de casa, a mãe de Helena e a mãe de Mariana, foram referências marcantes para as filhas no que diz respeito à dificuldade que elas vivenciaram pelo fato de levarem uma vida que girava ao redor apenas do cuidado da vida familiar. O pai de Helena sempre falou que tudo era dele, enquanto a mãe insistia para as filhas que elas tinham que se formar e não depender economicamente dos homens, como ela. Hoje em dia, relembrando de sua infância, é claro para Mariana que em diversos períodos a mãe estava depressiva. Em particular, ela se lembra de quando se mudaram, por conta do trabalho do pai, a uma cidade onde ela não tinha muitos amigos nem projetos pessoais. Só agora, na fase adulta, Mariana percebe com clareza esse aspecto. Ela se dá conta, hoje, que a sua mãe conversava muito com as filhas, mas ela nunca falava sobre ela.

A mãe de Letícia conheceu o pai no colégio. Ela engravidou com 17 anos. A família do pai quis que a mãe de Letícia abortasse, o seu pai fazia serviço militar e a gravidez era um problema para a sua ascensão profissional. Eles decidiram ter Letícia e se casaram. O pai largou a carreira militar e ambos fizeram cursos técnicos, o que significou dificuldades econômicas no início da formação familiar. Contudo, o fato de a mãe precisar realizar um trabalho remunerado sempre trouxe muita satisfação a ela, que sempre achou importante que Letícia tivesse uma profissão. Por isso ela sempre foi muito incentivada a estudar.

Como foi apresentado no capítulo anterior, segundo Ferguson, as reivindicações por parte das feministas da segunda onda, num primeiro momento, se ligaram à defesa do direito ao prazer sexual. Concretamente, as mobilizações se articularam ao redor do direito à pílula contraceptiva e à legalização do aborto. É interessante ressaltar que nas falas das mulheres que participaram da pesquisa existe uma constante, por parte das mães, pela insistência na utilização de métodos anticoncepcionais para as filhas, sobretudo pela situação da não legalidade do aborto no Brasil (apesar do movimento de mulheres nos anos 60) e por terem vivenciado experiências de gravidez indesejada no passado.

Em todos os nossos relatos, depois da primeira relação sexual, o uso de anticoncepcionais torna-se parte da vida adolescente das entrevistadas. Nos casos de Helena, Mariana, Letícia e Sandra, é especificamente a mãe que acompanha as filhas ao ginecologista depois de elas terem lhes confiado o relato sobre a sua primeira vez. Vanessa não especifica se ela foi com a mãe ao ginecologista, mas, desde a sua primeira relação sexual até hoje, ela toma anticoncepcionais. Juliana também não especifica se foi com a mãe ao ginecologista, mas lembremos que sua mãe é uma das que mais abertamente falam sobre sexualidade com sua filha. Aliás, Juliana era uma adolescente muito “certinha” e morria de medo de engravidar – com o namorado, ela usa preservativo e toma anticoncepcionais.

Contudo, essas tendências de valores mais liberais são experimentadas de modo ambivalente diante da persistência e generalização dos valores que regiam as formas em que a sociedade brasileira se organizou tradicionalmente. Como foi visto nas experiências de Helena, Vanessa e Mariana essa tensão mediava, de forma multifacetada, as escolhas e comportamentos adotados por elas. No caso de Juliana, Sandra e Letícia, a figura de “mulher sem honra” parece não ter tido uma influência direta, ao menos ela não aparece de forma explícita nos seus relatos sobre primeiras experimentações sexo-afetivas.

Todavia, lembremos que, para Letícia, o período de começos das dinâmicas de paqueras foi limitado pelo pai, que não permitia que a filha saísse para qualquer lugar e em qualquer momento. Tal restrição de circulação cessou apenas depois de ele ter saído de casa. Quando seu pai voltou a morar em casa, ele quis proibir que o namorado a frequentasse, como ele costumava fazer no período de sua ausência. Dessa vez, conforme foi interpretado por Salem, o exercício da sexualidade por fora do controle do pai se deu como um exercício de individuação no qual Letícia fez valer os seus desejos. No seu caso, mais do que a sexualidade, foi o amor que alicerçou sua não obediência. Conforme relatado por ela, o amor atuou como uma justificação e um meio para questionar diretamente a autoridade do pai.

Embora exista esta disputa reiterada de significações sobre os códigos que regem uma feminilidade aceita e sua sexualidade correspondente, essa não é a única forma pela qual a assimetria de gênero se reproduz. Como Salem (1998) demonstrou sobre as novas configurações do gênero e sexualidade das camadas médias da Zona Norte do Rio de Janeiro, a desigualdade de gênero se perpetua também através da sua reinscrição em novos códigos.

4.3 A PERSPECTIVA RADICAL: A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL

Como foi discutido no segundo capítulo, aparecem, já a partir dos anos de 1960, questionamentos incisivos sobre as consequências da interpretação liberal da revolução sexual. Em “Sexual Politics”, Kate Millet escreveu:

El concepto de amor romántico es un instrumento de manipulación emocional que el macho puede explotar libremente, ya que el amor es la única condición bajo que se autoriza – ideológicamente – la actividad sexual de la hembra. (MILLET 2019, p. 90 apud CARREÑO RAMON, 2020, p. 14)

Como aponta Clough, na primeira parte da sua análise, Millet vai interpretar a produção literária de D.H. Lawrence como “the last attempt of literature to veil the sexuality of patriarchal society in sentiment and chivalry” (CLOUGH, 1994, p. 480). Assim, “according to Millett, what the sexual revolution did accomplish was to lift the veil of chivalry from the family, revealing the family as a historically specific institution of patriarchy” (CLOUGH, 1994, p. 478)

Na realidade brasileira, como foi apontado para o caso das mulheres entrevistadas por Salem na década dos 80, a necessidade do componente romântico para se envolver em um relacionamento sexual é assumida por todas elas. Como uma das suas interlocutoras relatou, “para eu aceitar a relação sexual, eu tenho que passá-la por esse canal do amor” (SALEM, 1988, p. 527).

Ou, ainda, em um outro depoimento escolhido pela autora podemos ler “homem gosta muito é de meter, mulher precisa mais de romanticismo, tem que fazer um pouco a cabeça, senão, também não sente tesão” (SALEM, 1988. p. 547). Contudo, a partir de outros depoimentos, Salem encontra indícios da gradual emergência “de uma sociabilidade amorosa-sexual que transborda a separação estereotipada entre amor e sexo’ (SALEM, 1988, p. 531).

Retomando os nossos relatos, o que é possível constatar é o fato de todas as nossas mulheres terem tido a sua primeira experiência sexual dentro do marco de um relacionamento amoroso. Porém, a questão não se desenvolveu de forma tão homogênea como parece sugerir tal constatação. A vinculação sexo-amor nas experiências de nossas entrevistadas se desdobra numa gradação em que identifico o caso de Mariana num extremo e o caso de Vanessa no outro. Lembremos que, para Mariana, a perda da virgindade é investida com significações tecidas ao redor da noção de um acontecimento muito especial na sua vida. Foi isso que sempre escutou por parte da sua mãe e ela almeja, com apreço e estima, a realização dessas expectativas. Ela decide fazer sexo pela primeira vez com um namorado pelo qual tem sentimentos muitos especiais, qualificado por ela como “o homem indicado”. A experiência foi o contrário do que Mariana sempre escutou que seria. Foi uma experiência muito dolorosa, sem nem um pouco de prazer. O fato de estar nua pela primeira vez diante de um homem se somou ao nervosismo da primeira experiência sexual, o que colaborou para que ela não conseguisse relaxar.

Depois observamos o caso de Helena. Como sabemos, na sua adolescência, Helena desfrutava muito da exploração corporal, num primeiro momento com ficantes e depois com o namorado. Nas suas palavras, esse período com o namorado “era super gostoso porque a gente dava altos amassos, se explorava, mas não transava”. Antes de namorar, porém depois da exploração sexual com ficantes, ela foi descobrindo que “se tocar era interessante” também. À diferença de Mariana, Helena constrói nesse período uma relação ativa com a sua exploração corporal e o seu prazer sexual. Porém, da mesma forma que para Mariana, sua primeira relação sexual “foi muito dolorosa, foi muito ruim, eu não sentia prazer nenhum..., mas eu fiquei naquele ato até que meu namorado gozasse, mesmo estando ruim”.

Desde cedo, o amor romântico teve também uma grande importância na subjetividade de Letícia. Quando teve o seu primeiro namorado, Letícia se apaixonou muito, “do tipo de pensar que era para sempre”. Porém, ela não pensava em transar com ele independentemente dos seus sentimentos, mesmo que os momentos de intimidade estivessem ficando cada vez mais sexuais. A

sua primeira relação sexual aconteceu “mais pelo compromisso do que pela escolha”. Diante da surpresa que o namorado planejou para ela, um quarto cheio de pétalas de flor, ela achou que não podia recusar. Ela pensava que era algo normal, que tinha que acontecer com namorados que estavam juntos fazia tempo. Como Mariana e Helena, em relação ao prazer, Letícia sentiu “zero”. Depois do sexo, o namorado perguntou se tinha sido bom para ela. Ela diz que já começou a sua vida sexual mentindo para agradar homem.

Para Vanessa, a primeira vez aconteceu sem muito envolvimento romântico. Embora não sentisse “sentimentos inexplicáveis” pelo seu namorado, era a primeira vez que alguém se interessava em namorá-la, aquilo era algo novo e nesse sentido teve um “romancezinho”. Antes de ela namorar, quando ficava com vários meninos, “rolava de se agarrar pesado, ir para cama e simular a transa, mas sem penetração”. Porém, esses ficantes eram passageiros demais e ela não quis transar com nenhum deles, porque Vanessa não queria que sua primeira vez fosse com qualquer um. Depois de uma semana do começo do namoro, ela transou pela primeira vez. Vanessa não sangrou, “mas doeu”. Contudo, ela gostava que o sexo estivesse acontecendo na sua vida porque achava que era uma coisa de casal. Diferentemente de Helena e Letícia, ela tinha curiosidade sobre o ato de fazer sexo.

Juliana é talvez o único caso em que a insistência de transar pela primeira vez veio da mulher, e não do namorado. Aliás, como vimos, aquilo ia de encontro com os valores familiares religiosos de seu parceiro. Eles namoravam há três anos quando Juliana convenceu o namorado fazer sexo fora do casamento. A primeira relação foi “sem graça, mas também não foi ruim não”. Era uma coisa que Juliana desejava fazia tempo e ela se sentia com muita confiança e intimidade com o parceiro.

Por último, observamos a experiência de Sandra. Para ela, a primeira vez “foi melhor do que ela tinha imaginado que seria”. Com 16 anos já estavam rolando “quase transas com paqueras, com penetração de dedos”. Ela só transou, de fato, aos 17, com o seu primeiro namorado. Com ele, “a questão da transa foi falada, ao contrário das outras pessoas com as quais era tudo muito passageiro e ela não se sentia segura”. Segundo Sandra, “a primeira transa foi boa, não foi traumática nem nada, ela já estava querendo transar fazia tempo”. Na época, ela gostava e queria transar mais.

Tendo como base as teorias radicais, as experiências de iniciação à atividade sexual por parte de nossas entrevistadas parecem alinhar-se com as formulações de Millet a respeito do acesso

do corpo da mulher na ordem patriarcal. Nas experiências de Helena e Letícia, por exemplo, o conceito do amor legitima uma participação no ato sexual que não parte dos seus desejos. No caso de Helena, ela faz sexo por conta de um sentimento de pressão, uma vez que o namorado tinha terminado o relacionamento um dia depois de ela ter se recusado a transar com ele. Assim, Helena faz sexo para manter a relação amorosa com o homem por quem ela está apaixonada.

Letícia não vivenciou esse tipo de ultimato por parte do namorado. No seu caso, a partir do seu entendimento de relação amorosa, o sexo fazia parte constitutiva de um namoro. Se ela estava numa relação com alguém que amava, era normal transar, sobretudo se fazia tempo que o casal estava junto. Mais do que por garantir a presença de um homem na sua vida, o conceito de amor para Letícia implicava sexo, independentemente das suas vontades. Mesmo que ela não estivesse a fim de ter sexo pela primeira vez, não passou pela sua cabeça que ela podia se recusar. Assim, em ambos os casos, elas não desejavam transar, mas o fizeram por amor.

Em contrapartida, para o caso de Mariana, a mulher que mais valoriza o conceito do amor em relação à sua primeira experiência sexual, foi justamente “o amor” que lhe proporcionou um meio para impor os seus desejos e não se envolver sexualmente com o seu primeiro namorado, apesar de suas insistências. Ela deixou claro para ele que, caso quisesse terminar o relacionamento pelo fato de eles não fazerem sexo, “estava tudo bem”. Foi também a ideia “de experiência muito importante na sua vida” que propiciou as queixas ao namorado, deixando muito claro que a experiência tinha sido ruim, à diferença das experiências de Helena e Letícia. A partir desse momento, o casal concordou não transar mais e respeitar os ritmos de Mariana.

Para Vanessa a vinculação sexo-amor parece operar como um contrapeso em relação ao problema que as feministas radicais dos anos 80, seguindo as formulações de Millet, identificaram como o processo primário de subjugação no patriarcado: a objetivação do corpo feminino. (MCKINNON, 1989, p.127 apud HUNGERFORD, 2016, p. 24). O título de namoro funcionou, no caso de Vanessa, para lhe garantir uma interação na qual o interesse do parceiro não fosse meramente sexual, em uma sociedade onde o denominado “sadismo cultural” tem se proliferado. (BARRY, 1979, apud HUNGERFORD, 2016, p. 55).

Nos termos de Hungerford, “Barry also argues that sadism includes the status of the “throwaway woman,” legitimized by the sexual revolution, i.e. “the one who is disposed of when there is no other use for her” (BARRY, 1979, p. 214 apud HUNGERFORD, 2016, p. 56). Todavia, a aparente procura por ter a primeira experiência sexual no interior de uma dinâmica não utilitarista

por parte de Vanessa, expressada na sua recusa de ter a sua primeira vez “com qualquer um”, não lhe garante que seu corpo e a sua sexualidade não girem em torno dos desejos do parceiro. Como ela relata, desde a primeira vez “o companheiro não fez nenhum esforço por se preocupar como estava sendo para ela” e isso foi uma constante ao longo do seu relacionamento. O que nos remete, mais uma vez, à conformidade com a formulação inicial de Millet sobre o amor.

Por último, para os casos de Juliana e Sandra, o título de namoro foi efetivamente um marco através do qual elas puderam explorar os seus desejos. Foram relacionamentos em que elas desenvolveram um sentimento de intimidade que possibilitou a elas se sentirem à vontade. Isso parece indicar um movimento motivado a contornar as implicações de um sexo sem uma espécie de compromisso, sobretudo por parte do parceiro. Porém, seja sob a ideologia do amor romântico ou sob a generalização do sexo casual por fora do amor, para as mulheres, como referido por Salem, o que está em jogo para as feministas radicais é o uso sexual da mulher pelo homem. Tanto na instituição monogâmica do matrimônio tradicional quanto na sexualização e instrumentalização do corpo e da sexualidade femininas pós-revolução sexual, são as prerrogativas sexuais dos homens que são privilegiadas e reproduzidas. Isso seria a consequência intrínseca do sistema de dominação das mulheres na sociedade patriarcal. A esse respeito, LeMoncheck escreve:

Women, as social subordinates, cannot fulfill the role of sexual subject; they are the sexual objects. Therefore, for women under patriarchy, due to their object status, sexuality engenders role expectations and stereotypes that comport with their position as sexual objects. (LEMONCHECK, 1985, p. 63 apud HUNGERFORD, 2016, p. 58)

Nas experiências aqui discutidas, a afirmação cobra uma consonância significativa, sobretudo se pensarmos que Letícia, Helena e Vanessa praticam a masturbação antes da primeira experiência sexual. Quando se masturbam, elas têm orgasmos, mas isso não significou ter uma experiência prazerosa no sexo com os parceiros. De fato, nos relatos delas, o ato sexual foi voltado especificamente para o prazer do namorado. Contudo, se Sandra desenvolveu uma relação de intimidade e teve uma experiência prazerosa, a questão da não instrumentalização do corpo e da sexualidade feminina fica também, em alguma medida, comprometida, uma vez que o namorado terminou o relacionamento uma semana depois de eles terem feito sexo.

Aliás, para o marco do feminismo radical, a presença de prazer nas relações heterossexuais no patriarcado é da mesma forma considerada opressiva, fazendo parte da socialização de subordinação da mulher. Hungerford sintetiza essa premissa radical da seguinte forma “the nature of oppressive culture is such that the oppressed’s choices are often internalizations of the desires

of their dominators, as this is how the power structure is informally maintained.” (HUNGERFORD, 2016, p. 70). De fato, Sandra foi a única que ficou solteira depois da experiência da primeira relação sexual. Para a maioria de nossas mulheres, esses primeiros namoros significaram relações longas: 5 anos para Helena, 8 anos para Juliana, 6 anos para Vanessa, 7 anos para Leticia e 2 anos e meio para Mariana. Sandra, que foi a única que expressou abertamente ter ficado com vontade de continuar transando, começou, assim, um período de sexo por fora de relacionamentos amorosos.

Segundo os postulados radicais, esse padrão de sexo heterossexual seria o mais prejudicial atualmente para as mulheres devido à sua natureza aberta e exacerbada de objetificação. A objetificação da mulher é o mecanismo através do qual a desumanização e a degradação do seu status se perpetua.

When men and women are engaged in sex, whether or not it is consensual, they are playing out the roles in this dynamic: women experience degradation of their personhood status; men experience affirmation of their personhood status. (HUNGERFORD, 2016, p. 59)

5 AS CONTRIBUIÇÕES DA TERCEIRA ONDA

No capítulo anterior, os posicionamentos da chamada “Sex Wars” no debate feminista americano, tal como esquematizados no primeiro capítulo, foram mobilizados para efetuar algumas possíveis leituras das experiências concretas de nossas mulheres. Meu objetivo era dimensionar o que foi apontado por feministas como Ferguson (1984) e Vance (1984), quando afirmaram que os dois marcos interpretativos das guerras do sexo apontam para um outro aspecto envolvido nas relações sexo-afetivas atuais e, em consequência, nenhum dos dois marcos conseguiria dar conta das complexidades do gênero e sexualidade tal como vivenciadas pelas assim categorizadas mulheres.

Assim, minha intenção neste último capítulo será aprofundar em que medida as ferramentas teóricas da teoria queer propõem uma reconceitualização da questão do poder e da agência nas relações de gênero. A partir do desdobramento do arcabouço teórico queer, buscarei finalmente elucidar alguns aspectos das vivências sexo-afetivas de nossas mulheres. Mais que uma espécie de síntese, proponho que as ferramentas da teoria queer possibilitam “ficar com o problema” (HARAWAY, 2016), reformulando-o e, ao mesmo tempo, ressituaando-o dentro do conjunto de múltiplas posições a partir das quais emerge a subjetividade e a possibilidade de agência dos sujeitos sociais. O começo do terceiro capítulo, por tratar-se da etapa da consolidação do gênero, foi já estruturado a partir das linhas analíticas queer. Porém, os conceitos chaves nos quais dita análise está sedimentada serão aqui retomados e explicitados.

Para começar, considero importante voltar a pontuar que as teorizações queer ocorrem como consequência direta das críticas do feminismo negro e das “women of color” ao feminismo hegemônico. De maneira indireta, elas dão pistas reflexivas às perguntas levantadas por Vance em seu artigo “Pleasure and Danger” (1984), que reformulo da seguinte forma: devemos desconfiar que nossos desejos são irremediavelmente e profundamente parte da dominação patriarcal? Podemos atuar por conta própria? Ou somos sempre e unicamente vítimas da luxúria incontrolável dos homens? (VANCE, 1984).

5.1 A TEORIA QUEER

Entendo, nesta pesquisa, as ferramentas teóricas queer tal como foi sintetizado por Preciado: “un proyecto crítico, heredero de la tradición feminista y anticolonial, que tiene como objetivo el análisis y la deconstrucción de los procesos históricos y culturales que han conducido a la invención del cuerpo blanco y cis-heterosexual como ficción dominante en Occidente” (PRECIADO, 2009, p. 19 apud TRUJILLO, 2022, p. 24). Estudiosos da teoria queer como Gracia Trujillo (2022) e Rafael Leopoldo (2021) enfatizam pontualmente a obra de Gloria Anzaldúa como inestimável precursora das propostas queer, legado que é muitas vezes negligenciado nas genealogias mais recentes da corrente, embora o seu trabalho seja referenciado diretamente nas publicações de De Lauretis e mais indiretamente no trabalho de Butler.

Como De Lauretis escreve em seu texto de 1989, “La tecnología del género”:

...el cambio en la conciencia feminista que se produce en esta década puede decirse que ha comenzado (si se necesita una fecha) en 1981, el año de la publicación de *The Bridge Called My Back*, la colección de escritos de las mujeres radicales de color editado por Cherrie Moraga y Gloria Anzaldúa, la que fue seguida en 1982 por la antología de Feminist Press editada por Gloria Hull, Patricia Bell Scott y Barbara Smith con el título *All the Women Are White, All the Blacks Are Men, but Some of Us Are Brave*. (DE LAURETIS, 1996, p. 17)

A elaboração teórica de De Lauretis é explicitamente um esforço para redefinir a categoria analítica de gênero de maneira a dar conta das “diferenças dentro das mulheres” (DE LAURETIS, 1996). É uma elaboração teórica procurando aportar elementos capazes de enfrentar os desafios que as feministas não brancas lançaram ao projeto feminista. A categoria mulher equiparada à diferença sexual é, nesse momento do movimento feminista, escreve De Lauretis em 1989, uma limitação. Partindo dos trabalhos de Foucault e de Althusser ela vai definir a tecnologia de gênero como um processo semiótico, dinâmico e sempre inacabado, a partir do qual os indivíduos medeiam e são mediados pela realidade social. Nesta perspectiva, De Lauretis enuncia:

Podríamos decir entonces que, como la sexualidad, el género no es una propiedad de los cuerpos o algo originalmente existente en los seres humanos, sino **el conjunto de efectos producidos en los cuerpos, los comportamientos y las relaciones sociales**, en palabras de Foucault, por el despliegue de una tecnología política compleja. (DE LAURETIS, 1989, p. 17 "grifos meus")

Para De Lauretis, essa soma de tecnologias políticas, das quais a subjetividade engendrada é o efeito, se articulam através dos distintos aparatos discursivos organizando as significações do social e, por conseguinte, são sempre contingentes e situadas. Porém, assim descrito, não resulta tão evidente em quais pontos as proposições de De Lauretis se diferenciariam exatamente das proposições teóricas da segunda onda, que, como foi discutido, teorizaram sobre o caráter histórico e cultural da mulher. Considero relevante refletir sobre a questão, já que me parece que nisso consiste o contra sentido que emerge em algumas discussões feministas atuais. Nelas, afirma-se a construção social de gênero para, subsequentemente, reinscrever essa construção dentro de formulações a-históricas e a-culturais.

Diante da ameaça do projeto feminista anular sua potência de crítica social radical, ao seguir mantendo “uma oposição conceitual que está ‘sempre pronta’” (1996, p. 7), De Lauretis, propõe o conceito de experiência para compreender como as tecnologias de gênero formam as subjetividades dos indivíduos através das relações sociais. Mais do que as somas de vetores de opressão, a integração do conceito de experiência, e suas particularidades de temporalidade e posicionalidade, permitem conceber sujeitos que se constituem através de múltiplos processos de contínua e ambivalente interação com o campo das significações sociais. Assim, De Lauretis declara:

Por potencial epistemológico radical quiero decir la posibilidad, ya emergente en los escritos feministas de la década de los 80, de concebir al sujeto social y a las relaciones de la subjetividad para la socialización de otro modo: un sujeto constituido en el género, seguramente, no sólo por la diferencia sexual sino más bien a través de representaciones lingüísticas y culturales, un sujeto en-gendrado también en la experiencia de relaciones raciales y de clase, además de sexuales; un sujeto, en consecuencia, no unificado **sino múltiple y no tanto dividido como contradictorio**. (DE LAURETIS, 1989, p. 8 "grifos meus")

Foi esse conceito de experiência de De Lauretis, enquanto processo mediador entre as tecnologias de gênero e a subjetividade, que orientou a organização e exposição das histórias das mulheres que aceitaram participar da pesquisa, discutidas no segundo capítulo. Foi um esforço por produzir uma narrativa que gira ao redor da noção de temporalidade e posicionalidade das suas experiências, deixando claro o caráter dinâmico e indeterminado dentro do qual a sua sexualidade e suas relações de gênero se desenvolvem.

Por sua parte, Judith Butler vai desenvolver também a sua teoria da sujeição tendo em conta as limitações teórico-políticas de pressupor um sujeito constituído de antemão. Seguindo as

teses de Foucault, Butler (1990) postula que reduzir o problema do poder à questão da hierarquia oculta a possibilidade de pensar nas dimensões produtivas do poder.

Como apontam Arán e Peixoto (2007), no seu texto “Regulações de gênero”, Butler reflete sobre a maneira como o campo dos estudos feministas ou dos estudos de gays e lésbicas tem indagado sobre a natureza do gênero enquanto regulação social.

Em geral, tende-se a pensar que existe uma separação entre o poder da regulação – entendido como uma estrutura unificada e autônoma – e o próprio gênero, como se o primeiro agisse reprimindo e moldando os sujeitos sexuais, transformando-os em masculinos ou femininos. No entanto, para a autora, o problema é mais sutil. Não haveria uma regulação anterior ou autônoma em relação ao gênero, pois, ao contrário, o sujeito gerado só passa a existir na medida de sua própria sujeição às regulações (Butler, 1997:1-31). (ARÁN e PEIXOTO, 2007, p. 132)

Nisso consistirá, para Butler, a ambivalência inerente ao sujeito, na medida que sua própria existência depende radicalmente das condições mesmas da sua sujeição ao poder. Se o sujeito não é outro que o poder, em que consistirá então, sua capacidade de agência? A possibilidade de agência seria assim definitivamente excluída, sendo ela só mais um dos efeitos do poder? Para Butler, a agência é possível pela mesma operação produtiva do poder, sendo este um poder difuso e que circula. Isso significa que a agência será a possibilidade contingente do poder de voltar-se contra si mesmo em cada operação.

Where conditions of subordination make possible the assumption of power, the power assumed remained tied to those conditions, but in an ambivalent way; in fact, the power assumed may at once retain and resist that subordination... This conclusion is not to be thought of as (a) a resistance that is really a recuperation of power or (b) a recuperation that is really a resistance. It is both at once, and this ambivalence forms the bind of agency. (BUTLER, 1997, p. 13 "grifos meus").

Por outra parte, o poder é contingente, não só no sentido de que ele está concebido como organizações da linguagem historicamente concretas, implicadas nas conformações históricas do sujeito. O caráter construtivo da linguagem não seria de caráter fundacionista. Nesse sentido, não se trataria de um ato de significação primário que operaria mediante a criação e produção de entidades ontologicamente determinadas e invariáveis (DE SANTO, 2015). O processo de significação seria um processo reiterativo, operando uma e outra vez no contínuo desdobramento do social. “El sujeto no está formado (determined) por las reglas mediante las cuales es creado [...] sino más bien por un procedimiento regulado de repetición” (BUTLER, 2001, p. 282, apud DE SANTO, 2015 p. 82),

Assim como De Lauretis, Butler concebe o processo de formação de subjetividades em termos de mecanismos do poder. Na sua formulação, os mecanismos do poder são definidos como a incessante citação das normas por parte dos indivíduos. Porém, como sistemas de signos, o processo significativo das normas nunca é absoluto, existindo sempre a possibilidade de se produzirem deslocamentos na sua reiteração. Dessa maneira, ambas as autoras colocam ênfase no elemento-chave da temporalidade para conceber as dinâmicas nas quais esses processos de subjetivação se concretizam. Como no caso do conceito de experiência de De Lauretis, para Butler:

como organizaciones del lenguaje históricamente concretas, los discursos se presentan en plural, coexisten dentro de marcos temporales y establecen coincidencias impredecibles e involuntarias a partir de las cuales se producen **modalidades concretas de posibilidades discursivas** (BUTLER, 2001, p. 82 apud DE SANTO, 2015, p. 99 "grifos meus").

Além disso, para Butler, a ação do sujeito – concebido na tradição humanista como ancorado na vontade – não precede a ação, ela se constrói na e mediante a própria ação. Para ambas as autoras, pensadoras inscritas no feminismo, diferente do esboçado por Foucault, em que o indivíduo é uma abstração sem gênero, os processos de subjetivação são fundados no gênero como elemento central da estruturação do social. É dentro desse paradigma de poder e agência que Butler propõe a sua noção de performatividade da identidade. Na formulação de Zambrini e Iadevito (2009, p. 6), “La autora se vale del concepto de performatividad y señala que no hay esencia detrás de las performances o actuaciones de género, sino que las mismas – en su repetición compulsiva – producen el efecto, la ilusión, de una esencia natural” (ZAMBRINI; IADEVITO, 2009, p. 6). Essa “essência natural”, a coerência interna entre sexo-gênero-desejo, será o requisito para a inteligibilidade social de certas expressões de gênero e não de outras. Como apontam Arán e Peixoto (2007, p. 133): “As regras que governam a identidade inteligível são parcialmente estruturadas a partir de uma matriz que estabelece a um só tempo uma hierarquia entre masculino e feminino e uma heterossexualidade compulsória”.

5.2 A AGÊNCIA DAS ENTREVISTADAS

As críticas radicais sobre as novas condutas de gênero e sexualidade, que se normalizaram pós-segunda guerra mundial, apontaram perspicazmente as transformações e reproduções da desigualdade de gênero no que diz respeito às relações sexo-afetivas vivenciadas pelas mulheres

heterossexuais de classe média. Como vimos, mesmo existindo uma relativa abertura a partir da qual as entrevistadas experimentam e expressam a sua sexualidade, a maioria se viu em situações onde o sexo no primeiro namoro era mais uma obrigação do que algo partindo dos seus próprios desejos. Porém, a potência inicial das argumentações radicais enfrenta obstáculos quando a dominação patriarcal adquire conotações absolutas. Algumas das teóricas chegaram a formular extrapolações nas quais muitas mulheres dificilmente conseguiam enquadrar suas experiências. Esse foi sem dúvida o caso da famosa declaração de Andrea Dworkin: “Violation is a synonym for intercourse” (DWORKIN 1987, apud CAMERON, 2018, p. 21). No marco radical, os desejos das mulheres são interpretados como uma “falsa consciência” diante da sua opressão. Aliás, o ato sexual em si seria intrinsecamente violento devido às condições estruturais de desigualdade nas quais ele tem lugar.

Por outro lado, dentro do paradigma queer, as normas podem ser tanto fonte de reiteração do poder quanto um ponto de resistência. Neste sentido, as conformações simbólicas hierárquicas de gênero podem ser reinvestidas e rearticuladas para servir os interesses das pessoas desigualmente estruturadas nessa ordem. A agência das mulheres dentro do marco da heterossexualidade aparece assim como um complexo processo de negociações, por vezes ambivalentes e contraditórias, através das quais se opera uma contingente redistribuição do poder. Da mesma forma, podemos conceber os seus desejos seguindo as mesmas linhas de ambiguidade e polivalência. Eles constituíram a singular interpretação das mulheres dos regimes discursivos, heterogêneos e muitas vezes antagônicos, a partir dos quais elas dão sentido às suas vivências e dentro dos quais organizam e priorizam as suas necessidades. Tendo isto em mente, retomaremos, mais uma vez, as trajetórias relatadas pelas nossas entrevistadas. Particularmente, exploraremos as diferentes dinâmicas que foram propiciadas para cada uma delas como consequência das suas primeiras vivências de sexualidade.

Para Helena, a experiência do primeiro namoro se configurou na sua subjetividade como um relacionamento traumático. Uma vez solteira, ela se afasta das dinâmicas de namoro e privilegia os relacionamentos sem compromisso e saídas com amigos. Essas dinâmicas significaram, nesse momento, a possibilidade de afirmar as suas vontades em detrimento da vontade de algum companheiro. Se o companheiro reclamava que ‘ela dava mole’ para os homens do seu entorno, injustamente, Helena não só começava “a dar mole” deliberadamente, como também se tornava mais proativa ao se interessar por algum homem, muitas vezes dando o primeiro passo diante dos

possíveis ficantes Ela vivencia assim um período de sexualidade em que o mais importante dos seus relacionamentos é o seu prazer sexual.

Vanessa passou por uma situação similar à de Helena em seu primeiro namoro. Os dois relacionamentos duraram aproximadamente o mesmo tempo, 5 anos para Helena e 6 para Vanessa. Como vimos, durante esse tempo nenhuma das duas tinha prazer no sexo. Porém, para Vanessa isso não significou uma rejeição aberta a se envolver novamente em um relacionamento. De fato, pouco tempo depois, ela começa o seu segundo namoro longo. Contudo, lembremos que a sua trajetória aconteceu no sentido oposto à de Helena, uma vez que, no início das suas experiências, os homens com os quais se envolvia não pareciam nunca ter um interesse pessoal nela (Vanessa), o que começa a representar um peso para ela. De fato, seus dois relacionamentos são potencializados pela sua valorização em relação à demonstração de interesse por parte deles.

Assim, as aproximações casuais de caráter sexual adquirem significações particulares para cada uma delas dependendo das suas trajetórias. Para Helena, estas dinâmicas formaram parte de um período de autoafirmação. Para Vanessa, definiram uma prioridade por relacionamentos onde ela se sentisse valorizada para além do aspecto sexual. Letícia também priorizou namoros depois da má experiência de sua primeira relação sexual. Cabe mencionar que as circunstâncias nas quais ela iniciou a vida sexual foram qualificadas como problemáticas muito tempo depois de terem acontecido. Ela continuou o namoro e seguiu vivenciando relacionamentos de tipo namoro/casamento ininterruptamente até agora. Diante disso, ela foi definindo gradualmente o que era importante para ela. Ela nunca “vivenciou sexo totalmente casual”, porém, ela acha que “sexualmente falando as mulheres começam a sua vida sexual como mulher objeto. Estar ali no ato para se vista, para fazer determinadas posições. Além de estar pensando no prazer do outro, você tem que estar bonita”.

Para Letícia, foi na universidade e com o contato com colegas mulheres que questionavam os marcos hegemônicos da feminilidade, que ela terminou reformulando alguns aspectos das dinâmicas de seus relacionamentos. O seu primeiro namoro terminou por essa razão. A partir do contato com essas novas pessoas na sua vida, ela percebeu que o namorado constantemente tentava controlar a sua feminilidade. No que diz respeito às expressões da feminilidade, ela acha que ninguém nunca impôs nada a ela, mas “você vê novela, por exemplo, a mulher com cabelo comprido, salto alto e decote que gera olhares e atenção dos homens. [...] Aí você não questiona, você vai indo”. Estando num relacionamento, eram essas vestimentas chamativas que o namorado

questionava recorrentemente. Assim, ela foi entendendo que essas novas feminilidades supunham liberdade e percebeu, então, que não gostaria de se subjugar a ninguém. Os seus relacionamentos com homens mudaram porque ela foi aceitando ou não aceitando determinados tipos de comportamentos. A importância de seu prazer sexual se desenvolveu nessas circunstâncias. A liberdade que essas feminilidades traziam para ela tinha a ver com a sua afirmação no mundo mais do que com uma liberdade sexual, algo bem presente atualmente na sua vida.

Para Mariana, foi a sua experiência com a gravidez e a maternidade que a impeliram a reformular a sua relação com o corpo e com a sua sexualidade. Como vimos, o seu primeiro orgasmo aconteceu numa situação de sexo casual. Essa foi uma situação de desconforto para ela e, mesmo que depois ela tenha conseguido ficar “mais livrinha” em relação ao sexo fora de relacionamentos, aquilo não passou a ser uma prioridade. De fato, ela se casou com um homem com o qual o sexo era “normal”, “nunca foi muito bom”, mas ela é consciente que nunca priorizou isso na sua vida. As suas significações de o que é ser mulher se modificaram no contexto da considerável falta de libido que ela experimentou depois do parto. No seu casamento, ela se sentia constantemente frustrada quando se recusava a fazer sexo com o marido. O maior problema era que cada vez que ela recusava transar com seu parceiro ela se sentia menos mulher, e ele se sentia menos homem. Quando ela decide se separar, ela tem a possibilidade de tomar conta de si mesma para além das obrigações de mãe e esposa. Assim, ela agora tem uma semana para ser “mulher”, o que inclui paqueras, forrós, saídas com amigos e uma busca por descobrir o que ela gosta.

Hoje em dia ela consegue transar sem estar amando a pessoa, não é mais um problema para ela. Mesmo assim, por vários motivos, Mariana é muito seletiva em relação a com quem ela quer fazer sexo. Nesse momento, ela está à procura de um sexo que seja bom para ela. Antes era sempre mais performado do jeito que ela achava que os homens gostavam. Segundo ela, “nunca teve nenhum namorado que reclamasse da minha performance, todos eles pareciam gostar, eles ficavam bem satisfeitos”. Nessa procura de conhecer-se a si mesma, ela fez um curso de terapia menstrual. Em uma dinâmica do curso, ela se deu conta que não conhecia nada sobre a sua vagina: “quem conhece são os homens que transam comigo, eu não conheço”. Ela começou, então, a pensar na importância de se apropriar do seu corpo e de seu prazer. Assim, a norma que define que, para ser mulher dentro do casamento, é necessário transar com o parceiro a fez terminar o seu casamento. Essa obrigação se transformou para ela numa possibilidade de reinventar a sua concepção de

mulher, entendida como um movimento de autodescoberta. Da mesma forma, a maternidade propiciou uma procura dos próprios interesses, o que não havia se manifestado antes.

As paqueras sem compromisso representaram para Sandra um meio para recobrar a sua autoestima depois de ter ficado com a sensação de não ser suficiente para o ex-namorado. Como vimos, depois de ter tido uma boa primeira experiência sexual, ela gostava dessas dinâmicas e ficou se relacionando assim até conhecer o seu segundo namorado. Esse namoro, na verdade, foi como um casual-fixo. Durante esse relacionamento e o período subsequente de solteirice, Sandra se preocupava por não se colocar como a pessoa que insiste em querer algo a mais do que os seus parceiros, mesmo se ela tivesse interesse em um relacionamento mais comprometido. Da mesma forma, com o seu grande amor, ela não conseguia definir e impor suas necessidades de um relacionamento fechado. Contudo, depois de um tempo, foi ela quem decidiu que não estava mais interessada em manter o relacionamento, mesmo nos momentos em que ele manifestava a vontade de que eles retomassem o namoro. Hoje em dia, ela acha que consegue identificar o porquê das suas necessidades de monogamia e decide expor abertamente que ela não dá conta.

Ao longo da sua trajetória sexo-afetiva, para Juliana, o sexo sempre foi uma atividade que gerava uma proximidade pessoal/emocional. Só recentemente, estando casada, foi que ela começou a pensar que a sua sexualidade está para além do sexo com o companheiro. Agora ela faz um esforço por não deixar que a sua sexualidade fique de lado, entendendo-a como uma prática de autocuidado. Esses são só alguns exemplos de como a forma de se perceber e de se relacionar com homens vai se modificando a partir das suas experiências e das significações que elas lhes atribuem. Contudo, não se trata de simples decisões que se implementam nas suas vidas em uma trajetória linear e definitiva, muito menos cumulativa. Da mesma forma que as normas de gênero, os processos de significação das suas vivências – como processos semióticos mediando o sujeito e o mundo social – são processos abertos, sempre suscetíveis de ressignificações ou de contra sentidos.

Assim, no caso de Helena, por exemplo, embora ela desfrute de uma sexualidade aparentemente resolvida, isso não evitou que ela tivesse dificuldade em expressar sua insatisfação em inúmeras ocasiões quando o sexo não estava sendo mais prazeroso para ela. Ela acha que isso tem a ver com rótulos que foram colocados nela desde a infância, sobre as meninas serem boazinhas, comportadas e não reagirem. E, de fato, ela trabalha muito essa associação em terapia.

Por outro lado, as ideias do pai sobre a obrigatoriedade do matrimônio para as relações sexuais não produziram um efeito mais marcante para ela. No que concerne aos relatos feitos em

entrevista, ela não expressou alguma sensação ou opinião em particular diante das ideias do pai. Além disso, foi depois de ter tido, nas suas palavras, o melhor sexo da sua vida, numa situação de “sexo pelo sexo” que o sexo casual foi ressignificado na sua vida. Ela achou que se não fosse com esse homem não valia mais a pena se envolver nesse tipo de dinâmica sexual. Mais que o sexo pelo sexo, seguindo a lógica de uma dinâmica de objetivação, o que foi prejudicial no caso de Helena, foi uma situação em que os verdadeiros interesses de ambos os parceiros não foram honestamente expostos desde o início. Tal situação afetou consideravelmente a sua autoestima e saúde mental por alguns anos. E foi justamente nessa dinâmica de objetivação que, a partir de seu prazer sexual, ela modificou a própria percepção do sexo casual.

A relação que Vanessa tem com a questão da performance da sexualidade se expressa através de ações em um constante trânsito de sentidos ambíguos. A esse respeito, considero revelador comparar as relações que Helena e Vanessa têm com as produções pornográficas. Acredito que os distintos posicionamentos das duas evidenciam as ambivalências a partir das quais a agência dos sujeitos mulheres se configuram em relação à multiplicidade narrativa sobre gênero e sexualidade. Por um lado, Vanessa acha a pornografia *mainstream* altamente machista e degradante para a mulher. Por outro, ela também tem um sentimento de culpa por não ser essa mulher que não vê problema nisso e que assiste pornografia com o namorado. A sua recusa de assistir pornografia é também motivada por não querer se comparar com as mulheres da maneira como são representadas nos filmes pornográficos. Porém, em alguns momentos, Vanessa percebe que já imitou gestos por ela associados ao imaginário pornográfico no seus encontros sexo-afetivos.

Já Helena, por sua vez, sempre gostou dos filmes pornográficos *mainstream* – de fato, ela acha que, assim como acontece com homens, ela procurava cenas de sexo cada vez mais afastadas do “sexo normal”. Entre outros fatores, por ter recebido informações sobre as situações de exploração que existem na indústria pornográfica, Helena parou de assistir esse tipo de conteúdo. Ela procurou, então, produções feitas a partir de um posicionamento feminista, voltado teoricamente para o prazer feminino, opção essa que não foi estimulante para ela. Segundo Helena, essas representações eram muito “limpinhas”, faltava a “sujeira” que ela gosta dos filmes pornográficos padrão.

Por outro lado, quando Vanessa foi questionada se gostava de sexo anal em um aplicativo de paqueras, ela achou péssimo e “altamente grosseiro”. Vanessa desinstalou o aplicativo e nunca mais voltou a utilizá-lo. Helena, por sua vez, tem como prática frequente o sexo anal, sempre e

quando os homens com os quais transa gostem, porque, segundo a sua experiência, nem todo homem gosta. Se Vanessa conseguiu no seu segundo namoro, momento em que tinha uma relação de muita intimidade, deixar de pensar na sua performance sexual, atualmente ela privilegia encontros sexuais nos quais o componente da intimidade está ausente e ela não consegue deixar de performar uma certa sexualidade associada indiretamente ao imaginário pornográfico.

Em contrapartida, o que resultava prejudicial no último namoro de Vanessa era um excessivo interesse afetivo por parte do namorado. Isso aconteceu também com Helena no seu último relacionamento, motivo pelo qual ambas decidiram terminar com os parceiros. Assim, não foi tanto o fato de ser o objeto sexual dentro da relação, mas sim ser o objeto de afeto, numa dinâmica descrita por elas como “carência”, que se tornou problemático e que afetava o seu bem-estar, e diante do qual sua agência se configurou nessas circunstâncias particulares. A partir desse movimento, Vanessa se envolve atualmente em dinâmicas nas quais negocia constantemente sua relação com certas representações de sexualidade, por vezes rejeitando-as, por vezes tentando alcançá-las. Para Helena, o término do namoro significou, entre outras coisas, a possibilidade de retomar práticas que são fonte importante do seu prazer, as quais tinha deixado de lado porque o namorado não se interessava por elas.

Como escreve De Santo, reformulando a teoria de Butler:

Al no existir un sujeto previo al complejo lingüístico determinado que lo constituye, entonces la agencia compone un movimiento discursivo que tiene sus propias leyes a-lógicas de (re)semantización. El agente, dentro de tal interpretación, cobra el estatus de efecto del discurso que en rigor [...] deviene una formación de poder, cuyo poder agencial es el propio movimiento discursivo. (DE SANTO, 2015, p. 108)

Assim, se a maternidade, a objetificação sexual, o matrimônio, os relacionamentos abertos e o prazer estão certamente codificados dentro de uma matriz desigual entre o feminino e o masculino, os sujeitos feminizados não são os simples repositórios passivos dessa configuração simbólica. Eles são agentes ativos capazes de disputar constantemente as iniquidades de poder a partir de diversas e complexas negociações com os discursos que lhes conferem reiteradamente uma posição desvantajosa. Da mesma forma, elementos que, em algum momento histórico, se configuraram como transgressores entram nas mesmas dinâmicas de rearticulação e re-semantização com o poder, sendo assim estabilizadas. Esse sem dúvida foi o caso do amor romântico no Ocidente. Da mesma forma, se masturbação e prazer sexual feminino foram práticas abertamente transgressoras diante de uma organização cultural que negava a existência da libido

feminina, hoje em dia, diante da sua normalização, elas podem igualmente ter significações ambíguas. Assim, nos relatos das entrevistadas é possível inferir uma relação de conotações paradoxais, referentes a masturbação e ao prazer, que apontam para outros sentidos além dos da autodeterminação.

Para Mariana, a descoberta das consequências prejudiciais de não conhecer o seu corpo, em um contexto de violência obstétrica, se traduziram numa pressão por aprender a se masturbar, mesmo quando ela não sente particularmente um desejo que a estimule para isso. Nas vezes em que tenta se explorar, ela fica sem paciência e se cobra por não fazer corretamente e por não ter a técnica adequada. Com vibradores, às vezes ela consegue gozar, mas nem sempre, o que também não modifica substantivamente a sua relação com a masturbação. Juliana também relata ter passado por períodos na sua vida que ela descreve como assexuais. Contudo, independentemente das relações interpessoais, ela sempre manteve em certa medida a prática da masturbação. Só recentemente que ela passou a conceitualizá-la como parte de um cuidado consigo mesma. Assim, a prática da masturbação se torna, no seu caso, uma questão de saúde a priorizar, de uma certa disciplina consigo mesma, abstraída de outros fatores que podem inferir na sua libido. Logo, para ambas, a prática da masturbação parece cobrar sentido numa lógica de obrigatoriedade.

Na sua trajetória, Leticia também entendeu a sua libido como um componente essencial na sua vida, tendo consequências além da satisfação no ato sexual. Ela veio a compreender que não dá para “fingir que tudo está bem” se esse componente estiver faltando na sua vida. Contudo, a presença ou ausência de libido é indissociável, na sua subjetividade, de um relacionamento sexo-afetivo monogâmico com um homem. Para ela, em um casamento, em uma relação homem-mulher, o aspecto sexual é determinante. Ela priorizou o seu desejo sexual por cima de qualquer sentimento de obrigação quando decidiu terminar um relacionamento de muito amor e harmonia no qual ela não tinha uma vida sexual satisfatória que fazia tempo estava procurando.

Assim, através de suas narrativas é possível discernir como as experiências de nossas entrevistadas se tecem ao redor da polivalência dos discursos que conformam as modalidades socioculturais dos regimes de sexualidade e gênero contemporâneos. Os seus trânsitos operam efetivamente rearticulações singulares em prol de uma redistribuição de poder nas relações de gênero. Contudo, os seus desejos e afetos são uma e outra vez re-semantizados dentro da matriz cultural da heterossexualidade. Suas relações com homens se caracterizam por processos de maior ou menor autonomia, maior ou menor margem de manobra, mas as rearticulações do poder nas

quais estão inseridas não transbordam em nenhum momento a injunção heterossexual. De fato, nas ocasiões em que algumas das entrevistadas participaram de aproximações sexo-afetivas com pessoas do seu mesmo sexo-gênero, tais experiências se configuraram como um hiato de consolidação da sua identidade heterossexual.

Em algum momento, Helena pensou que poderia ser bissexual, mas a sua identidade heterossexual se reafirmou na sua subjetividade diante do fato de nunca ter experimentado sentimentos românticos por pessoas de seu mesmo sexo-gênero. Quando Juliana participou de um *ménage à trois*, se deu conta de que, embora ela tenha gostado da experiência, não sentia realmente desejo pela mulher envolvida. Desde sua adolescência, Sandra beijava suas amigas em interações lúdicas. De fato, seu primeiro beijo foi com uma pessoa do mesmo sexo-gênero, o que na sua subjetividade não representou um beijo “de verdade”. Estando em um relacionamento, ela participou também de uma experiência sexual incluindo uma mulher. A mulher em questão ficou interessada em continuar tendo encontros sexuais com Sandra. Porém, Sandra não se interessava em transar com ela se não fosse com o namorado. Em outras ocasiões, ela manteve relacionamentos sexo-afetivos com pessoas do mesmo gênero-sexo, de curta duração, que “nunca foram mais adiante”.

Como vimos, ela tem refletido sobre essas dinâmicas com as amigas, concluindo que, nas paqueras com mulheres, Sandra e as suas amigas se comportam como “machos”. Elas gostam da sedução inicial, mas sem ter um interesse em desenvolver “algo a mais”.

Depois da sua separação, Mariana ficou na expectativa de um possível envolvimento sexo-afetivo com uma pessoa do seu mesmo sexo-gênero. De forma similar às experiências de Sandra, aquilo não foi adiante. Logo depois ela retomou um relacionamento com um ex-namorado. No caso de Sandra, Mariana e Helena é predominantemente a ausência de sentimentos românticos que excluem a possibilidade de se envolver e, sobretudo, manter relacionamentos com pessoas do mesmo sexo-gênero. No caso de Juliana, essa dificuldade se dá primeiramente como uma questão de desejo sexual. Porém, lembremos que na sua trajetória, o sexo sempre foi uma atividade de aproximação pessoal e construção de afetos. De fato, ela recusou seguir se envolvendo sexualmente com o homem do *menage à trois* porque ela estava começando a desenvolver interesses além do interesse sexual.

Butler define este momento de reafirmação da identidade heterossexual como um mecanismo explícito de não inteligibilidade dos afetos-desejos que se encontram por fora da matriz

da heterossexualidade obrigatória. Assim, “si este amor está excluído desde el principio, entonces no puede ocurrir, y si no ocurre, de seguro no ocurrió. Si ocurre, es solo bajo el signo oficial de prohibición y negación” (BUTLER, 2001, p 154 apud KUMORO; MOSZCZYŃSKA, 2009, p. 317). Butler se refere à questão da oclusão necessária da homossexualidade como condição ontológica para a consolidação da identidade heterossexual.

Elsewhere i have suggested that the foreclosure of homosexuality appears to be foundational to certain heterosexual version of the subject. The formula ‘i have never loved’ someone of similar gender and ‘i have never lost’ any such person predicates the ‘I’ on the ‘never-never’. [...] The foreclosure might be usefully relinked with the Foucauldian notion of a regulatory ideal, an ideal according to which certain forms of love become possible and others, impossible. (BUTLER, 1997. p 23)

O que podemos confirmar a partir das experiências das entrevistadas é que a transgressão da fronteira da heterossexualidade se constitui efetivamente como o próprio mecanismo que consolida a fronteira como tal (FUSS, 1999 apud KUMORO; MOSZCZYŃSKA, 2009). Isso porque, no marco da heterossexualidade obrigatória, mais do que a expressão de desejos inatos em relação a um corpo com características anatômicas específicas, a heterossexualização do desejo requer a atração-afeto exclusiva por pessoas com marcadores sociais ou femininos ou masculinos dependendo da própria categoria. Da mesma forma, a heterossexualidade compulsória aponta não tanto para atos sexuais envolvendo pessoas com genitais diferenciados, mas sim para um modelo de relação dos gêneros no quais o ato sexual é realizado.

Quase todas as entrevistadas afirmam não precisarem estar sentimentalmente envolvidas para ter relações sexuais, como, aliás, foi o caso para as mulheres de classe média do Rio de Janeiro nos anos 80 (DAUSTER, 1984). Porém, para a maioria, as articulações entre sentimentos românticos e desejo sexual corroboram as prerrogativas do seu gênero. Todavia, a questão se desenvolve em várias direções para cada uma delas. Para Juliana, o sexo com homens por ela desejados é recorrentemente um meio de aproximação pessoal e construção de intimidade. Para Sandra, o período de mais satisfação sexual foi num relacionamento de muita paixão. Mariana teve sua melhor experiência sexual sem sentimentos de paixão, contudo, foi uma única experiência desse tipo (aliás, ela sempre priorizou os namoros na sua vida).

O desejo sexual de Helena é talvez um dos mais dissociados do amor romântico. Porém, em um período em que não queria namorar, ela se apaixonou instantaneamente por um homem e priorizou o relacionamento. Também para Vanessa, o seu desejo sexual não tem muito a ver com

sentimentos de paixão, porém o seu desejo quase nunca significa prazer sexual. A exceção é Leticia, que afirmou precisar ter um mínimo de envolvimento emocional para fazer sexo. Todavia, ela terminou seu casamento devido à experiência de relacionamento em que tinha muita química sexual. De fato, nas suas palavras, esse foi o melhor sexo da sua vida. Contudo, o que faz com que tenha sido o melhor sexo da sua vida tem a ver com o fato de ele ser menos delicado que outros namorados, de tomar a iniciativa e dirigir o ato, ao mesmo tempo que ela experimenta uma sensação de fragilidade.

Por outro lado, é relevante sublinhar que o caráter social da heterossexualidade é facilmente desacreditado com particular efetividade devido à inquestionável naturalidade na qual se legitima como norma. Porém, a sua construção aparece nitidamente diante da constatação de que as pessoas heterossexuais não sentem atrações sexo-afetivas pela totalidade das pessoas da categoria de gênero oposta. Mulheres heterossexuais, não sentem desejos-afetos por qualquer homem. Marcadores de classe, raça e outros são componentes essenciais à conformação de certos desejos. Segundo Butler:

Indeed, in its efforts to naturalize itself as the original, heterossexuality must be understood as a compulsive and compulsory repetition that can only produce the effect of its own originality; in other words, compulsory heterossexual identities, those ontologically consolidated phantasm of 'man' and 'woman' are theatrically produced effects that posture as grounds, origins, the normative measure of the real. (BUTLER, 1993, p. 313)

Assim, por exemplo, se Mariana sentiu a necessidade de descoberta do seu corpo e prazer, a sua masturbação foi posteriormente reinscrita na matriz da heterossexualidade obrigatória no momento em que está se constituiu como um meio para não experimentar mais sexo ruim com parceiros homens. Aliás, se as dinâmicas de gênero e sexualidade fazem as entrevistadas reformularem suas necessidades e modificarem suas relações com os homens do seu convívio, a reiteração da norma heterossexual é recorrentemente mantida.

Ao longo da sua trajetória, as entrevistadas alternam períodos de solteirice, nos quais paqueram e tem encontros sexuais com homens, mais ou menos casuais, e momentos de relacionamentos monogâmicos duradouros, onde o sexo é parte importante. Quando esses relacionamentos terminam, aparentemente o mesmo ciclo se repete indefinidamente.

Como foi evidenciado, nem todas as entrevistadas viveram essa reiteração de maneira idêntica. Juliana, por exemplo, foi a que mais passou por períodos de solteirice, tendo relacionamentos sexo-afetivos com homens esporadicamente. Letícia nunca passou por momentos como esse. Mas, para além das particularidades das experiências de cada uma, a possibilidade de

iniciar um relacionamento sexo-afetivo heterossexual duradouro em qualquer momento parece estar sempre latente. Nisso consiste o caráter compulsório da obrigatoriedade heterossexual, na sua imanente e repetitiva reatualização.

Assim, a questão do casamento se delineia para elas dentro dessa mesma movimentação reiterativa. A partir das experiências de matrimônios difíceis da mãe e das tias, Helena via com desconfiança a ideia de casamento. Contudo, ela se casou com o seu último namorado. Como vimos, Helena não tomou deliberadamente a decisão de morar com o namorado, mas eles passavam cada vez mais tempo na casa dela, compartilhando o cotidiano, até que ele finalmente se mudou para viver com ela. Esse foi um casamento complicado e Helena se viu numa situação que sempre quis evitar. Refletindo sobre a sua experiência, Helena acha que apesar das coisas más do seu casamento: “o que era bom era bom”.

Em geral, ela gostou de estar casada e gostaria de casar-se de novo com alguém com quem desenvolvesse um relacionamento leve. Recentemente separada, Helena decidiu que, a partir desse momento, é um objetivo de vida ter um filho ou uma filha: “agora eu quero encontrar alguém que queira ter um filho comigo”. Helena acha que poderia acontecer de ser mãe solteira, mas não é isso que ela quer. Ela gostaria de construir uma família com alguém: “gostaria de encontrar alguém que quisesse ter um filho comigo e se esforçasse por dividir essa responsabilidade”, diferentemente do que acontecia no seu casamento, em que era ela quem cuidava da filha dele.

O primeiro casamento de Sandra foi também um casamento complicado. No início, um casamento de muita paixão e amor recíproco. Mas essa mesma intensidade era vivenciada quando o casal tinha problemas. O relacionamento acabou no momento em que os conflitos se tornaram insustentáveis. Hoje em dia, ela tem um casamento confortável, baseado na partilha do dia a dia. Ela vê o parceiro como sua família. É um projeto de compartilhar a vida e fazer planos futuros como casal. Comprar casa e ter família. Porém, sexualmente falando, ela as vezes acha um tanto problemático a rotina, tanto no sexo como no cuidado da casa. Ela acha que existe realmente um desgaste mental para a mulher, que automaticamente vira a pessoa que tem que dar conta da organização do ambiente doméstico. Assim, a questão da rotina tem uma influência na sua libido.

Para Mariana, a questão da divisão de tarefas domésticas também foi motivo de muito conflito no seu casamento. Ela também acha que isso influenciava indiretamente a sua falta de libido. Quando se separou, ficou muito feliz de morar sozinha com o filho. Ela pensou que não gostaria nunca mais de morar com alguém. Porém, recentemente Mariana retomou um

relacionamento com um ex-namorado, e eles já estão fantasiando morar juntos. Atualmente, Juliana gosta do seu casamento. Como para Helena, Mariana e Sandra, ela gosta de compartilhar o cotidiano com o parceiro. Para ela, compartilhar o cotidiano traz uma estabilidade e uma possibilidade de aprofundamento no relacionamento. Contudo, ela também acha desgastante o processo de cuidar da casa juntos. Ela acredita que talvez seria interessante repensar algumas coisas do formato tradicional. Nesse sentido, a ideia de casais que moram em casas separadas lhe parece interessante. Todavia, é necessário recursos econômicos para um arranjo assim. Se o casal pensar em ter filhos, morar em casas separadas seria mais complicado. No seu caso, a ideia de maternidade, no momento atual, é inviável. Seu parceiro tem uma dinâmica profissional muito exigente e Juliana não enxerga como o cuidado de alguma criança seria possível nessas circunstâncias.

Para Letícia o cotidiano era muito importante também no seu primeiro casamento. Com o seu ex-companheiro ela tinha um cuidado e uma cumplicidade que ela considera “de família”. Porém, Letícia não tinha mais uma vida sexual satisfatória nesse casamento. No casamento atual, ela tem uma química muito grande no sexo, mas eles fazem muito esforço na convivência do dia a dia devido às diferenças entre os dois. Embora, eles tenham um filho, essa falta de compatibilidade no cotidiano por vezes impede que Letícia se sinta em casa com a sua nova família.

Assim, através da generalização das suas experiências, podemos reconhecer que, para as entrevistadas, as relações sexo-afetivas heterossexuais, duradoras e monogâmicas, são o lugar do compartilhamento do cotidiano, de sentimentos românticos e de intimidade, de sentimentos de família e casa, ideais para a reprodução biológica. Mas é também o lugar de relações desiguais, cujo principal exemplo, que aparece em quase todos os relatos – com exceção de Letícia e Vanessa –, diz respeito à divisão de tarefas domésticas. Outro aspecto recorrente é um diferencial importante da libido entre elas e os parceiros.

Assim, essas expectativas são atualizadas outra vez nas suas vidas em um processo que começa num interesse em marcadores sociais, diferenciados e mutuamente exclusivos, entre o feminino e o masculino. Uma performatividade de gênero, definindo duas categorias de pessoa, que performam uma heterossexualidade compulsória, como é manifestado nas suas interações de paquera. O espaço público, particularmente bares e festas, atuam como cenários onde simples olhares entre elas e os homens institui o começo de suas vivências sexo-afetivas. Se, para o caso de relacionamentos heterossexuais casuais, o desejo sexual é suficiente, sempre existe, como foi

apontado, a potencialidade de que esse relacionamento se torne o lugar de todos os demais sentimentos.

Os diversos grados de conformidades entre gênero e desejo sexual das suas experiências expressam sua inteligibilidade como mulheres. A esse respeito De Lauretis sinala:

[s]i las representaciones de género son posiciones sociales que conllevan diferentes significados, entonces, para alguien ser representado y representarse como varón o mujer implica asumir la totalidad de los efectos de esos significados” (DE LAURETIS 1996, p. 11 apud SANTARELLI, 2016, p. 5).

A totalidade desses efeitos para as mulheres heterossexuais, brancas, de classe média que participaram da pesquisa, se traduz em experiencias de sexualidade e de relacionamentos de gênero tensionadas permanentemente por discursos paradoxais. As mulheres entrevistadas são socializadas em meio a representações onnipresentes do corpo sexual feminino. Estas coexistem com incisivos constróis sociais regulando uma sexualidade respeitável, definida segundo os parâmetros de da ordem cultural tradicional brasileira. Numa certa medida, as promessas da liberação sexual da mulher as constituem enquanto seres sexuais. Porém, suas experiencias concretas estão atravessadas recorrentemente por uma insatisfação sexual nos seus relacionamentos heterossexuais.

Cabe mencionar que as mulheres entrevistadas estão cientes das vicissitudes que os relacionamentos heterossexuais colocam e elas experienciam constantemente conflitos entre as suas necessidades e os seus desejos. “Eu sei que é muito difícil”, afirma para mim Helena, logo depois de me confiar o seu desejo de encontrar um homem para construir uma família e que se esforce para dividir essa responsabilidade.

A respeito da injunção heterossexual, Butler escreve: “Precisely because it bound to fail, and yet endeeavors to succeed, the project of heterosexual identity is propelled into and endless repetition of itself” (BUTLER, 1993, p. 313). Assim, como é possível observar a partir dos seus relatos, a sua identidade heterossexual depende da sua inteligibilidade enquanto mulher e a interdependência que esta mantém com a sua subjetividade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi uma tentativa de exploração das configurações de sexo-gênero-sexualidade normativas e como elas conformam subjetividades concretas, atualizadas constantemente através das relações sociais das mulheres que aceitaram participar. A partir de suas narrativas é possível reconsiderar que, hoje em dia, para esse tipo de camadas médias, branca brasileira, é normal as mulheres: alternarem períodos de sexo heterossexual por fora de relacionamentos e sexo heterossexual em relações monogâmicas baseadas exclusivamente no amor e no prazer; que as mulheres casem-se por amor; que tenham relações sexuais baseadas no prazer (e não na reprodução) dentro do matrimônio; que a reprodução seja uma possibilidade dependendo de fatores como equidade em tarefas domésticas e estabilidade econômica; que a insatisfação sexual seja motivo de separação, é que essas características sejam procuradas constantemente em novos relacionamentos.

Porém, mais do que uma ‘normalidade’, essas vinculações sócio-históricas particulares de amor-desejo sexual, assim como o modelo de relacionamentos entre os gêneros no qual se assentam, conformam as sólidas fronteiras da norma. Da mesma forma que as categorias de masculino e feminino, elas se constituem por um ato de diferenciação e exclusão de tudo aquilo que está por fora desse padrão, que se torna, no mesmo ato, desvio. Ao construir-se através da reiterada aprovação e legitimação social, edificam ao mesmo tempo o seu avesso, alvos de estigmatização e reprovação social, ou ao menos de um contínuo esforço de correção e intervenção por parte dos mais diversos atores, inclusive delas mesmas.

Assim, foi possível explorar as maneiras intrincadas pelas quais as distintas reivindicações do movimento feminista são vivenciadas pelas mulheres. As disputas narrativas feministas foram decisivas para a reconfiguração da feminilidade normativa atual da hegemonia cultural ocidental em uma sociedade como a brasileira. Como aponta Teresa de Lauretis, a construção de gênero está também afetada pela sua desconstrução. Segundo a autora:

La construcción del género continúa hoy tan diligentemente como en épocas anteriores, por ejemplo, como en la era victoriana. Y continúa no sólo donde podría suponerse -en los medios, en la escuela estatal o privada, en los campos de deportes, en la familia, nuclear o extendida o de progenitura única, para resumir, en lo que Louis Althusser ha llamado los aparatos ideológicos del Estado. La construcción del género continúa también, aunque menos obviamente, en la academia, en la comunidad intelectual, en las prácticas artísticas de vanguardia y en las teorías radicales y hasta y por cierto especialmente, en el feminismo (DE LAURETIS, 1996, p. 9)

Pelas suas bases onto-epistemológicas, as narrativas feministas se interligam de maneiras variadas com as transformações da noção de indivíduo nas sociedades de consumo. Se as práticas culturais da feminilidade foram desconstruídas pelos questionamentos feministas, o componente heterossexual da norma continua solidamente ancorado na ordem do Natural, que o legitima enquanto norma/normalidade. Todavia, a norma heterossexual é indissociável de suas ordens sociais de classe e de raça próprias da modernidade.

Se as experiências das entrevistadas se alinham com uma codificação estrita do desejo sob a dicotomia entre desejo heterossexual/desejo homossexual, a pesquisa de Nádia Elisa Meinerz (2005), sobre a constituição da parceria homoerótica feminina em segmentos médios na cidade de Porto Alegre, sugere que as mulheres entrevistadas por ela, de acordo com a suas prerrogativas de classe, privilegiam uma feminilidade e conjugalidade próxima das mulheres heterossexuais, embora elas se relacionem sexo-afetivamente com pessoas do mesmo sexo-gênero (MEINERZ, 2005). Se elas conseguem manter os privilégios de classe pela reiteração dos significados social e historicamente atribuídos às mulheres, a sua aceitação na família passa também pela invisibilização das suas parceiras (MEINERZ, 2005). Para estas mulheres, as expectativas da norma heterossexual se revelam indissociáveis do seu componente de classe, sendo que as expressões da feminilidade se deram dentro dos parâmetros dos valores das classes dominantes, e por sua vez, a feminilidade delimitada era indissociavelmente imputada a uma heterossexualidade natural.

Em contraste com as experiências das mulheres que participaram de nossa pesquisa, a expressividade da parceria homoafetiva dessas mulheres é caracterizada por uma delas como uma agressão à família. Várias das suas entrevistadas preferem fingir uma amizade com suas parceiras para não ofender os membros da parentela. Em oposição, no caso de nossa pesquisa, para Sandra, a conformidade de feminilidade e de orientação sexual da norma se traduz para ela numa mudança de opinião com respeito ao matrimônio. Se, quando nova, ela afirmava que não queria se casar, agora morando com o seu parceiro, a ideia de celebração da união afetiva entre eles é ressignificada diante da ilusão de fazer um evento social onde os seres queridos de ambos possam se reunir e celebrar a decisão do casal de “caminhareem juntos”. A ausência ou presença de legitimação familiar das relações sexo-afetivas aponta claramente para mecanismos importantes de manutenção da norma e a sua reprodução como organização social de base em nossas sociedades. Como aponta Pereira, “[e]sse conjunto de relações e sujeitos que de certa forma "orbita" em torno do casal é,

muitas vezes, determinante para o andamento dos relacionamentos, ou ainda um fator para que ele chegue ao fim ou mesmo para que nem chegue a se estabelecer” (PEREIRA, 2020, p.128).

De fato, Sandra vivenciou uma situação que deixou claro que, caso ela comesse um relacionamento sexo-afetivo com uma pessoa do mesmo sexo-gênero, isso seria um problema para a família. Em alguma ocasião, Sandra postou nas suas redes sociais a foto de um grafite com a mensagem “mãe, sou lésbica”. Seus pais a ligaram consternados. A conversa girou em torno de “falas preconceituosas” diante da possibilidade da filha se identificar como lésbica. Sandra conseguiu tranquilizá-los afirmando a sua identidade heterossexual. Em outra ocasião, quando Sandra afirmou para sua mãe já ter beijado mulheres na sua vida, a reação foi “cara de desaprovação e nojo”. Lembremos que os pais de Sandra tiveram durante a sua adolescência muita abertura em relação à sexualidade da filha. O que o relato deixa explícito é que essa sexualidade, dentro da constelação familiar, era entendida como inerentemente (e exclusivamente) heterossexual.

Por outro lado, um elemento central para a delimitação do que Almeida (1988) chamou de camadas médias foi a crença e valorização do estudo no seio familiar como meio de manutenção de status social e/ou meio de mobilidade social. Pesquisando sobre a incorporação de valores “de igualdade e individualismo” em casais dessas camadas na cidade de Recife nos anos 80, Almeida percebeu que na socialização das mulheres emergia uma contradição: enquanto a família incentivava o estudo das filhas, isso não significava necessariamente a sua inserção no mercado do trabalho. De fato, os valores de dona de casa e maternidade eram priorizados enquanto projeto de vida para elas.

Ao mesmo tempo:

A socialização é um de estes exemplos onde os homens são encorajados a tomar para a rua e as mulheres ao contrário são vigiadas e controladas. O momento de casamento é retardado através do controle sobre a vida afetivo-sexual das mulheres, já que o mesmo é visto como impedimento para a conclusão do curso universitário. (DE ALMEIDA, 1988 p. 144)

Comparando os achados de Almeida com as vivências de nossas entrevistadas emerge de novo o recurso sistemático de métodos anticoncepcionais desde as primeiras relações sexuais. Em algumas das narrativas é possível acompanhar como as mães vivenciaram seus relacionamentos sexo-afetivos na juventude opondo-se às expectativas familiares do modelo tradicional brasileiro de gênero. Para as entrevistadas, as mães são figuras importantes que vão atuar como garantidoras

da consolidação da modalidade atual de relacionamentos sexo-afetivos heterossexuais. Porém, a sistematicidade por parte das mães para que suas filhas utilizem anticoncepcionais se alinha também com um mecanismo de manutenção de classe e mobilidade social. Está implícito que as mulheres tenham uma vida sexual ativa antes do matrimônio, porém mais que uma questão de prazer, o primordial é que elas não engravidem.

Por outro lado, para as mulheres entrevistadas por Almeida, existe um conflito entre a maternidade e a opção por se desenvolver profissionalmente. Assim como as mulheres entrevistadas por Almeida, todas as famílias das mulheres aqui apresentadas valorizam e incentivam o estudo. Existe também para nossas entrevistadas um conflito em relação à dupla jornada de ser profissional e mãe. Porém, se para as mulheres da pesquisa de Almeida isso se traduz em uma hesitação em trabalhar ou não trabalhar, ou em dar prioridade à função de mãe por cima de projetos profissionais pessoais, para nossas entrevistadas esse conflito se traduz na hesitação de ser ou não ser mãe. Para quase todas as entrevistadas, a vida profissional é um aspecto fundamental nas suas vidas. O trabalho aparece como um importante elemento subjetivamente, possibilitando que elas se sintam satisfeitas como pessoas. Assim, Helena afirmou que entre o amor romântico e o seu trabalho, ela escolheria o seu trabalho. De fato, ela já teve que tomar essa decisão na vida, porém, a possibilidade de encontrar um outro parceiro nunca se fechou.

A respeito da questão de raça, a pesquisa de Bruna Cristina Jaquetto Pereira (2020) sobre as vivências sexo-afetivas de mulheres negras mostra como a indissociabilidade da norma entre feminilidade, raça e classe social opera nas experiências de mulheres entrevistadas por ela. A partir de um relato que marcou consideravelmente uma das mulheres da sua pesquisa, a autora mostra de que maneira algumas características raciais são marcadas simbolicamente como uma impossibilidade de participação efetiva dentro da categoria da feminilidade e/ou elas são significadas dentro de uma associação implícita de branquitude/beleza- negritude/feiura. (PEREIRA, 2020). Na infância da mulher em questão, sua mãe decidiu cortar seu cabelo porque “não dava conta”: “[o] penteado a distanciava dos padrões estéticos femininos, pois ela teria ficado ‘parecendo um menino’. Cabelo curto ‘feio’ porque ‘de menino’ ou cabelo comprido ‘trabalhoso’ e com volume ‘demais’ (PEREIRA, 2020, p. 47).

Assim, desde seus processos de socialização, as mulheres entrevistadas por ela desenvolveram sentimentos de inadequação, deficiência e/ou inferioridade em relação à sua identidade enquanto mulheres (PEREIRA, 2020). Como acompanhamos, nos relatos das nossas

entrevistadas, esses processos de socialização foram reiterativamente legitimados, e mesmos celebrados, sendo decisivos para a consolidação da sua categoria social de mulher. Suas experiências estão marcadas pela conformidade estética racial com os padrões de feminilidade/beleza. Na sua infância, por exemplo, Mariana e Letícia se aproximaram fisicamente do padrão de beleza representado pela Xuxa, a quem elas imitam – elas são brancas e seu cabelo é liso, como os da cantora. Letícia explicitou que, na infância, ela queria ter o cabelo loiro como o da Xuxa, mas isso não foi muito significativo porque, na adolescência, ela se percebe como próxima do padrão. Em contraste, Pereira reconstitui a significação das festas juninas para muitas meninas negras no Brasil:

As festas juninas se convertem para muitas meninas negras em um momento de humilhação ritualizada, em que elas são desprezadas no celebrado jogo afetivo, em que são tratadas como inadequadas para desempenharem papéis modelares de gênero, e no qual a sua rejeição afetiva e “desconformidade” em relação à feminilidade normativa são exibidas publicamente. (PEREIRA, 2020, p. 62)

Essas experiências são fundamentais para as mulheres no seu sucesso ou inadequação na participação dos mandatos de relacionamentos sexo-afetivos heterossexuais. Pereira (idem, p. 47) afirma que, para as suas entrevistadas, “as referências familiares à aparência informaram às mulheres que estar alinhada com o ideal de beleza é fundamental para que consigam atrair um homem como parceiro (Heilborn, 2006a) – o olhar desejante do homem é o que a legitima como mulher (Zanello 2018)”. Ainda segundo a autora, as mulheres internalizam desde a infância o “mito da beleza” (WOLF, 2002 apud PEREIRA, 2020), no qual a proximidade ou distanciamento com os padrões de beleza hegemônica são constitutivos de seu valor como pessoa.

A degradação da humanidade para as mulheres dentro de dinâmicas de sexo instrumental, como indicado pelas feministas radicais, adquire também outras implicações quando se faz uma leitura racial sobre a questão. Para as nossas entrevistadas, o sexo casual não foi motivo de um sentimento de desvalorização como pessoa. Considero que isso tem a ver com a sua proximidade em relação ao padrão de beleza da norma heterossexual e a possibilidade efetiva de viver uma heterossexualidade compulsória. Mariana e Letícia se consideram próximas ao padrão de beleza. Helena se acha bonita e sempre escutou isso de parte das mulheres de seu entorno. Mesmo na adolescência, momento em que ela não queria ser bonita, mas sim inteligente, isso não impede que seja muito popular com os meninos. Quando Helena quis viver um período baseado na experimentação sexual, ela sempre se constituiu enquanto objeto de desejo e afeto para os homens

ao seu redor. Sandra recuperou a autoestima depois do namorado terminar com ela, fase em que se sentiu desejada por outros homens. Na sua vida, as paqueras “fazem parte do rolê” e muitas vezes seus namoros se consolidaram depois de iniciados nesse contexto. Os forrós eram lugares de sociabilidade nos quais a paquera era sempre uma possibilidade para Mariana. Além disso, ela nunca teve “necessidade” de se masturbar porque sempre estava num relacionamento e pensava que a masturbação era só para compensar a falta de sexo.

Em oposição, as mulheres entrevistadas por Pereira se encontram desde a infância, e na adolescência, num lugar de feminilidade “falida”. Pereira escreve:

A expectativa por travar as primeiras interações erótico-afetivas e, com efeito, um relacionamento, acentuam-se com a entrada na adolescência, quando a “capacidade de estabelecer uma relação estável com um membro do sexo oposto” constitui “a principal prova de feminilidade” (Bozon e Heilborn 2006). (PEREIRA, 2020, p. 63)

Essa foi mais uma reiteração da conformidade com os critérios que definem a feminilidade de todas as nossas entrevistadas, como os seus relatos deixaram claro. Na vida adulta, a mulher que talvez tenha vivido uma heterossexualidade menos compulsória foi Juliana que, por sua vez, enfrentou questões em relação a seu sentimento de beleza. Contudo, suas vivências sexo-afetivas se encontram ainda significativamente afastadas das mulheres negras de pele mais escura que circulam por espaços embranquecidos da classe média e alta da pesquisa de Pereira, que experimentaram sentimento de rejeição e solidão recorrente e vivenciaram com angústia as avaliações desiguais entre elas e as mulheres brancas por parte dos homens, geralmente brancos.

A essa rejeição afetiva sistemática se soma a hiper sexualização do corpo da mulher negra na sociedade brasileira (PEREIRA, 2020) que acrescenta às relações heterossexuais entre homens brancos e mulheres negras implicações diferentes daquelas dos relacionamentos sexuais sem vínculos afetivos experimentados pelas mulheres brancas. Como vimos, as reivindicações a favor da expressividade da sexualidade por fora da norma patriarcal foram feitas a partir das condições específicas das opressões na vida das mulheres brancas das classes dominantes. Para a sociedade brasileira, isso se desdobra no imaginário coletivo nacional em dinâmicas variadas de estratificação racial com relação à norma heterossexual. A esse respeito, Pereira assinala: “Enquanto a figura da mulher branca é valorizada como ideal de beleza e parceira legítima, a pele negra é associada a erotismo, com rejeição aos tons de pele mais escuros e traços marcados de afrodescendência” (PEREIRA, 2020, p. 18).

Essas considerações permitem afirmar que, para a heterossexualidade compulsória, tal que teorizadas por Butler, ser operatória, as mulheres precisam também se aproximar dos critérios de branquitude-beleza/feminilidade que lhe são constitutivos, ao menos para camadas médias/altas como informa a pesquisa de Pereira. Se, como sugere Butler, os atributos de gênero são performativos, a norma heterossexual de classe média branca se revela antes de mais nada uma “ficção reguladora”. (ARÁN; PEIXOTO, 2007). A norma cis-heterossexual branca categoriza e organiza os corpos, os desejos e afetos que esses corpos geram ou não. Se a categorização e organização é uma ficção, suas consequências são, no entanto, concretas. Ela atua produzindo os desejos de formação de laços estáveis e as decisões de formar família, formas concretas como bens simbólicos e materiais são distribuídos.

Quando Helena se apaixona instantaneamente por homens, o que ela acredita ser algo espiritual – porque mesmo que todos eles sigam um mesmo padrão, nem todos os homens com essas características têm esse efeito nela –, as pessoas em questão são sempre homens, brancos e de classe média. O efeito de vulnerabilidade, ligado a sentimentos românticos, que esses corpos produzem nela, nunca são sensações que outros corpos a fazem sentir. Assim, a norma constitui os indivíduos e a relacionabilidade entre eles.

A teoria feminista branca apontou incisivamente como a categoria de gênero é decisiva para essa organização social própria de Ocidente. Os paradoxos dos debates produzidos sobre gênero e sexualidade no feminismo da segunda onda são constitutivos dos paradoxos inerentes à noção de indivíduo no pensamento liberal. Os debates das guerras do sexo cristalizaram, de modo paradigmático, as implicações das tensões entre as prerrogativas feministas da igualdade vs prerrogativa feministas da diferença.

Para Joan Scott:

Escrever a história do feminismo como se fosse simplesmente uma questão de escolher a estratégia correta - igualdade ou diferença - implica dizer que uma ou outra dessas opções realmente existia, e que uma solução o fechamento da questão era e é, em última análise possível'. (SCOTT, 2002, p. 47 apud MARIANO, 2005, p. 500).

Através das trajetórias sexo-afetivas de nossas mulheres foi possível reconhecer como esses paradoxos se expressam e ao mesmo tempo significam as suas experiências. Essa é a ambiguidade do gênero, a qual se refere De Lauretis. Ela faz parte das vivências das mulheres e do pensamento feminista, já que “a construção de gênero é o produto e o processo tanto da representação quanto

da autorrepresentação’ (DE LAURETIS, 1996, p. 217 apud MARIANO, 2005, p. 502). Isso faz parte da condição da Mulher e das mulheres nas suas relações sociais reais e é a sua contradição irreconciliável (MARIANO, 2005): “[a]s mulheres se situam tanto dentro quanto fora do gênero, isto é, ao mesmo tempo dentro e fora da representação” (DE LAURETIS, 1994, p. 217, apud MARIANO, 2005, p. 502). Se as teorizações queer procuraram reformular as dinâmicas de consolidação do poder, propondo a conceitualização de um sujeito histórico múltiplo e contraditório, constituído na multiplicidade de posições, sexo e gênero, em última instância, seguem sendo priorizados acima de outros marcadores sociais.

Entretanto, para De Lauretis, as tensões da ambiguidade de gênero são a condição fundante da produtividade da teoria feminista:

[...] apesar das divergências, das diferenças políticas e pessoais, e da angústia que acompanha os debates feministas dentro e além das linhas raciais, étnicas e sexuais, devemos ser encorajadas pela esperança de que o feminismo continue a desenvolver uma teoria radical e uma prática de transformação sociocultural. Para que isso ocorra, entretanto, a ambiguidade do gênero deve ser mantida – o que é um paradoxo apenas aparente. Não podemos resolver ou eliminar a incômoda condição de estar ao mesmo tempo dentro e fora do gênero. (DE LAURETIS, 1994, p. 219, citado em MARIANO, 2005, p. 502-503 "grifos meus").

Seguindo as trajetórias sexo-afetivas relatadas pelas participantes, vemos aparecendo e se entrelaçando distintos aspectos das implicações da ordem simbólica do gênero e sexo hoje em dia. A diferença da nítida polarização que foi esboçada pelas teorizações feministas, nas suas formulações radicais e pró-sexo, as vivências concretas das mulheres entrevistadas mostram com especial força uma gradação constante entre situações de prazer e situações de controle do corpo e a sexualidade feminina. Um vai e vem que persiste em se desenvolver sem direção definida, onde uma mesma situação se encontra diante de uma encruzilhada entre satisfação pessoal e subordinação. Trata-se de uma configuração que aparece tensionada de maneira constante, tendo na sua origem a divisão simbólica com a qual a categoria de mulher e a sua sexualidade foi definida no ocidente.

As narrativas das mulheres que participaram da pesquisa deixam de manifesto as formas como mulheres do seu universo social no Brasil – mulheres brancas, de classe média, heterossexuais, e sensibilizadas com as distintas reivindicações feministas – vivem na própria pele os paradoxos de se constituir enquanto sujeitos mulheres. Contudo, a divisão histórica de mulher e

sua sexualidade tem sofrido importantes transformações. O movimento feminista tem sido parte ativa nas disputas narrativas na base de ditas transformações. Podemos pensar como indício disto que de uma ordem simbólica pré-revolução sexual onde a mulher é pensada como assexual, encontramos em nossos relatos algumas mulheres que compartilham a sensação de se sentirem como ‘extraterrestres’ por não terem prazer ou desejo sexual. Porém, o modelo da heterossexualidade não parece se deslegitimar, ele atravessa essas mudanças redefinindo-se dentro de um marco liberal que procura uma maior igualdade entre sujeitos homens e sujeitos mulheres.

Os sujeitos mulheres procuram, assim, abrir brechas e desestabilizar a hierarquia entre os gêneros sem que estes percam a sua lógica de complementaridade e a interdependência dos laços sexo-afetivos. A ordem dicotômica entre o sujeito feminino e sujeito masculino continua sendo a base de duas categorias de indivíduos distintos, as quais por sua vez mantêm a primazia simbólica e concreta da construção de laços de família, acima de relacionamentos alheios a essas categorias. Sejam estas categorias de gênero não-hegemônico, de raça, de classe ou com não-humanos. A legitimação, hegemonia e reiteração dessa ordem nas nossas sociedades se fundamentam como inscritas na ordem do natural.

Dessa forma, o estudo procurou rastrear, ao longo das suas vidas, alguns mecanismos da reiteração permanente e consolidação da normatividade de gênero. Contudo, mesmo se a identidade mulher para nossas entrevistadas se mostra como contingente e dinâmica, disputando os regimes discursivos da feminilidade, a normalidade da identidade se encontra solidamente ancorada no eixo sexo-gênero-sexualidade, que confere de maneira muito eficaz a ilusão da naturalidade a suas vivências. De fato, são histórias únicas, mas às quais estamos todos de certo modo acostumados. Isto porque a sua estrutura profunda se perpetua nos diferentes âmbitos e produções culturais que operam como marco dos processos simbólicos de formação. Assim, considero que as nuances de suas experiências podem se revelar menos estáveis, realizando uma comparação com identidades não-hegemônicas. Como foi exposto, a ficção ocidental da categoria cis heterossexual se articula indissociavelmente em paralelo aos marcadores de raça e classe.

Desse jeito, este trabalho pode contribuir para análises que realizem um exercício comparativo com indivíduos não-normativos no que diz respeito ao seu gênero, mas também com mulheres de outras classes sociais, mulheres racializadas, ou mesmo mulheres cis-heterossexuais brancas de classe média que se identifiquem como não-feministas.

REFERÊNCIAS

AMORÓS PUENTE, C. Dimensiones de poder en la teoría feminista. **Revista Internacional de Filosofía Política**, v. 25, p. 11–34, 2005.

ANZALDÚA, G. **Borderlands/la Frontera**. San Francisco, CA: Aunt Lute Books, 1987.

ARÁN, M.; PEIXOTO JÚNIOR, C. A. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 129–147, 2007.

BELLIER, I. Du lointain au proche : Réflexions sur le passage d'un terrain exotique au terrain des institutions politiques. In: GHASARIAN, C. (Ed.). **De l'ethnographie à l'anthropologie réflexive : nouveaux terrains, nouvelles pratiques, nouveaux enjeux**. Paris, France: Armand Colin, 2002. p. 1–15

BUTLER, J. P. **Bodies that matter: On the discursive limits of sex**. London, England: Routledge, 1993.

_____. **Gender trouble: Feminism and the subversion of identity**. 2. ed. New York: Routledge, 2007.

_____. Imitation and Gender Insubordination. In: ABELOVE, H.; BARALE, M. A.; HALPERIN, D. M. (Eds.). **The Lesbian and Gay Reader**. New York: Routledge, 1993

_____. **The psychic life of power: Theories in subjection**. Palo Alto, CA, USA: Stanford University Press, 1997.

CAMERON, J. J. **Reconsidering radical feminism: Affect and the politics of heterosexuality**. Vancouver, BC, Canada: University of British Columbia Press, 2018.

CLOUGH, P. T. The Hybrid Criticism of Patriarchy: Rereading Kate Millett's Sexual Politics. **The sociological quarterly**, v. 35, n. 3, p. 473–486, 2005.

DAUSTER, T. A Invenção do Amor: Amor, Sexo e Família em Camadas Médias Urbanas. In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 4., 1984, Águas de São Pedro-SP. **Anais...** São Paulo: ABEP, 1984.

DE ALMEIDA, M. DA C. L. **As obrigações do amor: Um estudo sobre as relações de gênero e poder com mulheres de camadas médias urbanas nascidas no início do século XX**. Recife: UFPE, 2009

_____. **Em busca da igualdade: Um estudo de casais de camadas médias urbanas no Recife**. Recife: UFPE, 1988

DE LAURETIS, T. La tecnología del género. **revista Mora**, v. 2, p. 6–34, 1996.

DE SANTO, M. Modos de construir género: de la performance a la performatividad. In: **Dos lecturas sobre el pensamiento de Judith Butler. Espectros beauvoirianos en la obra de Judith Butler. Modos de construir género: de la performance a la performatividad.** Córdoba, Argentina: Editorial Universitaria Villa María, 2015.

DUGGAN, L.; HUNTER, N. **Sex wars: Sexual dissent and political culture.** London, England: Routledge, 1995.

FERGUSON, A. Sex war: The debate between radical and libertarian feminists. **Signs**, v. 10, n. 1, p. 106–112, 1984.

GARCIA, A. P. El feminismo radical de los setenta, Kate Millett. In: AMORÓS, C. (Ed.). **. Historia del pensamiento feminista.** Madrid, España: Instituto de investigaciones feministas, 1994.

GERHARD, J. F. **Desiring revolution: Second-wave feminism and the rewriting of American sexual thought, 1920 to 1982.** Nova Iorque, NY, USA: Columbia University Press, 2001.

HARAWAY, D. J. **Staying with the trouble: Making kin in the chthulucene.** Durham, NC: Duke University Press, 2016.

HEILBORN, M. L. Youth, sexuality, and the family in contemporary Brazil. Em: **Handbook of the Sociology of Youth in BRICS Countries.** [s.l.] WORLD SCIENTIFIC, 2018. p. 419–437.

HOOKS, B. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 16, p. 193–210, 2015.

HUNGERFORD, N. **Identifying the Limits of Sexual Liberation.** State University of New York: University at Albany, 2016.

KUMOR, K.; MOSZCZYNSKA, K. Mecanismos psíquicos del poder y la violencia simbólica en el teatro de Paloma Pedrero. **Sociocriticism**, v. 24, n. 1–2, p. 305–336, 2009.

LEOPOLDO, R. **Cartografia do pensamento queer.** BA, Brasil: Editora Devires, 2021.

LOYOLA, M. A. A antropologia da sexualidade no Brasil. **Physis (Rio de Janeiro, Brazil)**, v. 10, n. 1, p. 143–167, 2000.

LUGONES, M. Colonialidad y género. **Tabula rasa**, n. 9, p. 73–101, 2008.

MARIANO, S. A. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p. 483–505, 2005.

MEINERZ, N. E. **Estudo etnográfico sobre a parceria homoerótica feminina em segmentos médios na cidade de Porto Alegre.** Porto Alegre : UFRGS, 2005.

MORAGA, C.; ANZALDUA, G. (EDS.). **This bridge called my back, fourth edition: Writings by radical women of color**. 4. ed. Albany, NY: State University of New York Press, 2015.

NEWMAN, L. M. Coming of Age, but Not in Samoa: Reflections on Margaret Mead's Legacy for Western Liberal Feminism. **American Quarterly**, v. 48, n. 2, p. 233–272, 1996.

OYEWUMI, O. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the Challenge of African Epistemologies. **JENdA: A Journal of Culture and African Women Studies**. 2.1, 2002.

PARKER, R. G. **Bodies, pleasures, and passions: Sexual culture in contemporary Brazil**. 2. ed. Nashville, TN, USA: Vanderbilt University Press, 2009.

PEREIRA, B. C. J. **Dengos e zangas das mulheres-moringa: Vivências afetivo-sexuais de mulheres negras**. East London, UK: Ubiquity Press (Latin America Research Commons, 2020

PERONA, Á. J. El feminismo liberal estadounidense de posguerra: Betty Friedan y la refundación del feminismo liberal. In: AMORÓS, C.; DE MIGUEL, A. (Eds.). **Teoría feminista: de la ilustración a la globalización del feminismo liberal a la posmodernidad**. Vol. 2. Madrid, España: Editorial Biblioteca Nueva, 2014. p. 13–34.

RAMON, A. C. **El patriarcado y sus mecanismos de reproducción en Kate Millet. Notas para comprender la sociedad patriarcal**. Palma, España: Universitat de les Illes Balears, 2020.

ROGAN, F.; BUDGEON, S. The Personal is Political: Assessing Feminist Fundamentals in the Digital Age. **Social Sciences**, v. 7, n. 8, 2018.

SALEM, T. A família em cena: uma leitura antropológica da dramaturgia de Nelson Rodrigues In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 4., 1984, Águas de São Pedro-SP. **Anais...** São Paulo: ABEP, 1984.

SALIH, S. On Judith Butler and Performativity. In: LOVAAS, K. E.; JENKINS, M. M. (Eds.). **Sexualities and communication in everyday life**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2007. p. 55–68.

SANTARELLI, Natalia. **Categorías de género, experiencia y subjetividad en el pensamiento de Teresa de Lauretis. La potencia del acompañamiento socorrista en la construcción de género**. Villa Universidad Nacional, de Villa María, 2016.

SCHNEIDER, D. M. **American kinship: A cultural account**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1980.

SILVA, N. M. Freud e a atualidade de 'O mal-estar na cultura'. **Analytica: Revista de Psicanálise**, v. 1, p. 45-72, 2012.

SARDENBERG, C. Um diálogo possível entre Margaret Mead e Simone de Beauvoir. In: DA MOTTA, A. B.; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (Eds.). . **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA Coleção Bahianas no. 5, 2000. p. 75–107.

DE BEAUVOIR, S. *The Second Sex* and American feminism. **Les Temps Modernes**, v. 647–648, n. 1–2, p. 413–420, 2008. URL: <https://www.cairn.info/revue-les-temps-modernes-2008-1-page-413.htm>

STOLCKE, V. O enigma das interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade: a formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Estudos feministas**, v. 14, n. 1, p. 15–42, 2006.

STRATHERN, M.; SANTARRITA, M.; HEILBORN, M. L. Necessidade de País, Necessidade de Mães. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 303–329, 1995.

TRUJILLO, G. **El feminismo queer es para todo el mundo**. Madrid, España: Los Libros de La Catarata, 2022.

VANCE, C. S. Pleasure and danger: Towards a Politics of Sexuality. In: VANCE, C. S. (Ed.). **PLEASURE and DANGER: Exploring female sexuality**. Boston, London, Melbourne and Henly: Routledge & Kegan Paul PLC, 1984. p. 1–27.

VOROS, F. L’anthropologie queer de Gayle Rubin: À propos de : Gayle Rubin, Surveiller et jouir. Anthropologie politique du sexe, Epel, coll. Les classiques de l’érotologie, 2011. **Lectures**, 2011.

ZAMBRINI, L.: IADEVITO P. Feminismo filosófico y pensamiento post-estructuralista: teorías y reflexiones acerca de las nociones de sujeto e identidad femenina. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, Núm. 2 (2009) ISSN 1984-6487 / n.2 2009 pp.162-180 / www.sexualidadsaludysociedad.org